

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Vera Lucia Muniz Bassoi

**COMUNICAÇÃO E PENSAMENTO SISTÊMICO: UM ESTUDO SOBRE
“CONSTELAÇÕES FAMILIARES”**

Sorocaba/SP

2016

Vera Lucia Muniz Bassoi

**COMUNICAÇÃO E PENSAMENTO SISTÊMICO: UM ESTUDO SOBRE
“CONSTELAÇÕES FAMILIARES”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva.

Sorocaba/SP

2016

Ficha Catalográfica

B323c Bassoi, Vera Lucia Muniz
Comunicação e pensamento sistêmico : um estudo sobre “constelações familiares” / Vera Lucia Muniz Bassoi. -- 2016.
124 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Cristina Carlos Silva
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2016.

1. Comunicação interpessoal. 2. Psicoterapia familiar. 3. Comunicação na família. 4. Terapia sistêmica (Terapia familiar). I. Silva, Miriam Cristina Carlos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Vera Lucia Muniz Bassoi

**COMUNICAÇÃO E PENSAMENTO SISTÊMICO: UM ESTUDO SOBRE
“CONSTELAÇÕES FAMILIARES”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Profa. Dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba

Aos meus pais, que me deram a vida; eu
os tomo no meu coração;

ao meu marido, Emilio, pela jornada de 47
anos juntos e pelos filhos que temos;

ao aborto espontâneo da nossa primeira
gravidez;

aos filhos Iramaia, Andiara e Adriano pela
continuidade da nossa vida neles;

à netinha Gabriela que é a renovação da vida
na família e

aos genros Ricardo e Charles e à nora Pâmela,
por fazer parte da felicidade da vida dos
nossos filhos.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que exprime os meus sentimentos diante desta oportunidade ímpar que me foi dada pelo Ser Supremo, oportunidade de realizar este estudo e poder contribuir com as minhas ideias, intuições, reflexões que poderão servir de ponto de partida para novas pesquisas na área da comunicação e cultura.

Gratidão à tão querida orientadora Prof^ª Dra Míriam Cristina Carlos Silva que, sem ela, certamente eu não teria confiado que poderia dar conta da empreitada. Ela, não só demonstrou excelência naquilo que faz como orientadora, como confiou, estimulou, pacientemente estudou o assunto das constelações que era desconhecido para ela. Mostrou-se inteiramente interessada em conhecer o meu trabalho, inclusive indo assistir uma sessão e até se sujeitando ao trabalho com os bonecos para poder sentir, vivenciar, experimentar e compreender tudo aquilo que eu trazia no meu arcabouço de consteladora que procurava pontos de confluência com a comunicação e cultura.

Gratidão à tão querida Prof^ª Dra Monica Martinez que por mim foi escolhida, desde o início, para fazer parte da banca desta dissertação. A escolhi por perceber o interesse que ela demonstrou, de imediato, em conhecer a constelação familiar. Ela contribuiu com indicações importantes de material que poderia servir para o meu assunto e, se isso não bastasse, juntamente com o Prof. Dr. Paulo Silva, coordenador da área de comunicação e cultura da UNISO, escreveu um artigo científico sobre a Fenomenologia e, secretamente, o dedicou a mim. Ambos sabiam da minha necessidade em compreender o método fenomenológico. Gratidão também ao Prof. Paulo por ter aceito o meu projeto dentro dessa área.

Gratidão ao admirável Prof. Dr José Eugênio de Oliveira Menezes, que saindo da sua rotina de professor na Faculdade Cásper Líbero, se dignou a vir até Sorocaba para atender o pedido de participar da banca. Como escritor, o professor muito contribuiu com seus textos. Como participante da banca para a qualificação, teve um trabalho enorme de ler e analisar detalhadamente todo o trabalho por mim apresentado, fez várias críticas construtivas e sugestões importantes as quais segui considerando o quanto melhoraria a qualidade do trabalho. Também o escolhi desde o início, a partir da resposta que me deu quando fui participar de um seminário na Faculdade Cásper Líbero: perguntei se ele achava possível e aceitável o fato de eu querer introduzir conceitos da Física Quântica e hipóteses de Rupert Sheldrake na dissertação de mestrado na área da comunicação e cultura. Respondeu-me, mais ou menos assim: — Se nós, comunicólogos, não aceitarmos, estaremos sendo contraditórios com nossa proposta de que tudo é comunicação.

Gratidão à Prof^ª Dra Maria Ogécia Drigo pela sugestão do título, tão melhor adaptado, em substituição àquele que havíamos escolhido, e também, foi ela a primeira pessoa que me fez saber sobre a existência e contribuição de Gregory Bateson.

“Graças à reconsideração e à nova inserção da corporeidade como ponto de partida e de chegada de toda comunicação, podemos dizer que a matéria-prima dos processos comunicacionais não é a informação, mas sim o amor”.

Norval Baitello Junior

RESUMO

A pesquisa tem como tema a comunicação sob a perspectiva do pensamento sistêmico, na confluência do pensamento filosófico de Bert Hellinger, criador das Constelações Familiares. Com o objetivo geral de compreender a comunicação interpessoal no âmbito familiar e específicos de explicitar os ruídos que interferem na comunicação entre familiares, bem como demonstrar que a Constelação Familiar pode amenizar tais ruídos, buscamos contribuições no pensamento sistêmico de Bateson e nos conceitos de campo mórfico e ressonância mórfica, dados por Rupert Sheldrake. Também nos apoiamos, nas discussões sobre a comunicação, em Norval Baitello Júnior, entre outros. Para alcançar tais objetivos, apresenta-se um caso clínico, que se vale de bonecos para representar familiares da pessoa que recebe atendimento individual, sendo que a narrativa tem um papel preponderante e, em seguida, analisamos essa mesma sessão considerando os conceitos mencionados. A relevância desta pesquisa está na possibilidade de tratar a comunicação interpessoal, no âmbito familiar, na perspectiva do pensamento sistêmico.

Palavras-chave: Comunicação interpessoal. Pensamento sistêmico. Constelação familiar. Narrativa. Ruído.

ABSTRACT

The subject of this research is the communication from the systemic thinking perspective, at the confluence of the philosophical thoughts of Bert Hellinger – creator of Family Constellations. With the overall objective of understanding interpersonal communication within the family environment, and specific objectives of explaining noises that interfere with communication among family members, as well as demonstrating how Family Constellations can minimize such noises, we borrow academic contributions from Bateson's systemic thinking and Rupert Sheldrake's concepts of 'morphic field' and 'morphic resonance'. We also seek support to our discussion about communication on Norval Baitello Júnior's work, among others. In order to achieve these goals, one clinical case is presented, namely the use of dolls to represent family members of the person who is being individually counselled -bearing in mind that the narrative itself plays a key role- so that we can then analyze the development of that session through the aforementioned concepts. The relevance of this research is the possibility of dealing with interpersonal communication, within the family, from the systemic thinking perspective.

Keywords: Interpersonal Communication. Systemic Thinking. Family Constellation. Narrative. Noises.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema la comunicación desde la perspectiva del pensamiento sistémico, en la confluencia del pensamiento filosófico de Bert Hellinger, el creador de las Constelaciones Familiares. Con el objetivo general de comprender la comunicación interpersonal en el seno familiar, y objetivos específicos de explicitar los ruidos que interfieren en la comunicación entre miembros de la familia, así como el de demostrar de qué manera la Constelación Familiar podría ablandar tales ruidos, hemos buscado contribuciones en el pensamiento sistémico de Bateson y en los conceptos de ‘campo mórfico’ y ‘resonancia mórfica’ desarrollados por Rupert Sheldrake. También nos apoyamos, en las discusiones sobre comunicación, en el trabajo de Norval Baitello Junior, entre otros. Para lograr tales objetivos se presenta un caso clínico en lo cual son utilizados muñecos para representar a los miembros de la familia de la persona que recibe el atendimento individualizado, en el que la narrativa juega un papel preponderante, y a continuación analizamos dicha sesión teniendo en cuenta los conceptos anteriormente presentados. La relevancia de este proyecto es la posibilidad de discutir la comunicación interpersonal, en el seno familiar, desde la perspectiva del pensamiento sistémico.

Palabras claves: Comunicación interpersonal. Pensamiento sistémico. Constelación familiar. Narrativa. Ruido.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bert Hellinger	53
Figura 2 – Gregory Bateson	56
Figura 3 – Estimulação e Frustração	87
Figura 4 – Cliente treinando o toque nos bonecos	99
Figura 5 – Configuração inicial	100
Figura 6 – Posicionamento do ex-namorado	100
Figura 7 – A cliente foi ao encontro do ex-namorado	101
Figura 8 – O marido vira-se de costas	101
Figura 9 – A cliente se afasta do ex-namorado	102
Figura 10 – A cliente caminha em direção ao marido	103
Figura 11 – O marido vira-se de frente para a cliente	103
Figura 12 – O marido cai aos pés da cliente	104
Figura 13 – A cliente vai se desculpar com o marido	106
Figura 14 – Jesus Cristo	108
Figura 15 – Preparação para a constelação	110
Figura 16 – Posicionamento da cliente	110
Figura 17 – Vera Bassoi ao lado do Prof. Phd Rupert Sheldrake em 11/07/2016	118

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PENSAMENTO CARTESIANO E PENSAMENTO SISTÊMICO.....	15
2.1	Campos mórficos e ressonância mórfica	22
3	AS CONSTELAÇÕES FAMILIARES SISTÊMICAS SEGUNDO BERT HELLINGER.....	30
3.1	Aplicação das constelações em outros sistemas sociais e o alcance das constelações no mundo	46
3.2	Evolução das dinâmicas das constelações familiares	48
4	CONVERGÊNCIAS ENTRE BERT HELLINGER E GREGORY BATESON	53
4.1	Bert Hellinger	53
4.2	Gregory Bateson	56
4.3	Sobre as convergências	62
5	A COMUNICAÇÃO E AS CONSTELAÇÕES.....	65
5.1	Capilaridade e interconectividade	68
5.2	Ambiência e vinculação.....	78
6	A CONSTELAÇÃO COM BONECOS NA SESSÃO INDIVIDUAL: NARRATIVA DE UM CASO CLÍNICO.....	92
6.1	Análise do caso clínico à luz do processo comunicativo	107
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS	119
	EPÍLOGO	124

1 INTRODUÇÃO

Diplomamo-nos em Ciências Sociais e Políticas em 1969 e já, em 1970, iniciamos o curso de Pós-Graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. O que hoje é chamado TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – era considerado “tese de mestrado”. Como socióloga, escolhi o tema “A Influência da Televisão na Família Brasileira”, pois havia pouco que a televisão estava capturando a atenção das pessoas e, como era novidade, um aparelho custava bem caro, além de ser grande e ocupar um bom espaço dentro de casa. Não era qualquer pessoa que possuía um desses aparelhos. Estávamos vivendo o momento ideal para fazer essa pesquisa de campo que favorecia um estudo comparativo-quantitativo.

Nossa pesquisa estava em andamento quando, por motivos pessoais de saúde, tivemos que abandonar, no meio do percurso, o trabalho que se tornaria nossa tese de mestrado. Algum tempo depois, tendo nos restabelecido, fomos chamadas para ministrar aulas de Metodologia Científica e Métodos e Técnicas de Pesquisa na Faculdade São Marcos, em São Paulo. Essas matérias acabavam de entrar como obrigatórias em todos os cursos universitários, e não havia oferta de professores preparados para assumirem tais disciplinas. Nosso currículo apontava vantagem nesse campo, com a nota máxima nos créditos vencidos durante o curso de pós-graduação. Naquela época, pouquíssimas eram as pessoas que faziam pós-graduação, pois as regras do MEC e do Conselho Federal de Educação eram completamente diferentes das que são hoje, ou seja, não havia a obrigatoriedade do professor universitário ter feito pós-graduação, muito menos mestrado ou doutorado.

Acomodamo-nos na vantagem que nos foi dada, e nunca mais voltamos a pensar na possibilidade de fazer o mestrado. A experiência como professora universitária tomou conta e preencheu a nossa vida. Com o tempo, fomos passando por diferentes papéis sociais no âmbito pessoal, porém, o que permaneceu constante foi o nosso papel profissional, que continuou o mesmo desde 1971 até os dias de hoje, mesmo já tendo nos aposentado. Fomos e somos professoras, ainda que houve uma mudança significativa nos conteúdos por nós transmitidos. Ávidas por adquirir mais conhecimento sobre outras áreas científicas, passamos das Ciências Sociais para as Ciências Naturais e Ciências Exatas (Matemática), para então chegarmos ao estudo do psiquismo, da mente e da alma, que constituem o ser humano integral (Psicanálise, Psicossomática, Psicologia Transpessoal).

Passaram-se anos para que tudo isso ocorresse, e nós ainda estávamos em busca de algo que não sabíamos bem o que era, até que compreendemos que o que buscávamos era a síntese. Só compreendemos isso quando encontramos a Constelação Familiar.

Tendo conhecido as Constelações Familiares em 2003 e estudado a teoria desenvolvida por Bert Hellinger, percebemos que o foco principal de toda a proposta conceitual, que envolve o uso da técnica, são as dificuldades existentes no relacionamento humano. Hellinger propôs a existência de leis fundamentais que regem o relacionamento entre os seres humanos, leis essas que ele denominou de “As Ordens do Amor”. São apenas três, porém são abrangentes e profundas, e do cumprimento delas dependem todas as questões que permeiam a vida, desde o nascimento até a morte. Nascermos dentro de uma família, que é a célula básica da sociedade. Nosso corpo cresce e se desenvolve de acordo com leis biológicas e naturais. A personalidade se forma, o aprendizado se dá, os costumes se adquirem, a mente torna-se lógica, adaptamo-nos a um mundo material e buscamos também o imaterial, o transcendental para dar sentido à vida e à morte que um dia chegará para todos. Colocamo-nos em conexão com o imanente e o transcendente, com tudo e com todos, com os vivos e com os mortos, com o presente, o passado e o futuro, com o que é permanente e o que é impermanente. O que faz com que a nossa vida flua é o fato de nos colocarmos a serviço do Amor. Assim é que percebemos o caminho que as constelações percorrem para ampliar a mente das pessoas e proporcionar a aceitação e gratidão pela vida que nossos pais nos deram.

Quando relacionamos tudo isso, o *insight* tornou-se evidente: As três leis sistêmicas que constituem “As Ordens do Amor” são, a nosso ver, exatamente as bases da Comunicação, conceituadas de outra maneira, com vocabulário específico e com enfoque diferente daquilo que as teorias da comunicação propõem. Levando em conta essas relações, este nosso trabalho tem como propósito encontrar, a partir das Constelações Familiares, possíveis pontos de convergência com um modelo de Comunicação Sistêmica, que permita problematizar os paradigmas comunicacionais sob o viés do Pensamento Sistêmico. Para isso, adotamos a fenomenologia como método, acompanhada de pesquisa bibliográfica. Como base teórica, dialogamos principalmente com Hellinger e Sheldrake, no que diz respeito às Constelações; com Bertalanffy e Bateson para o Pensamento Sistêmico e, finalmente, com Pross, Flusser, Baitello Junior, Menezes, Martinez e Silva na área da Comunicação e Cultura. Nas Constelações Familiares, o propósito da técnica é trazer à consciência a nossa necessidade inconsciente de manifestarmos um sintoma e de nos agarrarmos nele, sendo que racionalmente isto se apresenta como um paradoxo. Segundo diversos autores aqui referendados, todo ser humano nasce com a necessidade de ser visto, ouvido, amado e de

pertencer. Temos um corpo que se vincula ao ambiente, tanto externo quanto interno. A Comunicação Sistêmica propõe exatamente o que vem ao encontro da necessidade humana, por meio da interação, da vinculação, da ambiência, da capilaridade, do olhar, da escuta e das narrativas, itens estes, todos encontrados nas Constelações Familiares. Acrescente-se, ainda, a importância que Baitello dá à relação espaço/tempo tão relevantes nas constelações familiares que mostram a grande influência das heranças transgeracionais dentro do sistema. Segundo a Comunicação Sistêmica, surge um sintoma quando há um viés, um ruído, uma desordem dentro do sistema, a qual também pode ocorrer na comunicação entre os membros familiares. Assim, o que esperamos conseguir, por meio deste trabalho, é uma leitura complexa e dialógica da comunicação nas constelações familiares, que permita ampliar a compreensão dos paradigmas comunicacionais sob uma perspectiva transdisciplinar. Esperamos ainda que as ciências da comunicação possam contribuir para uma compreensão diferenciada das práticas terapêuticas concretizadas pelas constelações familiares, principalmente no atendimento individual que privilegia a atenção plena, a narrativa e a cultura do ouvir. Essa nova técnica terapêutica que visa restabelecer o bem estar dentro do sistema, é uma concepção sistêmica das redes relacionais complexas, ou seja, da comunicação sistêmica que atua como um processo de honrar e reverenciar os antepassados, de incluir os excluídos, de proporcionar a reconciliação, o perdão, resgate, aceitação, gratidão, e permitir que cada membro do sistema encontre o seu devido lugar.

E nós, aqui e agora, olhando para o passado, pudemos ver que em 1970 já estávamos dentro da área da comunicação sem que tivéssemos a consciência, e mais, na intenção de entrecruzar a visão sistêmica de comunicólogos com consteladores, retomamos a ideia do mestrado, que há 46 anos foi abortada, para então podermos propor a realização de um trabalho científico. Assim, nos sentimos fazendo um resgate.

Para que o leitor possa acompanhar de uma forma confortável a sequência do raciocínio que imprimimos nesta dissertação, apresentamos aqui a estrutura dos capítulos que a compõe. O capítulo 1 já foi a introdução que ora findamos com esta relação dos capítulos. No capítulo 2, antes de entrarmos diretamente no “pensamento sistêmico”, achamos por bem fazer uma passagem pelo modelo de raciocínio científico vigente por quase três séculos, o raciocínio mecanicista (pensamento cartesiano). O que concorreu para a mudança de paradigma foi a Teoria Geral dos Sistemas, proposta por cientistas multidisciplinares, entre eles estava Bateson, e sistematizada como disciplina científica por Ludwig Von Bertalanffy. No capítulo 2.1 lançamos duas perguntas fundamentais: “Onde se localiza a mente?”, e “A mente está confinada ao cérebro?” Para responder a primeira questão, consultamos Karl

Pribram, que foi um eminente neurofisiologista e, para a segunda questão, Rupert Sheldrake, biólogo e bioquímico, reconhecido internacionalmente pelas suas hipóteses sobre os campos mórficos e ressonância mórfica. Nele encontramos a resposta que explica o fenômeno que acontece nas constelações em geral. O capítulo 3 traz a explicação do que é a Constelação Familiar e como ela opera. Seu proponente, o alemão Bert Hellinger, essencialmente filósofo e psicoterapeuta, sistematizou e teorizou aquilo que outros terapeutas já estavam utilizando empiricamente. É fundamental o uso do método fenomenológico para se trabalhar com as constelações. Informamos no capítulo 3.1, que as constelações familiares se estenderam para as empresas e organizações, para o ambiente escolar e ultimamente para o setor jurídico (Constelações Organizacionais, Pedagogia Sistêmica e Direito Sistêmico). Ainda nesse capítulo, nos referimos a expansão das constelações no mundo. As constelações já alcançaram 53 países, segundo os dados que nos foram disponibilizados no México em 2014. Sentimos necessidade de falar, no capítulo 3.2, sobre as alterações que as constelações familiares sofreram desde o seu nascimento, até os dias de hoje. Todas as modificações foram realizadas pelo próprio Hellinger, porém, na última atualização destaca-se a influência de sua segunda esposa, Marie Sophie. No capítulo 4 buscamos relacionar a experiência de vida, a visão sistêmica e as propostas teóricas de Bert Hellinger com Gregory Bateson. No capítulo 4.1 está a biografia de Bert Hellinger, e no capítulo 4.2 a biografia de Gregory Bateson. Fizemos a análise das convergências entre eles, no capítulo 4.3, objetivando uma comparação entre os fatos da vida familiar de Hellinger e de Bateson, assim como as experiências pessoais e profissionais de ambos, onde encontramos similitudes em diversos pontos do *script* de cada um. No capítulo 5, procuramos abordar as relações entre a comunicação e as constelações familiares. Para tanto, como o assunto é muito extenso, subdividimos em 5.1 - os conceitos de capilaridade e interconectividade, e 5.2 - ambiência e vinculação – na perspectiva, principalmente, de Norval Baitello Junior, Flusser e Menezes. No capítulo 6, explicamos como se dá uma constelação individual com bonecos e qual a diferença da técnica tradicional de Sieglinde Schneider com a técnica por nós desenvolvida. Narramos uma constelação realizada na sessão individual utilizando a técnica do “Movimento do Espírito, através dos bonecos, nas constelações individuais”. No capítulo 6.1 procedemos à análise do caso clínico à luz do processo comunicativo. A seguir, no capítulo 7, apresentamos nossas considerações finais e, por último, todas as referências que foram usadas neste trabalho.

2 PENSAMENTO CARTESIANO E PENSAMENTO SISTÊMICO

As ciências tiveram seu berço na Filosofia, palavra essa que quer dizer “Amigo da Sabedoria”. A necessidade de buscar respostas para as questões da vida, para tudo que estava fora, no entorno do ser humano, como tudo que estava dentro, fez com que surgissem as indagações: quem somos nós, de onde viemos, para onde vamos, como surgiu a vida, como surgiu o universo, por que existe a morte, o que existe além do que nossos olhos alcançam, quem criou tudo o que existe, o que é a luz, o que faz com que os objetos sejam atraídos para a terra, o que é o sol, a lua, as estrelas, a chuva, o vento, as pedras, o ar que respiramos e assim por diante. Inumeráveis perguntas; limitadas capacidades de se encontrar respostas usando apenas a razão. Sócrates foi, possivelmente, o primeiro a colocar claramente a questão da autognose (autoconhecimento), ao propor a tão conhecida frase: — “Homem, conhece-te a ti mesmo”. Essa frase foi fixada na porta de entrada do oráculo de Delfos, do qual hoje, só restam as ruínas. No entanto, a frase se eternizou. Sócrates forçava seus discípulos a raciocinarem, e para isso fazia uso de um método por ele denominado de *maiêutica* que quer dizer: “arte de dar à luz os espíritos”. Quando os discípulos lançavam alguma pergunta, ele sempre retrucava com outra pergunta. Nunca respondia na afirmativa, pois o tempo todo ele instigava o raciocínio nas pessoas. Considerava que o homem é um ser capaz de dar respostas racionais às perguntas racionais. Lembramos que Aristóteles definiu o homem como um animal racional. Temos, então, que a razão é uma prerrogativa humana (MARITAIN, 1966).

Pela razão, fazemos uso do raciocínio que é o encadeamento de vários pensamentos numa sequência lógica, os quais irão nos levar a uma conclusão. Quando estamos raciocinando, com pensamentos sequenciais, lineares, que tem um começo, meio e fim, isso poderá nos levar a formulação de hipóteses para trabalhos científicos. Grandes filósofos tornaram-se os primeiros cientistas, pois criaram a Lógica e as Matemáticas, as quais constituem aquilo que se denomina de “Ciências Exatas”. Curiosamente são consideradas “exatas”, apesar de terem resultado primordialmente da razão. Queremos pontuar aqui que não foi só com a razão que foram constituídas, mas também, e talvez muito mais, pela intuição. “Penso, logo existo” – esta famosa frase de René Descartes (1596 – 1650), não veio pelo raciocínio, e sim pela intuição, como ele mesmo conta que num dia frio, deitou-se ao lado da lareira para se aquecer e acabou pegando no sono. Estava sonhando quando de repente acordou com essa frase na cabeça. Descartes tinha uma grande sedução pela matemática que era a única coisa de que ele não duvidava, apesar de duvidar até da sua própria existência. Por ser apaixonado pela progressão do raciocínio matemático, desejava resolver definitivamente a

grande equação do universo. “No seu livro ‘Discurso sobre o Método’, propõe que só se considere como verdadeiro o que for evidente, o que for intuível com clareza e precisão racional” (DESCARTES, 1979, p. 28). Outros preceitos metodológicos complementares ou preparatórios da evidência, para ele, são: o preceito da análise, o da síntese e o da enumeração, isto é, realizar enumerações de modo a verificar que nada foi omitido. Descartes, Galileu e Leibniz dizem que as verdades matemáticas são tão certas que podem ser comparadas às certezas divinas. A razão matemática é o traço de união entre o homem e o universo, chave da compreensão da ordem cósmica (DESCARTES, 1979).

O séc. XVII viu surgir o pensamento científico com Descartes (filósofo e matemático) e com os astrônomos Copérnico, Galileu e Kepler dos quais, Isaac Newton foi seguidor. Newton tinha apenas 7 anos quando Descartes morreu, porém, este tornou-se um ídolo para aquele que também se formou em matemática antes de entrar no mundo da física. O raciocínio cartesiano havia se estabelecido dentro do pensamento científico da época, e prontamente Newton o assimilou de tal forma que, com suas descobertas monumentais, transformou o mundo numa grande máquina pré-programada e perfeita que estaria funcionando dentro da relação de causa e efeito, numa linearidade chancelada pela razão matemática, pela objetividade e pela certeza das leis do movimento e da gravidade, obtidas através da observação e experimentação. A dupla Descartes e Newton casou-se de tal maneira que as ideias mecanicistas dominaram o mundo científico durante os séculos XVIII, XIX, XX e até hoje, no séc. XXI, ainda são consideradas válidas. Foi no século XX que Albert Einstein (1879–1955) físico teórico alemão, com suas descobertas, influenciou eficazmente o meio científico, principalmente privilegiando os estudiosos da mecânica quântica, ciência essa que estava emergindo. Entre suas principais obras, desenvolveu a teoria da relatividade geral, propôs que matéria e energia não são coisas separadas, mas que matéria é energia condensada, que nada no universo ultrapassa a velocidade da luz e, finalmente, foi ele que trouxe a consciência de que a 4ª dimensão é o tempo (LIIMAA, 2009).

Ao lado de Einstein destacaram-se na Mecânica Quântica, os físicos Max Planck, Niels Bohr, Erwin Schrodinger, Werner Heisenberg. Com a fissura do átomo, foi possível construir a bomba atômica que infelizmente destruiu Hiroshima e Nagasaki, mas que, no entanto, o conhecimento das partículas atômicas proporcionou o desenvolvimento de aparelhos tecnológicos de suma importância e utilidade principalmente na área da medicina, da cibernética e da comunicação. A grande revolução tecnológica do século XX se deve a três avanços da Física: Eletromagnetismo, Relatividade e Teoria Quântica. O Eletromagnetismo levou a grandes transformações no nosso cotidiano, permitiu a iluminação das cidades, a

invenção dos motores elétricos e da telecomunicação, do rádio e da televisão, do telefone celular e do Ipod. A Relatividade nos fez ver a importância da nossa inserção no tempo. E a Teoria Quântica contribuiu grandemente para a invenção do laser, dos transistores, dos computadores, da internet e do GPS que mudaram completamente a maneira como vivemos e nos relacionamos (LIIMAA, 2009).

A metade do séc. XX foi fértil em descobertas revolucionárias que, aos poucos, está substituindo a primazia do pensamento cartesiano/newtoniano. As novas ideias circularam rapidamente nos meios científicos. Mudanças de métodos, criação de um novo vocabulário, introdução de novas terminologias, foram proporcionando oportunidades de pesquisas sobre questões ainda não investigadas. Um novo campo se abriu. Com o advento da Cibernética, dos primeiros computadores e com o uso da linguagem binária, muitas possibilidades foram abertas às aplicações da abordagem sistêmica (ROCHA NETO; ALONSO, 2011).

A palavra cibernética, de origem grega, foi cunhada por Wiener (1943), a partir da ideia do timão de embarcações (Kiber, ou governador), compreendendo o controle das máquinas pelo homem. Portanto, envolve os estudos relacionados à comunicação e ao controle das máquinas ou pelas relações homem/máquina. [...]. As palavras-chave são “comunicação” e “controle”, sendo, hoje, um conceito de referência às transações em rede de computadores e via Internet, o chamado espaço cibernético. [...] Em 1942, um seminário organizado no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, reuniu matemáticos, biólogos, psicólogos, médicos, engenheiros e cientistas de outros campos. [...] Warren McCulloch, que contribuiu de forma significativa para os avanços da cibernética.[...] estudando a organização do córtex, entendeu que a compreensão dos processos cerebrais, assim como a simulação e controle de máquinas somente poderia ser aprofundada mediante cooperação e reciprocidade entre várias disciplinas. Ele mesmo iniciou seus estudos em matemática e engenharia (ROCHA NETO; ALONSO, 2011, p.23-25).

Esse movimento atraiu a atenção de Ludwig Von Bertalanffy, que criou a sociedade de pesquisas sobre a teoria geral dos sistemas, e com isso atraiu outros importantes cientistas com o propósito de introduzir uma forma de pensar abrangente sobre as interações entre os seres humanos e o meio ambiente. Então, a teoria geral dos sistemas começou a ser construída nos Estados Unidos na década de 50 com a participação de cientistas de várias formações, incluindo o biólogo W. Ross Ashby, o biofísico N. Rashevsky, o economista K. Boulding, James G. Miller, Anatol Rapoport, Kenneth Boulding, John Platt, Richard L. Meier e Walter Cannon, que a iniciaram. Bertalanffy realizou, então, sua sistematização como disciplina científica. Outros que contribuíram para a construção das bases teóricas da nova maneira de pensar foram: Gregory Bateson¹ (biólogo e antropólogo), Humberto Maturana (biólogo) e Ilya

¹Sobre Gregory Bateson ver cap.4.2.

Prigogine (químico) (ROCHA NETO; ALONSO, 2011). Essa nova maneira de pensar foi denominada de “Pensamento Sistêmico”.

Algumas das principais características daquilo que hoje denominamos “pensamento sistêmico” resultaram das longas reflexões de biólogos da escola organísmica, no início do século XX. Não é possível se falar em pensamento sistêmico, sem antes definir o que é “Sistema”. Segundo Bertalanffy (1975, p. 56), “[...] um sistema pode ser definido como um complexo de elementos em interação”. Isto implica em que não só os elementos devem ser conhecidos, mas também as relações entre eles. As características desse complexo de elementos são do tipo constitutivas, que são aquelas que dependem das relações específicas no interior do complexo. Para compreender estas características devemos conhecer não só as partes, mas também todas as relações existentes entre elas.

O bioquímico Lawrence Henderson foi influente no seu uso pioneiro do termo “sistema” para denotar tanto organismos vivos como sistemas sociais. Dessa época em diante, um sistema passou a significar um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes, e “pensamento sistêmico”, a compreensão de um fenômeno dentro do contexto de um todo maior. Esse é, de fato, o significado raiz da palavra “sistema”, que deriva do grego *synhistanai* (“colocar junto”). Entender as coisas sistemicamente significa, literalmente, colocá-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações (CAPRA, 2006, p.39).

O biólogo Joseph Woodger (1930-31) e muitos outros enfatizaram que uma das características principais da organização dos organismos vivos era a sua natureza hierárquica. Isso significa que os organismos vivos têm a tendência de formar estruturas multiniveladas de sistemas menores dentro de sistemas maiores. Assim, as células combinam-se para formar tecidos, os tecidos para formar órgãos e os órgãos para formar organismos. Desde os primórdios da biologia organísmica, essas estruturas multiniveladas foram denominadas hierarquias (BERTALANFFY, 1975). Ao ler essa explicação, nos ocorrem como exemplos, os sistemas existentes no corpo humano. Recorrer a essa lembrança nos é muito fácil porque estudamos Ciências e ensinamos, durante muito tempo, nos cursos de cromoterapia, a anatomia e fisiologia humana. Nosso corpo é constituído por vários sistemas: respiratório, circulatório, digestório, urinário, reprodutor, ósseo, muscular, nervoso e outros mais. Cada sistema é composto por um complexo de elementos. Vamos citar os elementos constituintes do sistema respiratório: fossas nasais, laringe, faringe, traqueia, brônquios, bronquíolos, alvéolos, 3 lóbulos no pulmão direito, 2 lóbulos no pulmão esquerdo, pleura. (O pulmão esquerdo tem 1 lóbulo a menos devido ao fato de ali haver um espaço ocupado pelo coração). Cada elemento isolado, não teria motivo para existir, no entanto, são imprescindíveis quanto à

função que exercem no todo. Um pequeno defeito numa das peças, prejudica o sistema respiratório na sua totalidade. Outrossim, se um dos sistemas não funciona adequadamente, o corpo como um todo sofrerá as consequências, isto porque todos os sistemas estão interligados e são interdependentes. Voltando ao sistema respiratório como exemplo, na inspiração o ar entra pelas fossas nasais nas quais passa por um processo rápido de limpeza das impurezas, por meio dos pelos que as retém. Em seguida, o ar percorre todo o trajeto passando pelos tubos ou dutos, já nomeados, até entrar nos pulmões e se distribuir pelos brônquios e bronquíolos que, todos agrupados, se parecem com o formato de uma árvore invertida. Como esses tubos vão se estreitando cada vez mais, a função deles é a de selecionar o oxigênio que estava misturado com todos os outros gases existentes na atmosfera. Dos bronquíolos o oxigênio passa para os alvéolos que têm a aparência de cachos de uva. A parede dos alvéolos é revestida por uma malha com furinhos exata e perfeitamente do mesmo tamanho que uma molécula de oxigênio, sendo que esta molécula é menor do que as moléculas de todos os outros gases que entraram nos pulmões. Esses furinhos, que só permitem a passagem do oxigênio, somente são visíveis ao microscópio, mas a função que essa malha desempenha é de extrema importância para a renovação de todo o sangue que percorre pelas artérias e veias do nosso corpo, as quais pertencem a outro sistema, o circulatório. Essas moléculas de oxigênio, passando pela malha fina dos alvéolos, entram diretamente na corrente sanguínea, enquanto as moléculas dos outros gases, que ficaram ali bloqueadas começam a ser expelidas pelo processo de expiração. Com isso queremos mostrar que uma pessoa com dificuldades respiratórias, aos poucos vai comprometendo o funcionamento do sistema circulatório. O sangue não irrigado adequadamente irá danificar outros órgãos, inclusive o cérebro. Tudo está interligado.

O significado da expressão um tanto mística “o todo é mais que a soma das partes” consiste simplesmente em que as características constitutivas não são explicáveis a partir das características das partes isoladas. As características do complexo, portanto, comparadas às dos elementos, parecem “novas” ou “emergentes”. Se porém conhecermos o total das partes contidas em um sistema e as relações entre elas, o comportamento do sistema pode ser derivado do comportamento das partes. [...] um sistema, enquanto total de partes com suas inter-relações, tem de ser concebido como constituído instantaneamente (BERTALANFFY, 1975, p.83).

Bertalanffy nos apresenta ainda, por meio de fórmulas matemáticas criadas por vários estudiosos citados por ele, algo peculiar a todos os sistemas, independente de suas diferenciações, ou seja, cada parte constituinte do sistema tem seu lugar específico, ocupa determinada porção do espaço total e estão em função de todos os outros órgãos. Disso

depreendemos que existem fórmulas matemáticas para calcular a proporção do tamanho e peso de cada órgão do nosso corpo, com previsão do alcance máximo de crescimento e da porção a ser ocupada em seu lugar correspondente, dentro de cada sistema. Por qualquer motivo que interfira na programação genética, há interferência em uma das variáveis da fórmula, acarretando consequências de retração ou expansão de um órgão vital, disponibilizando o oportunismo e a competição interna pela luta por um lugar a ser ocupado pelos elementos vizinhos.

Parece paradoxal que se introduza com relação ao todo o conceito de competição entre suas partes. Na verdade, porém, estes enunciados aparentemente contraditórios pertencem ambos à essência dos sistemas. Cada todo baseia-se na competição de seus elementos e pressupõe a “luta entre as partes” (Roux). Esta última é um princípio geral de organização nos sistemas físico-químicos simples, **assim como nos organismos e nas unidades sociais**, sendo, em última instância, expressão da *coincidentia oppositorum* que a realidade apresenta (BERTALANFFY, 1975, p. 96, grifos nossos).

Essa citação nos remete a uma das leis sistêmicas propaladas por Hellinger – a lei da hierarquia e da ordem (Cada membro do sistema familiar tem seu devido lugar e um não pode querer ocupar o lugar do outro, sem que isto cause um desarranjo no sistema), do qual iremos nos ocupar no capítulo 3.

Os biólogos organicistas chegaram à conclusão de que o comportamento dos elementos de um sistema, quando tomados isoladamente, é totalmente diferente de quando considerados dentro do sistema. Para exemplificar, tomemos separadamente os átomos de carbono, de hidrogênio e de oxigênio. Assim separados, os átomos não possuem um sabor específico, mas ao juntá-los, emerge uma propriedade que conhecemos como açúcar. Desse modo, concluiu-se que as propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, e só podem ser entendidas dentro do contexto do todo mais amplo, o que nos mostra que o pensamento sistêmico é “contextual”, e se opõe ao pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la, vai do todo para as partes, enquanto o pensamento sistêmico vai no sentido oposto inserindo as partes no contexto de um todo mais amplo (CAPRA, 2006).

No pensamento sistêmico também se dá atenção àquilo que é chamado de *feedback* ou retroação. A retroação é um processo de observação e reflexão que considera que todo efeito volta a atuar sobre a causa, todo processo deve estar concebido segundo um esquema circular. A ideia é simples, porém suas implicações são muito importantes, principalmente quando se

introduz a noção de sistema. A partir da ideia de retroação, o pensamento linear cartesiano fica totalmente desarticulado (WINKIN, 1998).

A compreensão de que os sistemas são totalidades integradas que não podem ser entendidas pela análise provocou um choque ainda maior na física do que na biologia. Desde Newton, os físicos têm acreditado que todos os fenômenos físicos podiam ser reduzidos às propriedades de partículas materiais rígidas e sólidas. No entanto, na década de 20, a teoria quântica forçou-os a aceitar o fato de que os objetos materiais sólidos da física clássica se dissolvem, no nível subatômico, em padrões de probabilidades semelhantes a ondas. Além disso, esses padrões não representam probabilidades de coisas, mas sim, probabilidades de interconexões (CAPRA, 2006, p. 41).

Podemos inferir, então, que no mundo subatômico não existem “coisas”, como a física quântica mostrou, quando vamos do todo para as partes, do átomo para as partículas menores que o constituem, e destas para apenas um padrão de ondas, portanto, não há partes e sim uma intrincada rede de relações, de conexões. O pensamento assim considerado influenciou sobremaneira os integrantes da Escola de Palo Alto, da qual Gregory Bateson foi um dos fundadores. Bateson, Erving Goffman, Edward Hall, Paul Watzlawick e outros investigadores norte-americanos que comungavam das mesmas ideias, deram grande contribuição ao estudo da comunicação. A metáfora do pensamento sistêmico aplicado à comunicação não se apoia na imagem do telégrafo onde um emissor envia uma mensagem a um receptor que, por sua vez, se transforma em emissor ao responder à mensagem, mas sim em uma orquestra sem partitura e sem maestro. Nessa orquestra, cada um toca em sintonia com o outro, e os instrumentos entram em ressonância entre si (WINKIN, 1998).

A partir da metáfora da orquestra, entendemos que visão ou olhar sistêmico é a abertura para captar o todo, o global. Poder-se-ia dizer que é uma visão de 360° no plano horizontal e até onde possamos chegar para baixo e para cima, no plano vertical. Esse olhar, ou essa visão, é exatamente o contrário do *zoom* que temos na máquina fotográfica – é uma tomada ampla, panorâmica. A visão sistêmica também vai além do espaço físico que nos cerca, pois podemos enxergar com os “olhos” da mente, onde os pensamentos começam a ser produzidos. O raciocínio caminha, então, de forma circular, em busca de respostas ou soluções, levando em conta o entrelaçamento entre todas as variáveis que nossos pensamentos produzirem. Aí está o que entendemos por “pensamento sistêmico”.

2.1 Campos mórficos e ressonância mórfica

Iniciamos este capítulo com a pergunta: Onde se localiza a mente? Tentaremos encontrar a resposta, ou as possíveis respostas, através das ideias propostas pelos cientistas que consultamos.

Karl Pribram (1919–2015) foi um eminente neurofisiologista da Universidade de Stanford e autor do clássico livro de neurofisiologia “Linguagens do Cérebro”. Nos anos 40, Pribram realizou um trabalho pioneiro sobre o sistema límbico, uma região do cérebro envolvida com as emoções e o comportamento. Acreditava-se, de uma maneira geral, que as lembranças estivessem localizadas no cérebro, em algum lugar específico (TALBOT, 1991).

Os registros de um fato, gravados na memória, foram chamados de “engramas” e, embora ninguém soubesse do que os engramas eram feitos, os cientistas acreditavam que eles estavam lá e que, um dia, seriam achados. Havia razões para essa certeza, pois pesquisas lideradas pelo neurocirurgião canadense Wilder Penfield, nos anos 20, apresentavam provas convincentes de que lembranças específicas tinham localizações específicas no cérebro. Ainda no período de sua residência como neurocirurgião, Pribram não tinha nenhuma razão para duvidar da teoria do engrama de Penfield. Mas, então, aconteceu algo que mudou seu pensamento para sempre (idem, 1991).

Em 1946, Pribram foi trabalhar com o neuropsicólogo Karl Lashley, no laboratório de Biologia, na Flórida. Por cerca de 30 anos Lashley esteve envolvido em sua pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela memória. O que surpreendeu Pribram e o próprio Lashley foi o fato de que suas pesquisas faziam cair por terra a teoria dos engramas de Penfield. O que Lashley fazia era treinar ratos para realizar uma variedade de tarefas, tal como percorrer um labirinto para encontrar o pedaço de queijo, tão desejado (idem, 1991).

Lashley removia cirurgicamente, várias porções do cérebro das cobaias e tornava a testá-las. Para sua surpresa, ele descobriu que não importava qual porção do cérebro cortasse, não conseguia erradicar a memória dos ratos. Muitas vezes ficava prejudicada a habilidade motora dos ratos, mas mesmo com porções maciças do cérebro removidas, a memória das cobaias permanecia intacta. Para Pribram, a única resposta possível, parecia ser que as lembranças não se encontravam em lugares específicos do cérebro, mas deveriam estar de alguma maneira, espalhadas ou distribuídas pelo cérebro como um todo (idem, 1991).

Em 1948, Pribram foi trabalhar na Universidade de Yale e continuou a considerar a ideia de que as lembranças estavam distribuídas por todo o cérebro, e quanto mais ele pensava sobre isso, mais convencido ficava. Enquanto isso, ele observava que os pacientes que tinham

tido partes do cérebro removidas por razões médicas, nunca sofriam a perda de lembranças específicas. Mesmo a remoção de partes de lobos temporais, a área do cérebro que figurou com tanto destaque na pesquisa de Penfield, não criava nenhuma lacuna nas lembranças de uma pessoa. Interessante notar que nem Pribram, como também nenhum outro pesquisador do cérebro foi capaz de reproduzir os resultados de Penfield. Inclusive o próprio Penfield verificou que só conseguia aqueles resultados em pacientes epiléticos (TALBOT, 1991).

Foi em meados de 1960 que algo veio como solução para o enigma de Pribram – o holograma. O que torna o holograma possível é o fenômeno conhecido como “interferência”. Interferência é o padrão de linhas cruzadas que ocorre quando duas ou mais ondas, como as ondas de água, perpassam uma através da outra. Dessa colisão entre as ondas resultam cristas e depressões que se arranjam de tal maneira que criam um padrão de interferência. Por ser a luz laser uma forma coerente e extremamente pura de luz, é particularmente boa na criação de padrões de interferência. Foi com a invenção do laser que os hologramas se tornaram possíveis (idem, 1991).

Um holograma é produzido quando um único raio laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe de luz é projetado no objeto a ser fotografado. Com a ajuda de espelhos, deixa-se que o segundo feixe de luz colida com a luz refletida do primeiro. Quando isso acontece, eles criam um padrão de interferência que é, então, registrado num pedaço de filme (ou chapa). Ao olho nu, a imagem no filme não se parece nada com o objeto fotografado. Olhando para a chapa só conseguiremos ver anéis concêntricos iguais quando um punhado de pedras é jogado numa lagoa. Mas, assim que um outro feixe de raio laser (ou apenas uma fonte de luz) brilhe através do filme, uma imagem tridimensional do objeto original reaparece no espaço. Muitas vezes essa imagem é tão convincente que seremos capazes de esticar as mãos para tocar o objeto. Nesse caso, as mãos flutuarão de um lado ao outro da imagem e, então, descobriremos que não existe nada ali (idem, 1991).

Um holograma é caracterizado da seguinte maneira: – Se um pedaço de um filme holográfico contendo a imagem de uma maçã for cortado ao meio e, em seguida, iluminado por um raio laser, cada metade do filme ainda conterá a maçã inteira. Mesmo se as metades do filme ainda forem recortadas várias vezes, uma maçã inteira ainda poderá ser reconstruída a partir de cada pequeno pedaço do filme (embora as imagens fiquem mais nebulosas à medida que os pedaços ficam menores). Foi exatamente esta característica do holograma que fez com que Pribram finalmente encontrasse a tão esperada resposta: – as lembranças estão distribuídas no cérebro todo, ao invés de estar em um determinado lugar (idem, 1991).

Concluiu que: Se era possível para todas as partes de um pedaço de filme holográfico, conter em cada uma toda a informação necessária para criar uma imagem completa, então parecia ser igualmente possível para todas as partes do cérebro conter toda a informação para se ter uma memória completa (TALBOT, 1991).

Vemos, até aqui, que o holograma veio trazer uma nova visão da realidade e, ao afirmar que a soma das partes é maior do que o todo deve ter sido considerado uma grande “heresia” pela comunidade científica de então.

A partir desse estudo, propusemos uma segunda pergunta, ou seja, se a mente estaria confinada ao cérebro. Para argumentar que a mente transcende o cérebro, recorreremos às hipóteses de Rupert Sheldrake, biólogo e bioquímico inglês contemporâneo, diretor do *Perrott-Warrick project, da Cambridge University* (Reino Unido), um dos cientistas mais controvertidos de nossa época. Ele pertence à corrente dos biólogos organísmicos ou organicistas, sustentada por nomes como Von Bertalanffy – autor da Teoria Geral dos Sistemas – E. S. Russell como também Gregory Bateson, que vão contra a visão mecanicista ao explicar o comportamento dos seres vivos mediante a análise de suas partes constituintes e posterior redução dos mesmos às leis físicas e químicas.

Martinez, em entrevista com Sheldrake, perguntou-lhe o que ele entende por “consciência”.

A resposta foi: [...] essa representação da mente como um computador – que tem a ver com o processamento da informação – é um modelo muito inadequado. [...] Consciência significa todas as capacidades da mente, incluindo tudo o que você está ciente. [...] a consciência não está sequer confinada aos seres humanos ou seres vivos. Todo o mundo, o universo inteiro, é permeado pela mente ou consciência. Na visão judaico-cristã-islâmica tradicional, não só existe a consciência de Deus, há também a consciência que permeia todo o mundo natural (MARTINEZ, 2013, p.441-442).

Sheldrake afirma que a mente não existe somente no interior da cabeça, mas se estende para fora. A esse fenômeno ele dá o nome de “Mente Expandida” e explica como se dá esse processo de expansão. Para nos facilitar o entendimento, faz uma comparação com a imagem de uma das formas mais simples de vida animal: a ameba unicelular. Algumas espécies de amebas vivem em lagos e poças de água parada e, para se alimentar, envolvem e englobam bactérias. Para se locomover, as amebas lançam projeções de seu corpo no mundo que as rodeia. Essas projeções são chamadas pseudópodos, palavra que significa literalmente “falsos pés”. Para se locomover numa direção qualquer, os pseudópodos que estão na direção desejada se projetam para fora, enquanto os que estão em posição oposta se contraem, impulsionando a ameba para frente. Existe uma intenção para o movimento. Desde os animais

mais primitivos, até os mais complexos, inclusive o ser humano, todos têm células amebóides nas configurações celulares. Elas são fundamentais para a nossa sobrevivência, pois os glóbulos brancos do nosso sistema imunológico são amebóides e emitem pseudópodos que engolem bactérias e outros corpos estranhos, do mesmo modo que as amebas que vivem em poças d'água englobam bactérias para engoli-las (SHELDRAKE, 2003).

Sheldrake explica que as células nervosas possuem pseudópodos bem longos, chamados axônios, que podem ter mais de um metro de comprimento, os quais se projetam em direção à superfície de outras células nervosas, constituindo uma rede de interligações. As células nervosas se estendem por todo o corpo. Alguns axônios vão do cérebro ou da medula espinhal até os órgãos dos sentidos; outros fazem contato com os músculos e glândulas. Também a mente é capaz de projetar pseudópodos mentais para o mundo que rodeia o corpo, e de formar redes de interligações com outras mentes (idem, 2003).

Um pseudópodo visual se projeta dos olhos até o objeto da atenção e, assim fazendo, afeta esse objeto. É claro que os pseudópodos visuais se projetam muito rápido, literalmente num piscar de olhos. As outras pessoas e os animais são capazes de detectar essa atenção através dos seus próprios campos expandidos e de perceber que estão sendo observados. Através dos campos sociais, os pseudópodos da atenção e da intenção ligam as pessoas umas às outras. Os vínculos entre as pessoas funcionam como canais de transferência de pensamentos. [...] Através da combinação da atenção e da intenção, os pseudópodos da mente podem chegar também a lugares e objetos distantes e fazer contato com eles, mesmo que estejam fora do alcance dos sentidos. Disso pode resultar a clarividência ou visão à distância, bem como a psicocinese, a influência da mente sobre a matéria à distância (SHELDRAKE, 2003, p. 282-283).

Sobre a Mente Expandida, justificando a sua hipótese, lembra-se de uma experiência corriqueira que acontece quando estamos sendo olhados pelas costas, e nos viramos, identificando o observador, o que é algo que a maioria das pessoas já vivenciou: são os pseudópodos visuais daquele que está com os olhos fixados na nossa nuca.

A hipótese que eu mesmo formulei [...] não parte nem da física quântica, nem das teorias da consciência humana: parte da biologia. Para mim, enquanto biólogo, os fenômenos psíquicos estão arraigados em nossa natureza biológica. Afirmando convictamente que eles procedem de campos fundamentais para todos os organismos vivos – a saber, os campos mórficos (SHELDRAKE, 2003, p. 292).

Nos tempos antigos, a mente racional humana era vista como apenas um dos aspectos da alma imaterial, ou espírito. Antes mesmo da dualidade proposta por Descartes, entre dois domínios independentes e separados - corpo e mente - no mundo oriental se fazia uma distinção básica entre corpo e alma, ou corpo e espírito. Recorrendo a uma citação bíblica, gravada na nossa memória, o livro Gênesis conta que Deus tomou o barro da Terra e fez um

corpo de homem. Em seguida, soprou-lhe nas narinas dando-lhe a vida. A esse homem Deus deu o nome de Adão. Foi pelas narinas de Adão que Deus introduziu-lhe o que passou a ser chamado de alma que, em latim é *anima*, portanto, aquele corpo de barro foi animado pelo sopro de Deus. Nas línguas antigas, tanto a alma quanto o espírito eram descritos pela metáfora do sopro vital. As palavras para “alma” em sânscrito (*atman*), em grego (*psyche*) e em latim (*anima*), todas elas significam “sopro”. Assim também as palavras que significam “espírito” em latim (*spiritus*), em grego (*pneuma*) e em hebraico (*ruah*), significam “sopro”. A antiga ideia comum a todas essas palavras é a de que a alma ou o espírito são “o sopro da vida”.

Outro exemplo sobre a atuação dos campos mórficos, citado por Sheldrake, é o efeito da oração à distância. Já lemos vários relatos de experiências feitas com grupo de controle em hospitais. Entre as pessoas que possuíam a mesma espécie de doença, foram selecionadas algumas para receberem orações à distância, enquanto as outras pessoas não tinham um grupo orando por elas. As pessoas que recebiam orações não sabiam que isso estava ocorrendo. No entanto, no final de um período X, observaram-se, notadamente, melhoras no grupo de controle, enquanto que as pessoas que não receberam orações permaneceram na mesma situação de quando a experiência se iniciou (SHELDRAKE, 1995).

Sheldrake, com suas teorias, está revolucionando o meio científico, não só na biologia e na química, como também na física e na psicologia. Ele propõe a existência dos “campos mórficos” e dos campos “morfogenéticos” os quais ajudam a compreender como os organismos adotam suas formas e comportamentos característicos. Os campos morfogenéticos são campos de forma, de padrões ou estruturas de ordem transmitidas geneticamente, através do DNA, para os seres de mesma espécie. Estes campos existem em todos os seres vivos, em todas as moléculas. Cada tipo de molécula, cada proteína, por exemplo, tem seu próprio campo morfogenético – um campo de hemoglobina, um campo de insulina, etc. Em se tratando de cristais, também existe um campo de forma, porém denominado “campo mórfico”, e não morfogenético. Estes campos são os que ordenam a natureza e, portanto, existem muitos tipos de campos tantos quantos tudo o que existe como coisas ou padrões na natureza. Os campos mórficos e morfogenéticos transmitem informações que atravessam o espaço e o tempo e atingem os seres de mesma espécie, fazendo com que tenham o mesmo tipo de comportamento que seus antecessores já tiveram, isto sem ter havido qualquer contato entre eles. À essa transmissão de informações à distância, Sheldrake denominou de “ressonância mórfica” (SHELDRAKE, 2009).

Essa teoria é mais conhecida pela metáfora do centésimo macaco, analogia que se popularizou em todo o mundo e que foi inicialmente empregada por um dos amigos de Sheldrake para explicá-la. Havia duas ilhas habitadas pela mesma espécie de macacos, cujos grupos não tinham contato entre si. Esses macacos alimentavam-se com batata-doce. Certa vez, um macaco de uma das ilhas percebeu que as raízes ficavam mais gostosas ao serem lavadas, pois o líquido removia a areia do tubérculo. Por imitação, a lavagem rapidamente se difundiu entre seus companheiros do bando e, quando o centésimo símio passou a adotar a técnica, os macacos da outra ilha começaram espontaneamente a fazer o mesmo (MARTINEZ, 2009). Em entrevista de Monica Martinez com Sheldrake, em 2013, ela lhe perguntou quem foi o autor da metáfora do centésimo macaco. Em resposta, ele lhe contou como foi que surgiu essa narrativa que expressa a ideia de ressonância mórfica e que ficou extremamente conhecida por uma espécie mesmo de ressonância mórfica. Foi Lyall Watson (1939–2008), escritor britânico e biólogo, que passou muito tempo no Japão onde teve contato com cientistas japoneses que estavam fazendo um estudo sobre os macacos daquela região. Os cientistas lhe contaram que, para observar os macacos, eles colocavam batata doce na areia da praia para que eles saíssem da floresta. Um dia, viram que um dos macacos lavou a batata doce para tirar a areia, e logo os outros macacos do grupo começaram a imitá-lo. Esses cientistas informaram a Watson que fizeram o mesmo em outras ilhas, no entanto, os macacos aprenderam muito mais rápido o fato de que passando as batatas na água elas ficavam livres da areia. Os cientistas observaram esse comportamento e acharam que tinha algo de misterioso e não sabiam explicar. A partir desse fato real, Watson inventou o centésimo macaco, e deixou bem claro que os detalhes foram criados para dramatizar as observações feitas. Sheldrake disse que nunca usou essa metáfora porque é uma história inventada, e ao explicar a ressonância mórfica, prefere a explicação científica da memória coletiva dos hábitos de cada espécie (MARTINEZ, 2013).

Quando refletimos sobre a extensão que as teorias de Sheldrake podem alcançar, queremos abrir um diálogo com ele. Se a ressonância mórfica é a transmissão de informações à distância, sem que nenhum aparato as conduza, aos seres de mesma espécie, ultrapassando quaisquer obstáculos relacionados ao espaço físico, e que podem acontecer em diferentes intervalos de tempo, então essa hipótese poderia vir a explicar o processo civilizatório e, talvez até a evolução do homem sobre a terra. Os campos mórficos e morfogenéticos são inerentes à natureza em geral e, conseqüentemente, à natureza humana. Estivemos refletindo sobre a pré-história e as eras das grandes descobertas que foram facilitando a vida dos hominídeos e, ao mesmo tempo, em todas as partes do globo terrestre, onde havia vida

humana, as sequências das invenções foram as mesmas. Nunca acreditamos na possibilidade de ter havido tantas rotas de fuga, desde os australopithecus até o homo-erectus, que justificassem a transmissão de informações boca a boca, via pedestre, por tantos lugares do planeta. A vida nômade já não mais existia, no entanto, a invenção da roda e do bronze aconteceu quase que simultaneamente em diferentes grupos humanos. Na matéria de Antropologia Cultural, durante o curso de Ciências Sociais, estudamos as eras pelas quais a humanidade passou, marcadas pelas grandes invenções até chegar naquilo que conhecemos como civilização: O Homem da Caverna, Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade do Fogo, Idade do Metal, Idade da Roda, Idade da Escrita (ROUSSEAU, 1968).

Ao encontro da questão por nós levantada, nos deparamos com o assunto bem próximo às nossas reflexões, no livro de Capra (2006), sob a denominação de “A Aventura Humana”. O autor faz uma síntese da evolução das espécies começando a partir dos símios antropóides, os Australopithecus, passando por diversas fases até chegar no homo-erectus. Essa espécie persistiu por mais de um milhão de anos e se tornou muito mais versátil que suas antecessoras. O homo-erectus adaptou suas tecnologias e modo de vida a uma ampla faixa de condições ambientais, a partir do momento em que descobriu que poderia usar as mãos apoiando-se apenas nos pés para caminhar. Assim como os símios começaram a lavar as batatas, o homo-erectus de repente descobriu que poderia deixar de andar de quatro e a ressonância mórfica levou a informação através da Ásia, Indonésia, Oceania e da Europa, muito longe de sua terra natal africana (CAPRA, 2006).

Entre as possíveis explicações, consideramos cabível a hipótese de Sheldrake, da difusão da informação através da Ressonância Mórfica, para compreender o aparecimento da mesma sequência de inventos e descobertas separadas no tempo e no espaço através da história das civilizações.

Dando continuidade a esse nosso raciocínio, encontramos uma similitude na pergunta que Martinez lançou para Sheldrake, na mesma entrevista de 2013:

[...] a hipótese dos campos mórficos é uma forma de compartilhamento de informações no tempo e espaço que forma coisas materiais, mas também comportamentos, estabelecendo-se por meio de repetição (ou hábitos). Neste contexto, podemos dizer que a Comunicação é um dos elementos-chave para a criação e manutenção das coisas em nosso mundo? (MARTINEZ, 2013, p. 430).

Sheldrake responde a essa pergunta, dizendo que a Comunicação não vem, em primeiro lugar, da criatividade, mas vem de memórias e hábitos, portanto, para ele, o processo evolutivo é uma interação entre hábito e criatividade. A Comunicação, segundo o seu ponto

de vista, é realmente um hábito de formas, de arquétipos, de padrões como parte de uma memória coletiva, no sentido de Jung. E afirma que são hábitos evolutivos que estão dentro do espaço e do tempo. Assim, “[...] a ressonância mórfica é um tipo de Comunicação e eu penso que é um tipo de comunicação inconsciente, porque tem a ver com os hábitos e hábitos são inconscientes” (SHELDRAKE apud MARTINEZ, 2013). Sheldrake pensa que, além da repetição de hábitos, as pessoas estão constantemente criando campos mórficos e, quanto mais pessoas estiverem familiarizadas com eles, será mais fácil para as próximas gerações. Assim, é possível que uma grande quantidade de Comunicação se dê pela ressonância mórfica.

3 AS CONSTELAÇÕES FAMILIARES SISTÊMICAS SEGUNDO BERT HELLINGER

A Constelação Familiar é uma técnica psicoterapêutica desenvolvida pelo filósofo, teólogo, psicanalista e psicoterapeuta alemão Bert Hellinger (1925), que ao longo de mais de 40 anos de trabalho e, com a sua experiência de vida, está mostrando ao mundo um trabalho de filosofia aplicada – a fenomenologia sistêmica – que traz à luz as forças amorosas ocultas atuantes nas dinâmicas familiares.

A denominação “constelação familiar” existia anteriormente ao modelo sistematizado por Hellinger, o qual percorreu uma longa jornada entre cursos sobre diversas técnicas terapêuticas que foram precursoras. Sendo filósofo, Hellinger pode perceber as interconexões existentes entre tudo que aprendeu selecionar, organizar, desenvolver e sintetizar o que designou de “Leis Universais das Ordens do Amor”, as quais regulam as relações ou convivências humanas.

Os aportes científicos para a teoria desenvolvida por Hellinger são muitos: Psicanálise de Freud, Psicologia Analítica de Jung, Psicodrama de Moreno, Terapia Familiar Sistêmica, em particular a da Escola de Milão, a abordagem multigeracional de orientação psicanalista para chegar ao que podemos dizer “precursora direta” das constelações – as Esculturas Familiares de Virginia Satir. Outros personagens-chave que deram impulso às constelações familiares foram: Milton Erickson com a Hipnoterapia, Janov com a Terapia Primal, Eric Berne com a Análise Transacional e a Terapia Provocadora de Farrelly (HELL, 2006).

Seus principais *insights* aportam-se nos estudos filosóficos sobre a Teoria do Conhecimento, especialmente a Fenomenologia.

Dois movimentos nos levam ao conhecimento. O primeiro é exploratório e quer abarcar alguma coisa até então desconhecida, para apropriar-se e dispor dela. O esforço científico pertence a esse tipo e sabemos quanto ele transformou, assegurou e enriqueceu o nosso mundo e a nossa vida. O segundo movimento nasce quando nos detemos durante o esforço exploratório e dirigimos o olhar, não mais para um determinado objeto apreensível, mas para um todo. Assim, o olhar se dispõe a receber simultaneamente a diversidade com que se defronta. (...) quando prescindimos das particularidades é que conseguimos expor-nos à plenitude e suportá-la. Assim, detemo-nos em nosso movimento exploratório e recuamos um pouco, até atingir aquele vazio que pode fazer face à plenitude e à diversidade. Esse movimento, que inicialmente se detém e depois se retrai, eu chamo de fenomenológico (HELLINGER, 2002, p.14).

A postura fenomenológica requer uma disposição para esvaziar-se, tanto em relação às ideias preexistentes quanto aos movimentos internos, sejam eles da esfera do sentimento, da vontade ou do julgamento. Essa atitude não se adquire de um dia para o outro, é preciso um treinamento e força de vontade para que se possa permanecer, diante do fenômeno que se apresenta, sem expectativas, sem medos, sem intenção, sem críticas, sem racionalização, sem preconceitos, e aceitar os fatos e as pessoas simplesmente como são. Quando se é capaz de permanecer no “vazio”, o terapeuta fica disponível para apreender a essência daquilo que se mostra e, num lampejo de compreensão, a intuição se faz presente.

A fenomenologia (do grego *phainesthai* aquilo que se apresenta ou que se mostra) é o estudo das experiências sensoriais diretas e se apoia na percepção do participante, na compreensão vívida de suas experiências subjetivas. Esta visão dá importância aos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos, já que um fenômeno não é guiado pela lógica, raciocínio ou vontade. A fenomenologia pede por uma experiência sensorial imediata, vivenciar o fenômeno representa a sua essência, a sua “significação” (GONÇALVES, 2013, p.38).

No artigo “Fenomenologia: O uso do método em comunicação”, os autores Monica Martinez e Paulo Celso da Silva (2014), dentre os estudiosos sobre a percepção fenomenológica concebida por filósofos, destacam três:

- Edmund Husserl (1859-1938): o filósofo alemão fundador da fenomenologia;
- Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): a fenomenologia da existência;
- Vilém Flusser (1920-1991): a ponte com a comunicação do filósofo tcheco-brasileiro.

“A filosofia de Husserl ocupa-se da essência e da existência do ser, sempre questionando o significado do que o objeto seja, e de como é possível que o objeto exista para o observador” (apud MARTINEZ; SILVA, 2014). Husserl propõe quatro passos metodológicos, ou seja, o primeiro é a desnaturalização da consciência. O segundo é a intencionalidade que aponta a consciência para si. O terceiro passo é a intuição que evidencia o objeto. O quarto passo é a generalização da noção de objeto que compreende, além da materialidade destes, as essências, os objetos ideais e as formas de categorias.

Parece-nos mais forte a tendência de Hellinger, como filósofo e teólogo, em ser seguidor de Husserl, observando atentamente o que escreveu em “O Amor do Espírito” sobre os conceitos de “bom” e de “mau”:

Gostaríamos de dividir o mundo em duas partes: uma que possui o direito de existir e outra que, embora exista e atue, não possui esse direito. A primeira parte denominamos bom ou saudável, felicidade ou paz. A outra denominamos mau ou

doente, infelicidade ou guerra ou lhe damos qualquer outro nome. O fato é que chamamos de bom ou benéfico o que é leve para nós, e de mau ou maléfico o que nos é pesado. Contudo, olhando com atenção, vemos que a força que faz o mundo avançar baseia-se no que chamamos de mau ou maléfico. O desafio para aquilo que é novo vem daquilo que gostaríamos de eliminar ou excluir. Assim, quando buscamos escapar do que é pesado, pecaminoso ou agressivo, perdemos justamente o que queríamos conservar: nossa vida, nossa dignidade, nossa liberdade, nossa grandeza (HELLINGER, 2009, p. 23).

Hellinger escreve, em um de seus primeiros livros, a construção de uma Fenomenologia aplicada à sua maneira e às suas compreensões, conforme foi observando e vivenciando o processo psicoterapêutico conhecido sob a denominação de Constelação Familiar.

Consideramos *sui-generis* a distinção que Hellinger faz entre a Fenomenologia Filosófica, a Fenomenologia Psicoterapêutica e a Fenomenologia Religiosa as quais estão presentes nas Constelações Familiares.

Na fenomenologia filosófica, procuro perceber o essencial dentre a grande variedade dos fenômenos, na medida em que me exponho totalmente a eles, com minha máxima abertura. Esse essencial surge repentinamente do oculto, como um raio, e sempre ultrapassa em muito o que eu poderia excogitar ou deduzir logicamente a partir de premissas ou de conceitos. Não obstante, ele nunca se revela totalmente. Permanece envolvido pelo oculto, como cada ser é envolvido por um não-ser. Dessa maneira, considere os aspectos essenciais da consciência, por exemplo, que ela atua como um órgão de equilíbrio sistêmico, ajudando-me a perceber imediatamente se me encontro ou não em sintonia com o sistema e se o que faço preserva e assegura o meu pertencimento ou se, pelo contrário, o coloca em risco ou suprime. Portanto, nesse contexto, a boa consciência significa apenas: “Posso estar seguro de que ainda pertenço ao meu grupo (faço parte do grupo).” E a má consciência significa: “Receio não fazer mais parte do grupo. Assim, a consciência pouco tem a ver com leis e verdades universais, mas é relativa e varia de um grupo para outro” (HELLINGER; WEBER; BEAUMONT, 2003, p.16).

Hellinger reconheceu que essa consciência também reage, porém de maneira diversa, quando não está em jogo o pertencimento, sendo em situações onde o foco está no equilíbrio entre o “dar e o receber” e quando a consciência vela pelas ordens da convivência. O autorregulador dessa consciência é o sentimento de inocência ou de culpa. Ele observou ainda que a principal diferença que se evidenciou nesse contexto é que existe um constante duelo entre a consciência que se sente e a consciência que está oculta e, embora a primeira nos declare inocentes, a segunda pune nosso ato como culpa. A base de toda tragédia familiar é a oposição entre essas consciências, que provoca os enredamentos sistêmicos a tal ponto que podem levar a doenças graves, acidentes e suicídios. Essa oposição é igualmente responsável por muitas tragédias de relacionamento, por separação de casais, apesar de existir um grande amor recíproco (HELLINGER, 2003).

Sobre a fenomenologia psicoterapêutica, Hellinger expõe que:

Através das constelações familiares, sob o enfoque fenomenológico, se abre uma outra via de acesso à consciência oculta. Essa via é a do “saber por participação”. O cliente escolhe arbitrariamente, entre os participantes de um grupo, representantes para si próprio e para outros membros significativos de sua família, por exemplo, seu pai, sua mãe e seus irmãos. Estando interiormente centrado, o cliente posiciona os representantes no recinto, relacionando-os entre si. Através desse processo, o cliente é surpreendido por algo que subitamente vem à luz. Isto significa que, no processo da configuração da família, ele entra em contato com um saber que antes lhe estava vedado (HELLINGER, 2003, p. 17).

No trabalho com as constelações familiares, quando o cliente posiciona os representantes para o seu sistema familiar, forma-se ali no ambiente um campo de força que é dotado de saber e o transmite, sem mediação externa, por meio da simples participação. Não é necessário que os representantes recebam informações sobre a realidade dessa família para que possam acessar esse conhecimento oculto. O mesmo se aplica, naturalmente e de modo especial, ao terapeuta que está preparado para exercer a função de facilitador. A condição para isso é que ele esteja disposto a defrontar-se com a realidade que quer se mostrar qualquer que seja, sem que isso lhe provoque medo, e sem a necessidade de recorrer a hipóteses ou teorias e experiências anteriores. É preciso dizer sim a tudo que se apresenta. Cabe também ao terapeuta preparar o seu cliente para que possa aceitar sem medo, sem julgamento e sem preconceito o que o campo mostrará:

Nisso consiste, aliás, a postura fenomenológica aplicada à psicoterapia. Aqui também, a compreensão é obtida por meio da renúncia, do abandono de intenções e medos e do assentimento à realidade, tal como se manifesta. Sem essa postura fenomenológica, sem a concordância com o que se manifesta, com interpretações, atenuações ou exageros, o trabalho com constelações familiares fica superficial, sujeito a desvios e destituído de força. (HELLINGER, 2003, p.18)

O ponto de partida dos conceitos filosóficos de Bert Hellinger, em relação ao ser humano, é a necessidade que este tem de pertencer a um grupo, seja uma família, uma tribo, um grupo social, profissional, político, religioso, cultural, ou o que for. Em suas palavras, sobre a fenomenologia religiosa:

Aqui, o nível da filosofia e da psicoterapia é substituído por um outro mais amplo. Nele nos experimentamos como entregues a um todo maior, que temos de reconhecer como último e abrangente. Esse nível poderia chamar-se religioso ou espiritual. Mesmo nele, contudo, mantenho a postura fenomenológica, livre de intenções, de medo e pressuposições, apenas presente ao que se manifesta (HELLINGER, 2003, p. 18).

A “consciência” que, até então, era entendida como um órgão da psique que vela pelo equilíbrio nas relações, e descrita como a capacidade de avaliar moralmente o próprio comportamento, passou a ser interpretada por Hellinger de uma nova maneira, ou seja, a consciência nos diz apenas o que precisamos fazer para podermos pertencer a um grupo e o que precisamos evitar, para não sermos punidos ou excluídos. O comportamento correto é, portanto, avaliado pela consciência apenas em função da necessidade e das possibilidades de se pertencer ao respectivo grupo (SCHNEIDER, 2007).

Assim considerando a consciência em função do pertencimento, o prazer é experimentado como inocência (boa consciência), o desprazer como culpa (má consciência). O conceito moral, que no código de ética define o que é certo e o que é errado dentro da sociedade, não diz respeito à boa ou má consciência definidas por Hellinger. O que para ele vigora, em termos de consciência individual, é algo que brota do inconsciente coletivo, que dirige as tomadas de posição do indivíduo sem que ele nem saiba o porquê das escolhas que faz. Culpa e inocência são, portanto, experimentadas em relacionamentos e dizem respeito a eles. Toda ação que afeta outras pessoas também é acompanhada por um sentimento que conhece a inocência e a culpa. Temos consciência em cada momento, se nosso modo de agir prejudica ou favorece o relacionamento. O que o prejudica é experimentado como culpa; o que o favorece, como inocência. A consciência individual é que faz esse juízo de valor e se cobra pelo pertencimento. O medo de não pertencer está sempre, ocultamente, nos sinalizando.

Para Hellinger, há três níveis de consciência: a Consciência Pessoal, a Consciência Coletiva e a Consciência Espiritual ou Universal.

As diferentes consciências são campos espirituais. A primeira delas, a consciência pessoal, é estreita e tem o seu alcance limitado. Pois, através de sua diferenciação entre o bom e o mau, só reconhece para alguns o direito de pertencer, excluindo outros. A segunda, a consciência coletiva, é mais ampla, defendendo também os interesses daqueles que foram excluídos pela consciência pessoal. Por isso, está frequentemente em conflito com a consciência pessoal. Contudo, a consciência coletiva também tem um limite porque abrange somente os membros dos grupos que são governados por ela. A terceira, a consciência espiritual, supera as limitações das outras duas consciências, limitações estas que surgem através da diferenciação entre bom e mau e da diferenciação entre pertencimento e exclusão (HELLINGER, 2009, p.53).

Hellinger condensou todos os seus conceitos e formulou um quadro teórico ao qual deu o nome de “Ordens do Amor”. As três leis principais que regem o relacionamento humano são:

Primeira: Pertencimento: Todos têm o mesmo direito de pertencer ao sistema familiar. As exclusões causam emaranhamentos dentro do sistema como um todo.

Segunda: Equilíbrio entre o dar e o receber: Os pais dão e os filhos tomam. Mais tarde os filhos irão dar para os seus filhos e assim vai acontecendo o equilíbrio através das gerações. (Aqui o verbo “tomar” tem um significado especial. Hellinger explica que tomar é diferente de receber. Enquanto receber é um ato passivo, tomar é apoderar-se no sentido de assumir, de conscientemente assumir a responsabilidade por aquilo que lhe foi dado).

Terceira: Ordem ou hierarquia: dentro de um sistema de parentesco, cada um tem o seu lugar definido e esse lugar deverá ser respeitado, mesmo na ausência do corpo físico. Ex: Se o pai morre, não é correto o seu lugar ser ocupado por um filho. Assim também deverá ser respeitada a precedência. Ex: Um caçula não pode querer assumir o lugar do irmão mais velho (HELLINGER, 2002).

Nestes campos espirituais de consciência, elas servem a três condições ou necessidades preestabelecidas para os relacionamentos humanos, que dão força ou fraqueza à alma. As *Ordens do Amor* se referem ao vínculo, com a força do pertencimento, ao equilíbrio, com a força da compensação, e a ordem, com a força da ordem de chegada e o lugar de cada um no sistema. Estas condições se complementam atuando juntas e são experimentadas como nossa consciência. [...] No vínculo, a culpa é experimentada como exclusão e distância, e a inocência como conforto e proximidade. No equilíbrio entre o dar e o tomar das relações, a culpa é sentida como obrigação e a inocência como liberdade ou reivindicação. Na ordem, a culpa é vivida como transgressão e medo de punição e a inocência como retidão e lealdade (GONÇALVES, 2013, p. 24).

A culpa, na esfera da consciência, é considerada como um sentimento negativo, enquanto que a inocência é considerada como um sentimento positivo. Exemplo de má consciência: Se a família da pessoa X é pobre, e X se casa com uma pessoa rica, X se sentirá com má consciência em relação à sua família. Para continuar pertencendo e não se sentir culpada, X passa a contribuir com dinheiro ou benefícios mensais para dirimir sua culpa. Isso nada tem de certo ou errado, e sim da necessidade de pertencer. Por outro lado, vamos citar um exemplo de boa consciência: Um pai tem determinado vício. O filho, para não julgar o pai, para não se sentir culpado, em lealdade ao amor filial passa a adquirir o mesmo tipo de vício. Assim ele não se exclui do coração do pai e se mantém com a consciência tranquila, sentindo-se inocente. Aos olhos dos outros, ele passa a ser considerado vítima do mau exemplo do pai. A vítima sempre é considerada inocente. Esse processo de boa ou má consciência, impulsionado pela necessidade de pertencer, é totalmente inconsciente, tanto que pela boa consciência, nós, seres humanos, adquirimos doenças psicossomáticas por amor a alguém do nosso sistema, ao qual estamos emaranhados.

Existe, na comunidade de destino da família e do clã familiar, uma necessidade irresistível – baseada no vínculo e no amor de vínculo – de compensação entre a vantagem de alguns e a desvantagem de outros, entre a inocência e a felicidade de alguns e a culpa e a infelicidade de outros, entre a saúde de alguns e a doença de outros, e entre a morte de alguns e a vida de outros. Em razão dessa necessidade, se uma pessoa foi infeliz, uma outra também quer ser infeliz; se uma ficou doente ou se sente culpada, uma outra, saudável ou inocente, também fica doente ou se sente culpada; e se uma morreu, outra, próxima a ela, também deseja morrer. Portanto, [...] levam à tentativa de pagar pelo bem-estar do outro com o próprio infortúnio, pela saúde do outro com a própria doença, pela inocência do outro com a própria culpa e pela vida do outro com a própria morte (HELLINGER, 2009, p.71).

A dinâmica da constelação demonstra que existe uma ligação inconsciente que influencia mutuamente as pessoas que convivem dentro de um sistema. Quando conflituosa esta ligação exerce uma influência que traz dor e dificuldades, mantendo emaranhadas todas as pessoas que criam um sentimento de codependência entre si. É como se criassem algemas invisíveis que os prendem uns aos outros. Quando desatados os nós, diríamos que as chaves que abrem as algemas foram encontradas, então, naturalmente, a pessoa parte em busca de seus próprios caminhos de realização pessoal.

Quando o Pertencimento, o Equilíbrio entre o dar e o receber e a Ordem ou hierarquia são respeitados dentro da família, isso concorre para que o amor flua livremente pelo sistema familiar. Como em todas as famílias há dissabores, exclusões, nós, emaranhamentos, as constelações familiares foram criadas para trazer a paz aos vivos e aos mortos que pertencem ao sistema. Elas foram criadas com o intuito de serem terapêuticas, de serem curativas tanto no sentido físico como no emocional, mental e espiritual.

A Constelação Familiar proporciona o desvendamento de quem, dentro do sistema, foi excluído, rejeitado, esquecido, abandonado, desrespeitado, traído, acidentado, assassinado, suicidou-se ou morreu de doença grave. Como esses fatos influenciam, sobremaneira, aqueles que vieram depois e que estão enredados nos sofrimentos dos antepassados, mesmo que não saibam - quase sempre não sabem - encontram nas constelações uma possibilidade de juntar o que foi separado, de honrar o destino daqueles e, com isso, poderem se desidentificar dos sintomas que haviam tomado como seus. Essa dinâmica deixa clara a necessidade da conquista da liberdade individual, da libertação de traumas pessoais, do respeito aos papéis que cada um exerce e do equilíbrio entre “o dar e receber” nas relações, para que o sistema possa se autorregular. A constelação permite e contribui para que os padrões inconscientes, que passam de geração em geração (transgeracionalidade) no seio de um determinado sistema, aflorem à consciência, deixando de interferir inconscientemente na vida dos sucessores.

Sob o título “Traumas afetam genes até de filhos das vítimas”, o jornal Folha de S. Paulo, do dia 29 de setembro de 2015, traz um artigo no Caderno de Ciência, que contribui

sobremaneira com o que estamos nos deparando no trabalho com as Constelações Sistêmicas. Uma equipe de pesquisa liderada por Rachel Yehuda no Hospital Mount Sinai, após analisar os dados genéticos colhidos de 32 homens e mulheres que haviam sido prisioneiros nos campos de concentração nazistas que testemunharam, sofreram torturas ou permaneceram escondidos durante a Segunda Guerra Mundial, concluiu que “Mudanças genéticas derivadas de traumas sofridos por sobreviventes do Holocausto podem ser transmitidas aos filhos destes, no mais claro sinal, até o momento, de que as experiências de vida de uma pessoa podem afetar as gerações subsequentes” (THOMPSON, 2015).

Os pesquisadores também analisaram os genes dos filhos dos participantes e encontraram as mesmas mutações que foram constatadas no DNA dos pais. O trabalho da equipe de Yehuda vem demonstrar que os traumas são passados dos pais para os filhos através da “herança epigenética”, que considera mutações genéticas adquiridas por meio de hábitos alimentares, fumo, estresse e agora inclui também os traumas emocionais que, passando de geração em geração, poderão afetar os netos e ainda outras gerações.

Marcus Pembrey, professor emérito de genética pediátrica, no *University College of London*, informa que os estudos sobre os impactos nos descendentes dos sobreviventes do Holocausto têm sido realizados há anos. O desafio era mostrar que os efeitos intergeracionais não são transmitidos apenas pelas influências sociais dos pais ou pela herança genética regular, mas também pelos traumas emocionais. Nesse artigo também foi citado o estudo sobre a transmissão do medo que, nos animais, já foi constatado. A estas heranças descritas pelo artigo, podemos ainda acrescentar a memória cultural, como observada por Menezes (2007, p. 28): “Quando observamos o corpo como mídia primária não estamos apenas nos referindo às suas funções biológicas. Percebemos que o corpo, além de ser um organismo vivo, uma expressão da natureza, também tem sua memória cultural”.

A Constelação Familiar é realizada tanto em sessão grupal quanto individual. No atendimento individual, a constelação acontece com a ajuda de ferramentas ou instrumentos simbólicos que servem para substituir os corpos dos representantes. Esses instrumentos simbólicos podem ser de muitos diferentes materiais, exemplos: blocos de madeira, bonecos de pano, bonecos playmobil, pedras coloridas, almofadas, cadeiras, lápis, copos descartáveis, papéis sulfite com palavras escritas (chamados de âncoras de chão), retângulos ou quadrados e círculos em EVA etc. O trabalho grupal é feito com a concorrência de um grupo de pessoas que participam da constelação de um cliente. O cliente é denominado “o constelado”, e as pessoas que participam ativamente na sua constelação são denominadas “representantes”. Representante é, portanto, uma pessoa que é escolhida para entrar na constelação fazendo

parte do sistema familiar do constelado. Essa pessoa não conhece a vida e nem a problemática que envolve aquele que está trazendo uma dificuldade para tentar encontrar solução ou o indicativo de um caminho que possa levar à solução, ou mesmo ao alívio do sofrimento trazido por conflitos emocionais, ou de crenças pessoais limitantes na sua própria vida. Ao representante é dada a instrução de apenas perceber as sensações e emoções de que seu corpo é acometido e, principalmente, deixar a razão de lado, permanecendo com a cabeça vazia, isto é, sem pensamentos. Então o representante se deixa conduzir pelas sensações físicas, pelas emoções e pelos movimentos que tomam o seu corpo. Ele se movimenta no espaço, aproxima-se ou afasta-se dos corpos dos outros representantes que simultaneamente fazem parte da constelação. A partir dos movimentos dos corpos, das sensações e das emoções, o “constelador” ou “facilitador” percebe quais foram os fatos ocorridos no sistema, independentemente de ter sido num passado remoto ou próximo. A partir do momento em que se revelou onde se iniciou o conflito, já sabendo do que se trata, procede-se à tentativa de solução por meio da reconciliação, do perdão, do amor e do desejo de paz para os antepassados.

Queremos sugerir que assistam a um vídeo, cujo link está nas referências, no qual fomos entrevistadas num programa de televisão Nova Regional, na cidade de Tietê. Nessa entrevista, durante 20 minutos explicamos o que é constelação, e durante os outros 20 minutos, após o intervalo, fizemos uma constelação ao vivo, com pessoas como representantes (BASSOI, 2010).

A vantagem de trabalhar com representantes consiste justamente em que eles não se assemelham aos membros da família, e aquilo que sentem não depende de qualquer caracterização ou indicação prévia. Desta maneira, podem sentir coisas essenciais que na própria família, devido ao excesso de informações e à grande proximidade, não podem ser percebidas. O essencial é liberado pelo acaso, e este não se prende a nossos laços pessoais (SCHNEIDER, 2007).

Em todo relacionamento existem nós, emaranhados profundos, de onde não se consegue puxar o fio, mesmo quando se deseja ardentemente. As tentativas são geralmente frustradas porque seguem os padrões do consciente. No entanto, toda pessoa é influenciada por padrões inconscientes, não apenas os próprios, mas os de todos os grupos aos quais se pertence, principalmente o grupo familiar, incluindo gerações e gerações passadas nas quais existem, ainda atuantes, pontos fundamentais para que sejam desatados os nós.

A constelação familiar tem a finalidade de revelar as relações inconscientes que nos influenciam, no aqui-agora, dentro do sistema familiar. Essa técnica tem esse nome porque as

pessoas envolvidas, ao se postarem para o trabalho, formam com seus corpos, uma espécie de “constelação”.

A pessoa a ser terapeutizada, ou melhor, “constelada”, no dizer dos profissionais da área, propõe uma dificuldade sua, para que sejam encontradas soluções. Em seguida escolhe, entre os participantes do grupo, representantes para si e para as demais pessoas envolvidas em seu emaranhamento. Então, ela as posiciona, umas em relação às outras, sem dizer nada, simplesmente colocando as mãos nos ombros de cada uma e conduzindo-a para o lugar que acha mais adequado, assim configurando a constelação. Os representantes permanecem concentrados sem nada dizer. Instruídos a não usar o racional, só prestam atenção aos efeitos que o lugar onde estão posicionados provoca e apenas comunicam esses efeitos, que podem ser dramáticos, quando o terapeuta os questiona a respeito. Tais efeitos refletem de modo surpreendente, as emoções e as percepções, até de sintomas físicos, das pessoas representadas, as quais nem estão ali presentes, e sem que os representantes tenham sido informados.

Para compreender como isso acontece, o próprio descobridor dessa técnica esteve dialogando e ouvindo a opinião de Rupert Sheldrake, o qual em seu livro *A Presença do Passado*, sob o subtítulo *Sintonização Com Outras Pessoas*, diz:

Se somos influenciados pela ressonância mórfica² de indivíduos particulares com quem estamos, em certa medida, ligados ou conectados, então é concebível que possamos recolher imagens, pensamentos, impressões, ou sentimentos deles, quer durante a vida desperta, quer enquanto sonhamos, de uma maneira que vai para além dos meios de comunicação reconhecidos pela ciência contemporânea. Estas conexões ressonantes seriam possíveis mesmo se as pessoas implicadas estivessem a milhares de quilômetros de distância (SHELDRAKE, 1995, p. 305).

Hellinger nos informa que o fato de que os representantes, uma vez configurados na constelação, percebem exatamente como se sentem as pessoas que eles representam, chamou-lhe muito a atenção. Indagou-se muitas vezes como é que isto poderia acontecer. Após anos de observação, constatou que o que quer que aconteça na constelação familiar, também acontece no outro lado, ou seja, na vida real e afeta imediatamente as pessoas que foram representadas, apesar de elas não saberem de nada. Conta que recentemente fez um seminário na Alemanha, onde um professor, pedindo supervisão, configurou o sistema de um de seus alunos, o qual era muito agressivo, difícil de lidar, a tal ponto que estavam decidindo expulsá-lo da escola. Fazendo a constelação, descobriu-se que no sistema dele houve um assassinato

² É a influência de estruturas anteriores de atividades sobre estruturas subsequentes, que ocorre entre indivíduos de mesma espécie, independentemente do tempo e do espaço. São influências que provêm do passado, da ancestralidade. Quanto maior for o grau de semelhança, maior a influência da ressonância mórfica (SHELDRAKE, 1995, p. 469).

há várias gerações, e isso os levou a encontrar uma boa solução. Nessa mesma noite, há mais de 400 km dali o rapaz foi afetado positivamente e mudou seu comportamento (HELLINGER, 2014).

Sheldrake, em 2014 deu uma entrevista que foi postada no *youtube* por uma jornalista brasileira, que também é consteladora, Simone Arrojo. Simone lança a pergunta: — Como é que o campo que se forma na constelação funciona?

Uma resposta simples é que ninguém realmente sabe os detalhes, mas a primeira vez que eu me deparei com a constelação familiar foi em Londres. A primeira vez que o Bert Hellinger foi à Inglaterra fazer um workshop de constelação familiar que foi organizado por um grupo de psicólogos da Gestalt, eles me convidaram porque acharam que eu ficaria interessado. Quando eu o vi trabalhando com as pessoas, como representantes, para os pais, mães, irmãos e irmãs, e os reorganizavam, eu pensei – isto é maravilhoso! É o campo! O campo familiar está sendo revisto aqui na nossa frente! E quando os representantes respondiam sobre a posição deles no campo, de forma prática, e quando os representantes se moviam no campo e pareciam acessar gerações anteriores, eu pensei: — Esse é o Campo Mórfico, o Campo de Ressonância! E eu fiquei muito, muito feliz, e disse aos organizadores: — Eu posso conversar com o Hellinger? Eu quero falar com ele a respeito disso. Eles perguntaram a ele e ele disse que já havia lido sobre os Campos Morfogênicos. Então logo nos encontramos e tivemos uma conversa de uma conexão muito importante. Depois disso participei de muitos encontros de constelação e minha esposa Jill tem trabalhado de forma efetiva com grupos muito fortes. E quanto mais eu vejo, mais tenho certeza de que é um campo fenomenológico, onde o campo mórfico acessa memórias e isso é uma parte importante nesse tipo de trabalho (SHELDRAKE, 2014).

Isso demonstra que estamos conectados com muitas outras pessoas, de uma forma profunda e inconsciente. E aqueles que entram como representantes numa constelação, de certo modo, naquele momento, deixam o seu próprio sistema e passam a pertencer ao sistema do cliente entrando em ressonância com tudo o que pertence a esse campo particular. Aquele que facilita a constelação também entra nessa sintonia, não exatamente da mesma forma como faz um representante, pois este está apenas em contato com uma pessoa específica, enquanto que o terapeuta, ou facilitador, está em contato com o sistema como um todo. Quando fazemos este trabalho a partir dos movimentos do espírito³, podemos sentir, como facilitadores, qual é o problema que ali está, isto porque passamos a fazer parte daquele campo.

Vamos narrar uma constelação facilitada por nós, com a concorrência de um grupo de pessoas, para melhor ilustrar o que estamos dizendo. Um cliente chegou com a queixa de que ele sentia uma enorme necessidade de acumular coisas com medo de que um dia pudessem lhe faltar. Não sabia dizer o porquê disso e queria se livrar desse comportamento que estaria

³ Hellinger denominou de “o movimento do espírito” o fato dos representantes se movimentarem, não por sua vontade própria, mas guiados por uma força maior.

lhe causando até dificuldades no relacionamento conjugal. Segundo disse, isso estaria incomodando muito a esposa que queria que ele se livrasse das “velharias” que ficava guardando. Queria se livrar, mas não conseguia. Apenas com essa informação, iniciamos a constelação pedindo para ele escolher alguém, entre as pessoas presentes no grupo, todas desconhecidas dele, para ser o seu representante. Em seguida, sugerimos para que escolhesse alguém que representasse seu pai e outra pessoa para representar a mãe. Tendo escolhido as três pessoas, posicionou-as dentro do espaço central onde há um vazio e todas as outras pessoas ficam sentadas num grande círculo em volta desse espaço onde a constelação se desenrola. O cliente volta a sentar-se ao nosso lado e fica só assistindo ao desenrolar da trama sem palavras, sem ter fornecido informações de como é a personalidade de cada um que está sendo representado, e também sem sabermos nada sobre o histórico de vida deles.

Teve início um movimento quando o representante do pai virou-se de costas para o centro do círculo e pôs-se a olhar para a linha do horizonte, como se olhasse para um lugar bem distante. A mãe passou a olhar para o chão, uma tristeza a invadiu e logo começou a chorar. O representante do cliente ficou imóvel e sentia-se preso ao chão. Perguntamos se a mãe havia perdido algum filho, o que imediatamente o cliente confirmou informando que uma menina nasceu e viveu apenas por 6 meses, tendo sido acometida de meningite. Naquele lugar para onde a mãe olhava foi colocada uma mulher representando a criança. A representante da mãe se abaixou para tocar na filha, sentou-se no chão e colocou-a com a cabeça no seu colo. Chorou, chorou, chorou. Enquanto isso acontecia, perguntamos para o cliente qual era a origem da família do pai. Da Itália, disse ele. O bisavô conseguiu fugir para o Brasil, na época da guerra, depois de ter passado por situações de muita carência. A casa onde morava com seus pais (os trisavós) foi saqueada, os soldados levaram tudo que puderam, inclusive os cereais estocados, deixando-os sem alimentos. A família passou por necessidades extremas, a ponto de ter que se desfazer de alguns pertences para trocar por comida. O bisavô era jovem e, para não ter que ir servir no exército, fugiu do país instigado pelos próprios pais. Veio num navio sem trazer nada consigo, assim como outros tantos fugitivos na mesma situação. Ao contar esse episódio, o cliente se emocionou enquanto o seu representante pôde se locomover e ir até onde estava o representante do pai. Os dois se abraçaram e choraram pela triste sina do bisavô, e dos outros antepassados envolvidos nessa história.

(Lembramos aqui, o fato de que aqueles que se abraçavam e choravam eram apenas os representantes do cliente e do pai, pessoas que nem se conheciam, assim como também a mulher que chorou e acolheu aquela criança era apenas a representante da mãe).

Percebemos que havia uma conexão com o bisavô, o qual já nem está mais vivo neste plano. O cliente nunca pensou na possibilidade de estar emaranhado na história de vida do bisavô o qual nem chegou a conhecer. Soube dessa história através do seu pai que contou sobre o motivo pelo qual o avô veio para o Brasil, e toda a dificuldade de se estabelecer aqui por ter vindo de mãos vazias. Então, tendo descoberto a quem o cliente estava ligado e sofrendo em lealdade ao seu sistema familiar, escolhemos outro homem para entrar representando o bisavô. Convidamos o cliente a ir até o bisavô e ali pudemos ver a identificação de forma clara e amorosa. O bisavô abraçou o cliente e o agradeceu pela demonstração de seu amor à vida de sacrifícios que teve que passar, acumulando coisas, sem saber, como se pudesse de alguma maneira suprir a falta de tudo que foi tirado da família. Abençoou o bisneto, agradeceu e lhe disse que aquilo tudo fez parte do passado, e que onde ele está hoje já não precisa de nada material para viver. O cliente se emocionou muito, abaixou a cabeça diante do bisavô para receber a benção, e o agradeceu. O representante do pai também veio abraçar o seu avô e o reverenciou. Nesse momento fez-se necessário sugerir uma fala para o cliente dizer para o bisavô: — Querido bisavô, só agora descobri que estava conectado ao senhor, e inconscientemente acumulava coisas com medo de que um dia pudessem faltar. Isso estava muito pesado para mim, e agora como já sei que não era meu, devolvo esse peso para o senhor poder me libertar. Leve o que é seu, por favor, porque quero ficar só com o que é meu. E o bisavô, sorrindo, lhe disse: — Querido bisneto, a partir deste momento você está totalmente livre dessa carga que era minha. Segue em frente em direção à sua vida sem precisar continuar sendo leal ao meu passado. O cliente fez uma reverência, virou-se de costas para o bisavô, abraçou-se ao pai e os dois caminharam juntos em direção à mãe. Tendo decorrido um espaço de tempo que foi suficiente para que a criança fosse resgatada pelo amor da mãe, ambas, mãe e filha já estavam em pé, abraçadinhas e sorrindo pela libertação do filho e irmão. Os quatro se abraçaram e assim terminou a constelação com o cliente respirando fundo e dizendo: — Que alívio!

As constelações familiares proporcionam efeitos nos representantes e nos observadores, que mesmo não tendo sido constelados, percebem alguns dias depois de terem participado, que também desemaranharam alguns de seus nós pessoais. Relatam, ainda, que os efeitos benéficos da constelação alcançam até outras pessoas muito próximas, posto que algumas mudanças significativas ocorrem no comportamento delas também.

Outrossim, lembramos que o “inconsciente coletivo” proposto pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875–1961), nos dá a base para aceitarmos que existe

um inconsciente familiar, um inconsciente grupal, com o qual estamos diretamente conectados.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. O conceito de *arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2000, p. 53).

Uma das razões por que Jung adotou esta ideia foi porque encontrou padrões recorrentes nos sonhos e mitos que sugeriam a existência de arquétipos inconscientes, os quais interpretou como um tipo de memória coletiva herdada. Conta-nos, ele próprio, como chegou à ideia da existência do inconsciente coletivo através da análise de um sonho, o qual contou para Freud e percebeu que este não alcançou o significado do conteúdo simbólico ali apresentado. No sonho havia uma casa de dois andares, desconhecida para ele, mas que o pertencia. Sentiu-se instigado a explorar todos os cômodos do segundo andar, onde se encontrava naquele momento. Observou em detalhes o estilo do mobiliário e relacionava com seu conhecimento de história das artes, a fim de procurar datar, aproximadamente, aquilo que via. Explorando o andar térreo, percebeu que ali tudo era mais antigo, da era medieval. Tudo estava mergulhado na penumbra. De repente deparou-se com uma porta pesada que dava para uma escada de pedra, a qual conduzia à adega. Observando os detalhes desse lugar, como se fosse um porão da casa, percebeu que as paredes datavam da época romana e que o piso era recoberto de lajes. Numa delas havia uma argola. Assim que puxou a argola, abaixo da laje apareceu outra escada de pedra com degraus estreitos. Desceu essa escada e chegou a uma gruta baixa e rochosa. O solo estava recoberto com uma poeira espessa. Mergulhados nessa poeira havia ossadas, restos de vasos quebrados e vestígios de uma civilização primitiva. Ali ele descobriu dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. Aí o sonho termina (JUNG, 1975).

O sonho da casa teve um curioso efeito sobre Jung, pois despertou seu antigo interesse pela arqueologia. Leu um livro sobre as escavações na Babilônia e diversas obras sobre os mitos. Percebeu que no segundo andar onde se encontrava no início do sonho, estava em contato com o seu consciente. À medida que foi para a obscuridade do andar térreo, começava

a entrar no inconsciente. Descia mais escadas enquanto adentrava em inconscientes mais profundos até chegar ao inconsciente arqueológico da humanidade, ali onde encontrou os crânios. Não entendeu de pronto o que significava aquela gruta e os restos que nela foram deixados no meio daquela poeira abundante. Só mais tarde, quando suas experiências se multiplicaram e seu saber se consolidou, reconheceu que o sonho descrevia, como um diagrama estrutural da alma humana, uma condição prévia de natureza essencialmente impessoal – os arquétipos (JUNG, 1975).

A ideia de Jung, do inconsciente coletivo, não foi levada a sério dentro da ortodoxia científica que não a aceitou e nem a aceita até os dias de hoje. Naquela época, dentro das ciências ainda imperava o conceito mecanicista de que toda a hereditariedade estava contida no DNA, assim como potencialmente ali se encontrava toda a programação do indivíduo adulto, independente da história de vida de seus antepassados. O próprio Jung disse: “Certamente nenhum de meus conceitos encontrou tanta incompreensão como a ideia de inconsciente coletivo” (JUNG, 2000, p. 53).

Contudo, diz Sheldrake (1995, p. 345), “[...] o inconsciente coletivo proposto por Jung faz sentido à luz da hipótese da causalidade formativa”.

A hipótese da causalidade formativa parte da ideia de que os campos morfogenéticos têm uma realidade física, no mesmo sentido em que os campos gravitacionais, eletromagnéticos e da matéria quântica são reais. Cada tipo de célula, de tecido, de órgão e de organismo tem o seu próprio tipo de campo. Estes campos moldam e organizam os microrganismos, os vegetais e os animais em desenvolvimento e estabilizam as formas dos organismos adultos. Fazem-no com base na sua própria organização espaço-temporal. [...] a estrutura destes campos depende de acontecimentos reais do passado. [...] Representam uma espécie de memória coletiva da espécie. Cada membro é moldado por estes campos de espécie e contribui, por sua vez, para os moldar, influenciando os membros futuros da espécie (SHELDRAKE, 1995, p. 157).

A abordagem de Hellinger, ao explorar as dinâmicas mais profundas do inconsciente, faz as pessoas se conscientizarem de como forças, provindas do inconsciente coletivo familiar, nos afetam e influenciam, inclusive, os nossos relacionamentos. Por exemplo, relacionamentos amorosos frustrados que um dos cônjuges teve anteriormente, continuam afetando energeticamente qualquer relação presente ou futura, até que o vínculo existente seja resolvido ou harmonizado na constelação. Nota-se também que é forte a influência de pessoas que se excluíram ou foram excluídas da família, assim como alguém que saiu de casa para morar em outro lugar, ou em outro país, algum aborto espontâneo ou provocado, algum suicídio ou morte trágica, doenças graves etc. Essa influência atua, mesmo que o fato tenha

ocorrido em gerações passadas. É como se houvesse uma “memória celular”, como nos mostra o artigo do jornal Folha de S. Paulo (THOMPSON, 2015), exposto anteriormente.

Assim sendo, uma constelação passa, tipicamente, por dois estágios. No primeiro, influências ocultas são reveladas, mesmo que a pessoa constelada nem tenha conhecimento delas. Chamamos esse estágio de “diagnóstico” porque é a fase em que vamos buscar a causa do emaranhamento do cliente. No segundo estágio, é o momento em que oferecemos ao cliente a oportunidade de se desidentificar do elemento com o qual estava em ressonância mórfica. Esforços para se encontrar soluções são descobertos ou recuperados e, então, testados ali mesmo na constelação. É importante salientar que a “solução” vem sempre da alma da pessoa constelada, nunca do terapeuta. Este é, somente, um facilitador.

A “Constelação Familiar” abrange todos os problemas da vida. Podemos dividi-los em dois grandes grupos dentro das necessidades humanas: os de cunho pessoal e os de ordem relacional. Começamos citando algumas questões de ordem pessoal, individual, ou seja, baixa autoestima, insatisfação profissional, dificuldade de ganhar dinheiro ou de administrá-lo, dificuldade de arrumar emprego, sentimento de vazio existencial, não encontrar o seu lugar no mundo, achar-se inútil, dependência moral ou psíquica, medo, culpa, ansiedade, depressão, cleptomania, bipolaridade, angústia, vontade de morrer, sentimento de abandono, sentimento de rejeição, sintomas e doenças físicas ou psíquicas, inconformismo com perdas de pessoas queridas, não aceitação do luto, dificuldades sexuais, mania de perseguição, dificuldades em ter uma crença ou de não conseguir deixar o fanatismo, sentimento constante de raiva e agressividade, abortos provocados ou não, alcoolismo, drogadição, adoção, concepção, abuso sexual, traumas. Com tudo isso que citamos, com certeza ainda não esgotamos o campo das possibilidades.

Quanto às queixas de ordem relacional, são todas as questões que envolvem o contato com o outro, ou com outros indivíduos. Essas queixas iniciam-se na família, assim como a dificuldade de relacionamento do casal, relacionamento entre pais e filhos, entre irmãos, primos, sobrinhos, sogros, avós, tios, separação de casal, a luta pela guarda dos filhos, traição, rompimento de namoro ou noivado, dificuldade de se relacionar socialmente ou amorosamente, morte prematura de um dos cônjuges, a perda de filhos, o desemprego, a falta de ação em busca de soluções, o conformismo de um e o inconformismo de outro, brigas por heranças, briga por partilhas, suicídios, assassinatos, prisão, torturas físicas ou psíquicas, desentendimentos de ordem sexual, não aceitação de uma filha que aparece grávida, não aceitação da preferência sexual de um (a) filho (a), imposição de regras, autoritarismo,

violência etc. O mesmo se aplica às relações sociais e profissionais dentro de uma empresa, organização, instituição, escola e assim por diante.

3.1 Aplicação das constelações em outros sistemas sociais e o alcance das constelações no mundo

Todo o trabalho desenvolvido por Hellinger se baseia na fenomenologia dos complexos psicológicos e relacionais do ser humano, o que extrapola o sistema familiar. Ainda na Alemanha, foram criadas duas ramificações importantíssimas que tomaram grande impulso, e se difundiram rapidamente pelo mundo. Uma delas é a Constelação Organizacional (STAM, 2014), às vezes chamada de Constelação Empresarial, a qual foi concebida pelo psicanalista e empresário Gunthard Weber, amigo pessoal e companheiro de Hellinger em todas as incursões conceituais e teóricas nas constelações familiares, principalmente pelo fato de ser psicanalista. Outra é a Constelação Educacional que se estabeleceu com a denominação de Pedagogia Sistêmica (GUEDES, 2012), desenvolvida pela professora alemã Marianne Frank, psicopedagoga alemã que também acompanhou o desenrolar das compreensões de Hellinger. E recentemente, um juiz brasileiro, Sami Storch (2014), adaptou a técnica das constelações familiares para o setor jurídico com o objetivo de trabalhar a mediação e conciliação nos casos de separações litigiosas e os conflitos principalmente na luta pela guarda dos filhos. Está aplicando também para procurar soluções para os casos de violência doméstica e atos infracionais cometidos por crianças e adolescentes. Storch criou a denominação “Direito Sistêmico”. Ao conjunto de constelações: familiar, organizacional, educacional e jurídica, foi atribuído o nome de “Constelações Sistêmicas”.

A teoria filosófica de Hellinger, em conjunto com o método fenomenológico por ele adotado na criação das Constelações Familiares como técnica psicoterapêutica, tomou vulto e rapidamente se espalhou para muitos países e povos de línguas e culturas diferentes, os quais passaram a estudá-la e aderiram com grande interesse. Uma revolução silenciosa, uma verdadeira mudança de paradigma dentro do campo da psicologia, operou e está operando grandes transformações na visão sistêmica do ser humano. Os conceitos que constituem o quadro teórico da chamada Hellinger Sciencia® aplicam-se indiscriminadamente a todo ser, independente de raça, crença, cor, cultura, pois as necessidades da alma humana são iguais em qualquer parte do mundo.

As agendas dos principais consteladores internacionais testemunham o interesse por esse método sedutor. Como a de Jakob Schneider, Bert Hellinger, Albrecht Mahr,

Stephan Hausner assumem, por mês, o compromisso de ir dar formação no Brasil, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Peru, na França, nos Países Baixos, na Itália, na Polônia, na Croácia, na Eslovênia, na Rússia, na Lituânia, Ucrânia, na Espanha, em Portugal, em Taiwan, no Japão, Estados Unidos, na África do Sul, na Áustria, na Suíça, na Suécia e na Alemanha. Além dos países mencionados acima, consteladores certificados existem também na Dinamarca, na Grécia, na Nova Zelândia, na China (e mais em HongKong), na Islândia, na Noruega, na Turquia, na Venezuela, na Colômbia, no Canadá e na Gran Bretanha. (HELL, 2006, p.15)

Quando Martin Hell apresentou sua tese de mestrado em 2006, na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, as constelações familiares estavam disseminadas em 35 países, segundo a pesquisa feita por ele. No entanto, hoje já estão em 53 países, segundo fonte pertencente ao acervo da Universidade Dom Emilio Cárdenas, no México, que é a única universidade no mundo, até agora, que tem o curso de formação na Hellinger Ciencia®. Quando Hellinger começou a experimentar sua técnica, apresentou-a aos amigos alemães que o acompanharam durante aproximadamente trinta anos de pesquisas e estudos, e foram eles que empreenderam a tarefa de expandir esse conhecimento no mundo. Desde o início da década de 80, mesmo não sabendo a explicação do que e como os representantes eram capazes de captar sentimentos e emoções das pessoas a quem eles representavam, as constelações familiares se expandiram porque eram e são profundas e curativas. Elas causam impacto nos clientes que vêm ali, diante de si, a representação de fatos que aconteceram na vida real da família, assim como identificam os personagens por gestos, sintomas, falas que eram habituais daqueles que estão sendo representados.

Um exemplo que podemos citar, da nossa própria experiência como consteladora, é o caso de uma avó que estava sendo representada por uma jovem que não conseguia se sustentar em pé, a ponto de ter caído ao chão. Depois que a moça caiu, o cliente informou que aquela avó havia amputado uma perna e viveu numa cadeira de rodas por um bom tempo. Quando perguntávamos a Hellinger, no início deste século, por volta dos anos 2005 (quando começamos a trabalhar com as constelações) qual era a explicação desse fenômeno, ele respondia: — “Não sei, só sei que é assim e que sempre acontece. Eu acredito nesse campo dotado de saber e me entrego a ele”. Alguns anos depois, por volta de 2008, nos seus seminários passou a fazer uso da hipótese da ressonância mórfica para explicar o fenômeno da conexão e captação de sentimentos, emoções, dores e memórias de pessoas não presentes, como também de antepassados do “constelado”.

3.2 Evolução das dinâmicas das constelações familiares

Quando Hellinger iniciou seu trabalho com as constelações, o procedimento técnico era bem diferente do que é hoje. O cliente, mesmo diante de um grupo de pessoas, passava por uma entrevista realizada pelo constelador, o qual anotava os dados, assim como os psicólogos, psiquiatras, ou psicanalistas fazem aquilo que chamam de anamnese. Idade, estado civil, filhos, quanto tempo de namoro ou casamento, relacionamentos amorosos anteriores, profissão, ocupação, dificuldades etc., eram os dados registrados, antes mesmo de se perguntar qual era a questão do cliente. O que diferenciava a anamnese tradicional da entrevista feita pelo constelador, é que este, além das perguntas anteriores também perguntava sobre o relacionamento com os irmãos, pais, avós, e principalmente se havia exclusões no sistema familiar. Por exclusão considera-se qualquer pessoa que tenha deixado de pertencer, seja por aborto, morte prematura, doenças graves na família de origem, acidentes, assassinato, suicídio, emigração, imigração, desavenças que causam separação de pessoas da família, doenças hereditárias etc. Era montado um Genograma, que é um gráfico do tipo de organograma fundido com a árvore genealógica, com ênfase em destinos trágicos dos antepassados. Só depois de montado o genograma que dava uma visão transgeracional até, no máximo, a 5ª geração, é que se procedia à montagem da constelação.

Após a entrevista, o constelador pedia ao cliente que escolhesse, entre os integrantes do grupo, aquelas pessoas que iriam representar os membros de sua família, implicados na questão trazida. Por exemplo, uma pessoa para representar o pai, outra para a mãe e outra para a (o) própria (o) cliente. Uma vez escolhidos os representantes, o cliente era instruído a se colocar por detrás de cada um deles e, com as mãos em seus ombros, deveria conduzi-los, um a um, aos lugares que lhe parecessem mais indicados, de acordo com sua imagem interna. Os representantes permanecem em pé, nos lugares onde foram colocados, e são instruídos a prestar atenção em suas sensações e emoções. Após alguns instantes, o constelador pergunta, a cada representante, como se sente nesse lugar, quais sensações e quais sentimentos experimenta. A montagem da constelação já mostra como se relacionam os membros da família, e as sensações que surgem revelam os enredos invisíveis e inconscientes. A partir das informações, o próprio constelador mudava a posição dos representantes, sempre perguntando se na nova posição ele se sentia melhor ou pior que na posição anterior. Com a percepção no todo, ia agregando mais representantes que ele mesmo escolhia e ia ordenando o sistema segundo as Ordens do Amor, até que todos encontrassem o lugar onde se sentissem bem. Quase sempre o cliente se surpreendia pelo que se mostrava e pelo fato de que os

representantes expressavam os mesmos sentimentos dos familiares que eles substituíam, como também muitas vezes emergiam dinâmicas e sentimentos desconhecidos. Às vezes surgiam segredos de família. Com frequência o cliente entendia a causa de seu sofrimento e/ou de sua questão.

Ainda, nas constelações tradicionais, constantemente eram pronunciadas frases curativas, palavras de poder, que o constelador sugeria para que o representante repetisse em direção a outro representante, onde havia um emaranhamento entre ambos. Isso proporcionava um alívio e o fluxo do amor voltava a fluir na constelação. Em certa ocasião, Hellinger comentou que não é o constelador que faz os fatos surgirem, mas é a realidade que emerge por si só. Quando a realidade surgia claramente, era possível encerrar a constelação. No entanto, dizia que em determinados casos se convinha dar um passo a mais, isto é, colocar o cliente dentro da constelação, no próprio lugar onde seu representante estava e, então, propunha uma frase final para encerrar o assunto. Quando o cliente não entendia a dinâmica, Hellinger aproveitava para dar umas explicações teóricas gerais. Assim eram as constelações familiares nas décadas de 80 e 90.

Com o passar do tempo, Hellinger observou que os representantes, assim que colocados no campo da constelação, já começavam a ter movimentos involuntários como que levados por uma força invisível. Deixou que isso acontecesse porque percebeu que algo diferente e ainda maior, estava mostrando fortemente a necessidade de não interferir na fenomenologia que se apresentava. Prestou muita atenção para ver se os movimentos eram mesmo espontâneos ou inventados por alguns representantes. Quando percebia que era proposital, dizia ao representante que ele estava usando a razão e, imediatamente, o substituíam por outro participante. Às vezes simplesmente dizia: — “Vai sentar” e colocava outra pessoa no lugar.

Através dos movimentos espontâneos, surgem informações que aportam conhecimentos ainda mais profundos, os quais permitem compreender o sistema mais além do que as Ordens do Amor e tomar consciência de vínculos familiares antes não considerados ou não compreendidos. A estes movimentos, Hellinger os denominou de “Movimentos da Alma”. A partir de então, em torno do ano 2000, as constelações passaram a ser feitas da seguinte forma: o cliente já não respondia a tantas perguntas, a entrevista passou a ser mais direta, mais focada na questão trazida. O cliente escolhia e colocava os representantes, montando a sua constelação nos mesmos moldes que nas constelações tradicionais. Porém, os representantes eram convidados, pelo constelador, a seguir lentamente os movimentos que surgiam de forma intuitiva, nunca usando o racional. Nesse caso, de certa forma, os

movimentos dos representantes dirigiam a constelação. O constelador observa os fenômenos que se mostram e os segue, passo a passo, em sintonia com eles. As imagens o levam a fazer perguntas pontuais ao cliente que, muitas vezes, se recorda de quem foi excluído do sistema, e o constelador escolhe uma pessoa para representar aquele que necessita ser trazido e honrado. Quando se percebe que a pessoa agregada é bem recebida, quem facilita a constelação pode usar frases de solução, ou simplesmente deixar que surja um movimento de reconciliação. Pode suceder que a pessoa incluída não produza nenhum efeito nos demais representantes, isso é até normal de acontecer, então nesse caso pede-se para essa pessoa se retirar e espera-se por outro momento que surja a lembrança de uma outra pessoa que também havia sido excluída e que, essa sim, precisaria ser trazida por estar, de alguma maneira, vinculada mais diretamente à questão do cliente. Quando a dinâmica mais importante vem à luz, a constelação termina. Às vezes se dá, espontaneamente, um movimento amoroso manifesto por meio de abraços, e outras vezes cada um volta, em silêncio, para o seu lugar.

Os Movimentos da Alma continuaram seguindo até que, em 2007, Hellinger provocou uma forte discussão entre os consteladores do mundo, ao anunciar, juntamente com sua nova esposa (havia se separado da primeira), que daqui por diante as verdadeiras constelações eram diferentes e foram denominadas “As Novas Constelações - O Movimento do Espírito”. Sob a influência de Marie Sophie Hellinger, as constelações familiares tomaram outro rumo e passaram a ser marca registrada sob a denominação de Hellinger Sciencia®. Isso causou uma cisão entre Hellinger e seus colaboradores e amigos alemães que o acompanhavam desde o início de suas pesquisas, porque ninguém entendia qual era a razão para que Hellinger desse esse passo, tomasse tal atitude. Ele mesmo havia outorgado às Constelações Familiares a importância que tinham e que realmente têm, e nunca deu demonstrações de querer considerar-se dono das compreensões que teve. Passava a impressão de que era totalmente despojado no sentido de compartilhar os resultados de suas observações e generalizações, sem querer nada em troca. Viajava pelo mundo levando o seu conhecimento. A Hellinger Sciencia® tornou-se uma franquia e é totalmente dirigida pela esposa Sophie que, inclusive, criou na Alemanha uma escola própria chamada Hellinger Schule.

Segundo Tiiu Bolzmann (2011), psicoterapeuta austríaca que conheceu o trabalho de Hellinger em 1987 e fez sua formação com ele na Alemanha, a origem dessa mudança radical pode ter sido pelo motivo de que nas experiências do casal Hellinger na China e no Japão, onde os clientes não falam em público suas questões e muito menos dão detalhes de seus assuntos familiares, isto fez com que fosse necessário que a constelação se realizasse no silêncio, sem questão, sem definição para quem os representantes eram escolhidos e sem

perguntas sobre os fatos acontecidos com seus antepassados. Hellinger se deu conta de que havia um nível bem mais profundo, e assim abriu-se o caminho para o Movimento do Espírito. Com estas “novas constelações”, o constelador pode evitar de interferir e de tomar decisões no desenrolar da constelação (BOLZMANN, 2011).

Bolzmann expõe suas ideias com grande conhecimento de causa, pois desde 1987 até a atualidade, ela participa ativamente de todas as mudanças ocorridas no trabalho das constelações, pois foi ela que levou as constelações familiares para a Argentina onde está erradicada desde 1998, e lá fundou o Centro Bert Hellinger da Argentina no ano 2000, logo após ter levado Hellinger para lá, em 1999. Desde então ela difunde as constelações pela América do Sul, fazendo workshops e dando cursos de formação (idem, 2011).

No “Movimento do Espírito”, os representantes podem ser escolhidos pela cliente, porém, na maioria dos casos é o constelador quem escolhe. Os representantes ficam livres para escolher os lugares nos quais querem se localizar. Pode ser que o constelador lhes diga para se colocarem frente a frente, mas imediatamente eles se deslocam se seus corpos são puxados ou empurrados por uma força maior. Neste trabalho, toda intenção, quer dos representantes, quer do cliente ou do constelador, cai por terra, pois todos são levados pelo movimento do espírito. Este formato de constelação exige muita experiência por parte do profissional que opta por trabalhar dessa maneira, tendo em vista que o campo fica aberto para as possibilidades de ocorrências totalmente novas e imprevistas. Não se colocam questões, não há perguntas e nem respostas, no entanto, os representantes, mesmo sem saber a quem eles representam, movem-se no espaço e a constelação vai se configurando. O espírito os leva a soluções que vão muito além do que somos capazes de pensar ou entender com a mente.

Segundo minha experiência, a verbalização dos sentimentos pode interromper os movimentos. Quando o representante tenta dizer o que sente, perde o contato com os movimentos profundos e sua atenção se volta para a mente racional que quer explicar com palavras o que seu corpo sente. Aqui a linguagem verbal implica numa limitação. Um sentimento pode ser expresso através de um movimento, sem explicações. Entretanto, essa modalidade de constelação é a que menos produz efeitos nos participantes do workshop. Ao não definir quem são os representantes, nem explicar a dinâmica que se produz, não se entende o que ocorre na constelação. Para o bem do cliente, o constelador renuncia ao desejo de servir a todos de uma só vez, e compensa os demais participantes com um exercício, uma meditação ou uma explicação teórica que lhe ocorra oportuna (BOLZMANN, 2011, p. 69).

Estas “novas constelações” não substituem a tradicional, nem a dos movimentos da alma. Apesar de Sophie Hellinger dizer para jogarmos fora e esquecermos tudo que aprendemos com as constelações anteriores (isso criou um grande cisma no mundo das

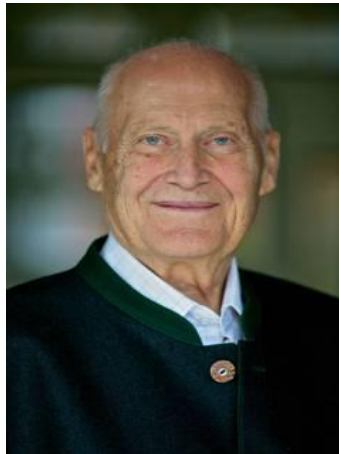
constelações, a nível mundial), em numerosas ocasiões se ganha muito mais com uma constelação do movimento da alma, na qual o cliente vê, por meio do seu representante, com quem ele estava identificado, tem a chance de se desidentificar por ter tomado consciência do emaranhamento e, assim, poderá assumir a responsabilidade por seus atos no plano pessoal. Por ser muito difícil trabalhar sem questão, os consteladores na atualidade fazem adaptações, começando muitas vezes da forma tradicional, logo passam para os movimentos da alma e terminam com o movimento do espírito. A reconciliação entre os membros do sistema familiar acontece ao nível da alma, e então leva a pessoa ao nível do espírito, onde se produzem novos movimentos em direção ao futuro (BOLZMANN, 2011).

4 CONVERGÊNCIAS ENTRE BERT HELLINGER E GREGORY BATESON

Como objetivamos ver se há pontos em comum com a constelação familiar e a comunicação sistêmica, pensamos em observar também se há convergências na vida e obra dos seus precursores, ou seja, Hellinger e Bateson. Para isso buscamos a biografia de ambos e as comparamos.

4.1 Bert Hellinger

Figura 1 – Bert Hellinger



Fonte: INSTITUTO CONSTELAÇÕES. **Bert Hellinger.** Disponível em: < <http://www.institutoconstelacoes.com.br/bert--sophie-hellinger.html> >. Acesso em: 09 mar. 2016.

Bert Hellinger nasceu no dia 16 de dezembro do ano de 1925, na Alemanha. Tinha sete anos quando Adolph Hitler chegou ao poder. Bert recorda em seu livro “Un largo camino” toda a situação difícil que ele e sua família viveram na época do Nazismo, pois seu pai não quis se filiar ao partido (apud BOLZMANN, 2011).

Aos 17 anos, Hellinger se juntou a um pequeno grupo do movimento juvenil católico, que estava proibido. Ao finalizar o sétimo ano do ciclo secundário, todos os jovens foram incorporados ao serviço de trabalho forçado e, mais tarde, às forças armadas, com sede na França. Por uma resposta em um interrogatório, foi considerado “potencial praga para o povo” e, sem saber direito como tudo havia sucedido, Hellinger se encontrou destinado a ações de combate no *front* ocidental. Muitos companheiros morreram, e muitas vezes ele escapou da morte. Ficou sabendo que seu irmão morreu em combate. Foi feito prisioneiro de guerra pelos americanos que o isolaram num campo, na Bélgica, durante um ano, em condições sub-

humanas, trabalhando duramente e sem alimentação adequada. Conseguiu escapar desse campo e chegou quase morto de fome e de esgotamento, à casa de seus pais na Alemanha (BOLZMANN, 2011).

Uma vez recuperado, retomou o contato com a Ordem Mariannahill e entrou no noviciado a fim de tornar-se sacerdote. Foi uma iniciação na vida espiritual, praticando meditações, leituras espirituais e conhecendo a mística ocidental. Mediante o exercício de permanecer totalmente concentrado em um objeto, silencioso e atentamente olhando para o vazio, aprendeu a purificação interna (a que se pode comparar com a postura básica para a percepção fenomenológica). Depois de um ano foi enviado para a África do Sul como missionário, onde permaneceu por 16 anos praticando os mesmos exercícios de purificação. Ali, junto aos Zulus, ele exerceu a profissão de sacerdote e de professor – dava aulas de religião e de inglês. Teve grandes compreensões sistêmicas relativas à família, observando a cultura primitiva, que mais tarde lhe serviriam para incorporar nos conhecimentos que desenvolveu. Hellinger sempre foi e é um grande filósofo, um grande pensador sobre todas as questões da vida humana (BOLZMANN, 2011).

Entrevistado por Norbert Linz, provavelmente em 2001 quando foi feita a primeira edição original do livro “Ordens do Amor”, no qual consta a entrevista na sua íntegra, Hellinger respondeu que além dos aprendizados que teve com diversos mestres, naturalmente o que muito contribuiu para a sua experiência pessoal e para o desenvolvimento de suas compreensões foi o convívio com os zulus.

Lá conheci uma forma de convívio humano totalmente diferente: por exemplo, uma enorme paciência e também um enorme respeito mútuo. Lá é natural que ninguém ridicularize o outro. Assim, cada um pode preservar seu semblante e sua dignidade. Também me impressionou muito a maneira como os zulus lidam com seus filhos e como os pais fazem valer sua autoridade. Por exemplo, jamais ouvi que alguém tivesse falado depreciativamente dos próprios pais. Isso é impensável entre eles (HELLINGER, 2002, p. 406).

Voltou à Alemanha em 1969, quando passou a ministrar treinamentos em dinâmica de grupos. Deixou a ordem religiosa, no início dos anos 70, para tornar-se psicoterapeuta após ter conhecido a Psicanálise, a Gestalt Terapia, a Terapia Primal, a Hipnoterapia e outras técnicas mais. Percebeu que não poderia continuar no sacerdócio a partir da questão levantada por um dos professores dessas terapias: sacrificaria as pessoas pelos seus ideais ou seus ideais pelas pessoas? Hellinger nos conta que passou a noite sem dormir, mas pela manhã já tinha a resposta: precisaria dar mais atenção às pessoas. A partir desse momento, enveredou pelo caminho terapêutico, casou-se com uma terapeuta, e passaram a trabalhar juntos, inclusive na

psiquiatria. Quando conheceu Eric Berne e a Análise Transacional, começou a entender que todos nós seguimos em nossas vidas, um roteiro secreto (*script*). Porém, mais tarde percebeu que esses roteiros não eram pessoais, senão que evidenciavam “enredos” com outros membros da família. De 1974 a 1988, combinou a análise do *script* e a terapia primal. Em seguida, ocupou-se intensamente com a terapia familiar que era para onde apontava a nova tendência psicoterapeuta dos anos 70. Aprendeu com Berne as frases de solução para guiar o paciente a sair do roteiro e as utilizou, em seguida, nas Constelações Familiares (LINZ apud HELLINGER, 2002).

Então estive nos Estados Unidos por mais quatro semanas e participei de um grande seminário sobre terapia familiar, dirigido por Ruth McClelland e Les Kadis. Com eles aprendi muito. Faziam constelações familiares impressionantes e, por intuição ou por tentativas, encontravam boas soluções, as quais, entretanto, eu não conseguia absorver plenamente. Eles também não podiam explicar o processo, por não estarem conscientes dos padrões básicos. Isso foi em 1979. [...] Porém, a terapia familiar não me deixou mais. Tomando consciência, cada vez mais, da dimensão sistêmica dos problemas e dos destinos, meu trabalho terapêutico mudou tanto que no espaço de um ano se transformou numa terapia familiar, incorporando, porém, minhas experiências anteriores (HELLINGER, 2002, p. 402).

O próprio Hellinger disse que até os cinquenta anos não se sentiu preparado. Todas as terapias que foi conhecendo, ele as praticou para si mesmo, não para transmiti-las, até chegar às Constelações Familiares. Passou pela Gestalt Terapia, a PNL, a Hipnoterapia de Milton Erickson, a Terapia Transacional, a Psicanálise, a Terapia Primal e muitas outras correntes. Antes de elaborar a sua própria teoria, em 1980, ainda fez mais 2 cursos sobre Constelações Familiares, com Thea Schönfelder. A denominação “Constelação Familiar” não foi cunhada por Hellinger, pois já existia antes, segundo o depoimento dele próprio. Mesmo depois de haver tido muitas compreensões que o levaram a estabelecer um quadro teórico específico, com conceitos claramente definidos, que é o que caracteriza sua técnica, Hellinger ainda continuou experimentando diferentes abordagens e aprendendo de outros terapeutas e cientistas da atualidade, entre eles: Rupert Sheldrake, Ann Ancelin Schützenberger, Rüdger Dahlke, Ryke Geerd Hamer e muitos outros (BOLZMANN, 2011).

Ultimamente ele tem se cercado de diferentes xamãs na Rússia, no Brasil e no México, e, no congresso que houve na Alemanha, por ocasião do seu aniversário de 85 anos, em 2010, revelou que o xamã mexicano Tata Cachora (2013) foi o mestre mais importante para ele. Hellinger apresentou Tata Cachora a todos os convidados, durante o congresso, e revelou que esse personagem real, um índio mexicano de quase 100 anos, foi o Don Juan nos livros de Carlos Castañeda, o qual se inspirou nos ensinamentos que teve com ele. Também os

conhecimentos da nova medicina e da Física Quântica se evidenciam na Hellinger Sciencia®, sua “Ciência das relações humanas” (BOLZMANN, 2011).

Atualmente Hellinger tem uma segunda esposa, Marie Sophie Hellinger, e realiza seus trabalhos em conjunto com ela, a qual o está influenciando significativamente com seus conceitos e propostas para um novo modelo de constelações. Faz-se necessário salientar que as constelações familiares originais, ou tradicionais, foram muito modificadas pelo próprio Hellinger, no decorrer dos anos de experiência, com o aparecimento de novas compreensões e intuições, inclusive passando por denominações diferentes: Constelação Familiar, Movimentos da Alma, Movimentos do Espírito, As Novas Constelações. Hellinger, hoje, está com 90 anos, completamente lúcido e aberto para o novo. Ele sempre disse que abriu um caminho sem fim, e que o conhecimento cada vez mais se aperfeiçoará com a prática.

4.2 Gregory Bateson

Figura 2 – Gregory Bateson



Fonte: GREGORY Bateson. Disponível em: <<https://twitter.com/gregorybateson>>. Acesso em: 18 maio 2016.

Gregory Bateson nasceu no dia 9 de maio de 1904, na Inglaterra. Seu pai, William Bateson (1861-1926), membro de família pertencente à grande burguesia inglesa, estudou zoologia e progressivamente foi adquirindo reputação internacional porque exerceu uma influência determinante na evolução da biologia. Ficou famoso com seus trabalhos sobre “genética”, cujo termo foi criado por ele. A escolha do nome do seu terceiro e último filho, está relacionada com uma homenagem a Gregor Mendel, monge austríaco, que escreveu um artigo sobre as variações nas espécies. Em 1900, William Bateson teve acesso a esse artigo, no qual se afirmava que os elementos de hereditariedade se mantêm ao longo das gerações,

mas em combinações diferentes das precedentes. William ficou fascinado e tornou-se um convicto defensor da teoria de Mendel.

É impossível falar de Gregory Bateson sem nos referirmos a seu pai, pela enorme influência que teve em sua vida pessoal e profissional, pois, tendo perdido seus dois filhos mais velhos em circunstâncias trágicas, William investiu todos os seus esforços para que Gregory se tornasse um intelectual tão famoso quanto ele, e queria moldá-lo para ser o seu seguidor.

Gregory perdeu seus dois irmãos quando ainda estava na adolescência, sendo que um deles morreu na guerra, e o outro suicidou-se. Para compensar as perdas, seu pai o pressionou para que se dedicasse inteiramente aos estudos em ciências naturais. Ele resolveu atender à vontade do pai. Nos anos seguintes, foi trabalhar em zoologia, botânica, química orgânica e fisiologia; desenvolveu todo um trabalho sobre a comparação das espécies. Em 1924, Gregory aceitou o convite do pai, para trabalhar juntamente com ele.

Bateson cresceu no meio de universitários e intelectuais, no meio de ideias e debates. O contexto familiar, particularmente a influência incontestável do pai, contribuiu para a formação de um intelectual crítico, possuidor de uma cultura notável, um apaixonado pelas ciências naturais e um investigador independente e solitário. Os conhecimentos no domínio das ciências naturais ajudaram-no no estudo das diferenças culturais, quando resolveu entrar para o campo da Antropologia. Em 1925, Bateson decide abandonar as ciências naturais e iniciar um terceiro ciclo em antropologia. Ele se sentia atado, vivendo na sombra do pai. Essa foi uma das razões pelas quais largou a zoologia, pois desejava sair desse campo para entrar em algo onde fosse ele mesmo, e não o filho do famoso William Bateson (LIPSET, 1991).

A antropologia inglesa tinha sido influenciada por escolas de pensamento direcionadas para o estudo genealógico das sociedades, na perspectiva da teoria da evolução de Darwin. Em 1920, Radcliffe-Brown, antropólogo inglês, influenciado por Herbert Spencer, propõe o estudo dos fenômenos sociais de forma análoga aos métodos utilizados em física e em biologia. Compara a organização dos grupos humanos à estrutura de um organismo vivo. Um fenômeno social observável não deve ser atribuído à natureza dos indivíduos que participam na interação, mas encarado como o resultado de uma estrutura social que une os indivíduos entre si. É neste contexto que Bateson desenvolve o seu primeiro trabalho em antropologia.

Em janeiro de 1927, praticamente um ano após a morte do pai, parte para a Nova Guiné com o objetivo de estudar os efeitos dos contatos entre os nativos e os brancos. Em fevereiro do ano seguinte procura, na Nova Guiné, Leo F. Fortune e a sua mulher, Margaret Mead (antropóloga americana - 1901-1978). Falha na procura, mas descobre o povo Iatmul,

junto do qual fica durante um ano. Iniciou o estudo da formação da personalidade dos indivíduos inseridos numa cultura à luz da psicologia da Gestalt, da psicanálise e das teorias da aprendizagem. Descobriu o caminho a percorrer na antropologia ao desenvolver um método de trabalho no terreno que lhe faltava para realizar as suas pesquisas. Volta a Cambridge em 1930, tendo acumulado dados suficientes para redigir sua tese de mestrado com base na análise de um cerimonial ritual que observou junto do povo Iatmul. A tese recebeu o título de “Naven”. Nas vésperas do Natal de 1932, o já célebre casal de antropólogos, Margaret Mead e Leo Fortune, encontra-se com Bateson.

A antropóloga americana traz-lhe a segurança metodológica e psicológica que lhe falta em seu trabalho e em suas relações pessoais. Em troca, Bateson oferece à Mead uma riqueza teórica e epistemológica desconhecida dos antropólogos formados nos Estados Unidos. Cria-se, portanto, um entendimento muito grande entre os dois, ao passo que Fortune permanece afastado. [...] Divorciaram-se em 1934. No final de 1935, Bateson termina o manuscrito de seu livro, *Naven*, e, no início de 1936, casa-se com Mead, com quem parte para uma nova pesquisa na ilha de Bali (WINKIN, 1998, p.37).

Durante este período, trabalham os dados recolhidos em Bali, mais concretamente tentam compreender como as crianças se tornam membros da sua cultura. O resultado deste trabalho é o livro *Balinese Character: a Photographic Analysis* (1942), onde formulam a hipótese de que o carácter do indivíduo é formado pela cultura e pelas interações cumulativas entre a mãe e a criança, contribuição original para a abordagem do processo de socialização. Enquanto Mead fazia perguntas, conversava, tomava nota, Bateson filmava e fotografava. Tirou cerca de 25 mil fotos e rodou 7 mil metros de filmes na câmara de 16mm. A data e a hora de cada tomada foram cuidadosamente anotadas durante os 2 anos de trabalho de campo, quando e onde Bateson vai desenvolver essas “técnicas adequadas de descrição e de análise” do comportamento não-verbal. Numa gravação datada de 1936–1938, produzida por Bateson (filmagem) e por Margaret Mead (narração), eles mostram o ritual das mães com seus filhos, em Bali (povo Balinês) e na Nova Guiné (povo Iatmul). O casal estava interessado em pesquisar a formação do carácter em diferentes culturas. Filmaram a relação das mães com crianças de 1 à 3 anos de idade e encontraram significativas diferenças (BATESON; MEAD, 2014).

O estudo de Bateson e Mead, *Balinese Character* (1942) colocou Birdwhistell⁴ no caminho. Os autores depreenderam, pela análise de 700 fotografias, toda a importância do corpo e da gestualidade na inculcação dos modelos culturais balineses. É através de suas experiências corporais (contatos com a mãe, higiene e cuidados, aprendizagem do andar, da dança, do transe etc.) que a criança balinesa vai progressivamente se tornando membro de sua cultura (WINKIN, 1998, p. 71).

O livro que resultou desse estudo, não apresenta apenas o ponto de chegada de uma renovação dos métodos de pesquisa de campo e de apresentação dos dados. Oferece, sim, uma visão teórica original da cultura e dos processos de socialização. Mead, mais particularmente, sob a influência das teorias psicanalíticas de Erik Erikson, procura a origem do temperamento balinês nas relações entre pais e filhos. Daí surgiu a hipótese do “duplo vínculo”⁵ (*Double bind*) que 15 anos mais tarde Bateson consagraria como a origem da esquizofrenia infantil, numa rede de relações contraditórias entre a mãe e o filho. Para explicar este processo de formação do caráter, Bateson propõe uma teoria da aprendizagem através de níveis hierárquicos. Tem tendência a selecionar um pequeno número de fatos, a partir dos quais tenta gerar certos princípios organizativos, certas leis gerais. A abdução, a sua estratégia de análise por excelência, consiste em descrever qualquer acontecimento ou coisa, e depois olhar em volta à procura dos outros casos que se ajustem às mesmas leis que desenvolvemos para a nossa descrição. Ao privilegiar um raciocínio por analogia, Bateson procura fazer emergir novos princípios explicativos e novas formas de encarar um problema; princípios e formas que não o impedem de proceder à reformulação ou reanálise, se adotar um outro ponto de vista. O percurso sucede-se de nível lógico em nível lógico (LIPSET, 1991).

Em 1942, Bateson emigra para Nova York, onde ficará até 1948. Neste período, conhece a Cibernética e a Teoria dos Tipos Lógicos de Whitehead e Russell e transfere o seu estudo para um novo domínio: a Psiquiatria. Em maio desse ano, Bateson e Mead são convidados a participar num encontro interdisciplinar organizado pela Macy Foundation, onde são apresentados, pela primeira vez, os conceitos de “retroação ou *feedback* positivo” e “retroação ou *feedback* negativo” e a concepção de que os organismos individuais, as sociedades e os ecossistemas são sistemas complexos compostos por partes intimamente ligadas entre si que dependem da comunicação para manter certas verdades sobre eles próprios. O mecanismo do *feedback* positivo, é aquele que reforça o sistema em sua escalada na direção da destruição total. A ideia de *feedback* negativo permitia uma conceituação ao mesmo tempo mais simples e mais geral: por autocorreções sucessivas, o sistema é capaz de

⁴ Antropólogo americano que também foi capturado pelo impacto teórico e metodológico de Mead, a qual o introduz num grupo de psicanalistas, psicólogos e antropólogos, dentre os quais Bateson fazia parte. Birdwhistell passou a integrar a equipe de Palo Alto.

⁵ Sobre o duplo vínculo, mergulharemos mais no assunto no subcapítulo 5.2.

voltar à estabilidade. Apesar de Bateson desenvolver a atividade docente na área da antropologia, interessa-se cada vez mais pelo desenvolvimento da Cibernética e da Teoria da Informação, o que o leva a introduzir estas teorias nas ideias desenvolvidas antes da Guerra (WINKIN, 1998).

Em 1948, Bateson encontra-se desempregado, sendo convidado por Jurgen Ruesch, psiquiatra, para desenvolver um estudo sobre comunicação em psiquiatria. É o primeiro verdadeiro contato de Bateson com esta área. Desta colaboração resulta, em 1951, o livro *Communication: the Social Matrix of Psychiatry*. Graças a uma bolsa de estudo cedida pela Fundação Rockefeller, Bateson inicia juntamente com John Weakland, Jay Haley e William Fry uma pesquisa sobre os paradoxos de abstração na comunicação. O grupo de Bateson, também designado “grupo de Palo Alto”, acrescido de Don Jackson, um psiquiatra perito no domínio da esquizofrenia, dedica-se ao estudo da doença mental e do seu tratamento. O trabalho desenvolvido até esse momento sobre a natureza da comunicação e, particularmente, sobre os paradoxos e as mensagens contraditórias permitiu-lhes estudar a comunicação perturbada dos esquizofrênicos como um ponto extremo do conflito geral que emana de toda a comunicação. Nesse aspecto, ganhou força o conceito de “duplo vínculo” e a hipótese do grupo de Bateson relativa à esquizofrenia é apresentada, pela primeira vez, em 1956, caindo como uma bomba no seio da psiquiatria. Pela primeira vez, a doença é encarada mediante uma perspectiva interacional e sistêmica (LIPSET, 1991).

A partir desse momento, as preocupações científicas dos membros do grupo começam a polarizar-se, levando à sua cisão. Enquanto Don Jackson e Virginia Satir (criadora da terapia familiar) fundam, em 1959, o Mental Research Institute de Palo Alto, uma clínica psicoterapêutica, Bateson orienta a sua pesquisa para a identificação dos princípios fundamentais da comunicação em geral. Recebe inúmeras propostas para proferir conferências no domínio da psiquiatria. Recusa-as para concentrar o seu trabalho na comunicação animal; pretende ultrapassar as lacunas do saber teórico sobre a comunicação, estudando um sistema de comunicação que lhe é estranho (a comunicação das lontras).

Em 1970, Bateson planeja realizar a antologia do seu trabalho de investigador desde 1935 até ao presente. O manuscrito tem por título *Steps to an Ecology of Mind* (1972)⁶. Na introdução, apresenta o seu principal objetivo que era construir uma ponte entre os fatos da vida e o comportamento e aquilo que conhecemos hoje da natureza do padrão e da ordem.

⁶ Nora Bateson, filha de Gregory Bateson, apresenta um vídeo⁶ publicado em 2015, onde seu próprio pai fala sobre *An Ecology of Mind* (BATESON, 2015).

Para manter-se ativo, aceita lecionar na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, onde se instala, com a família, em 1973. No final desse ano, filia-se no Kresge College onde fica responsável por um curso relativo às premissas epistemológicas da percepção e do comportamento.

O seu método de ensino, repleto de anedotas de todos os cantos do mundo, cativa os alunos. Em consequência do êxito da publicação de *Steps to an Ecology of Mind*, recebe convites para participar em conferências e seminários por todo o país.

Em 1976, é nomeado para o Conselho de Regentes da Universidade da Califórnia. Após participar em algumas reuniões, encontra-se completamente desiludido e denuncia a obsolescência das premissas epistemológicas sobre as quais se baseia o ensino universitário. Somente uma aproximação que incluísse o rigor e a imaginação poderia retirar a sociedade dessa estagnação. No outono de 1977, Bateson inicia a redação de *Mind and Nature: a Necessary Unity* (1979), livro que constitui uma síntese das ideias sobre as quais trabalhou ao longo dos últimos quarenta anos.

No início de 1978, foi diagnosticado um câncer no pulmão. Os médicos presumem que lhe resta pouco tempo de vida. É então que solicita a colaboração da filha, Mary Catherine, que vive, à época, no Irã, para terminar o livro, o que acontecerá em agosto de 1978. Sua filha também se tornou antropóloga, seguindo os passos do pai e da mãe, Margareth Mead.

Bateson instala-se no Instituto Esalen⁷, onde Virginia Satir era a diretora, e pretende escrever *Where Angels Fear to Tread*. No dia 4 de julho de 1980, morre sem terminar o seu último livro. A filha, Mary Catherine, finalizará o trabalho do pai em 1987, intitulando-o *Angels Fear* (LIPSET, 1991).

Capra nos revela que quem mais o influenciou, a ponto de mudar seu “raciocínio físico” para o “raciocínio sistêmico”, foi Gregory Bateson. Conviveu com Bateson durante os dois últimos anos de vida, enquanto este esteve no Instituto Esalen, na costa de Big Sur, na Califórnia, onde frequentemente se reuniam para trocar ideias e pontos de vista sobre questões fundamentais da vida. Impressionou-se muito com a visão de Bateson e com seu estilo singular e pessoal. Informa-nos Capra (2010), que Bateson era uma figura quase cultuada na Universidade da Califórnia, principalmente pela mensagem central que ele passava: - “os objetos estão cedendo lugar às relações”.

⁷ É um centro educacional multidisciplinar, sem fins lucrativos, que promove encontros e abriga pesquisadores do mundo todo, nas áreas não tradicionais. Muitos instrutores notáveis passaram pela história do instituto, inclusive Joseph Campbell, Milton Erickson, Maslow, 2005, Deepak Chopra etc. (WIKIPÉDIA).

Gregory Bateson será considerado um dos pensadores mais influentes de nossa época por historiadores futuros. A singularidade de seu pensamento decorre de sua amplitude e generalidade. Numa época caracterizada pela fragmentação e pela especialização, Bateson desafiou os pressupostos básicos e os métodos das várias ciências ao buscar os padrões que se articulam por trás dos padrões e os processos subjacentes às estruturas. Ele declarou que a relação deveria ser a base para toda definição, e sua meta principal seria a de descobrir os princípios de organização em todos os fenômenos que observava, “o padrão que une”, como ele diria (CAPRA, 2010, p. 60).

Querendo encontrar o padrão que une, Bateson procura construir uma teoria geral da cultura que supera o quadro da sociedade estudada. O que ele encontra é um padrão que separa. Como os opostos são pertinentes para uma visão sistêmica, ele encontrou o que denominou de “cismogênese”, que ilustra bem esse procedimento. Com este termo, Bateson pretende estudar a gênese de um cisma no interior de um sistema social. Distingue uma cismogênese “simétrica”, em que os interagentes respondem ao dom pelo dom, à violência pela violência etc., de uma cismogênese “complementar”, em que os parceiros se afundam cada vez mais em papéis do tipo dominação/submissão, ou exibicionismo/voyeurismo. Em ambos os casos, a exacerbação dos comportamentos envolvidos nesses movimentos em espiral pode levar a desequilibrar e a destruir o sistema social. Ora, essa hipótese é contrária aos costumes intelectuais da época e causou muita polêmica (WINKIN, 1998).

4.3 Sobre as convergências

Gregory Bateson nasceu em maio de 1904 na Inglaterra e morreu, aos 76 anos, em julho de 1980. Bert Hellinger nasceu em dezembro de 1925 na Alemanha. Vive ainda hoje e completou em 2015, seus 90 anos. Foram contemporâneos de 1925 a 1980. Não há nenhuma indicação de que eles se conheceram. Exatamente no ano em que Bateson morreu foi quando Hellinger apresentou as Constelações Familiares ao mundo.

Ambos passaram por períodos de guerra e, cada um à sua maneira, teve suas experiências traumáticas, suas dores e aprendizados. O segundo irmão de Bateson morreu na guerra, e o primeiro suicidou-se, enquanto Hellinger foi prisioneiro de guerra e também seu irmão morreu *no front*.

Bateson teve três esposas, sendo que a primeira, Margaret Mead, também era antropóloga e trabalharam juntos em diversas pesquisas. Hellinger teve duas esposas, sendo que a primeira era psicoterapeuta enquanto ele também, e sua segunda e atual esposa, Sophie Hellinger é sua parceira nos trabalhos de constelações.

Tanto Bateson quanto Hellinger, dois pensadores, dois intelectuais, demonstraram ser insaciáveis em relação ao conhecimento científico e, apesar de terem iniciado por caminhos diferentes, passaram por lugares comuns e ansiaram chegar ao mesmo ponto: a necessidade de se estabelecer leis gerais que regulem as relações humanas, principalmente dentro da família. Ambos buscaram a Gestalt terapia e a Psicanálise, conheceram o inconsciente individual, o inconsciente grupal e o inconsciente geral da humanidade. Preocuparam-se, sobretudo, com o processo comunicacional que existe na interação entre as pessoas, e nos distúrbios mentais que as dificuldades de comunicação podem causar. Convém recordar que para Bateson, a maioria dos fenômenos incluídos na denominação tradicional de psicopatologia, são transtornos da comunicação, e que esses transtornos estão definidos em parte, pela cultura onde estão inseridos.

Ambos se aprofundaram no estudo da esquizofrenia, no entanto, nesse ponto, como Hellinger veio depois, a experiência e a fenomenologia de que se utilizou durante quarenta anos de pesquisas, levou-o a descobrir padrões transgeracionais de comportamentos que se repetem dentro do sistema familiar, sendo, muitas vezes, a origem das psicopatologias. Bateson, que também esteve envolvido em pesquisas científicas por quarenta anos, não teve tempo de ir mais adiante, mas podemos ver a evolução dos seus pensamentos no manuscrito deixado por ele, e que tem por título “*Steps to an Ecology of Mind*” (1972), onde apresenta o seu principal objetivo que é construir uma ponte entre os fatos da vida e o comportamento, e aquilo que conhecemos hoje da natureza do padrão e da ordem.

Notamos que Bateson e Hellinger tiveram o mesmo tipo de experiência transformadora nas suas maneiras de pensar o relacionamento humano – a comunicação e a influência da cultura – pois ambos estiveram em contato direto com povos nativos, os quais foram seus objetos de pesquisa por um bom tempo. Bateson, por acaso, numa viagem às Ilhas Galápagos, entrou em contato, pela primeira vez, com uma comunidade nativa que muito o impressionou. Passou a estudá-la a pedido de um antropólogo de Cambridge e logo percebeu que deveria deixar a biologia e dedicar-se à antropologia. Começou a direcionar-se para o objeto de estudo que lhe pareceu mais interessante: o homem. Esse fato ocorreu em 1925, exatamente no ano em que nascia Bert Hellinger. A partir dessa data, Bateson resolveu seguir o caminho da Antropologia, privilegiando o estudo sobre o ser humano, sua comunicação e cultura. Em 1936 foi publicada sua dissertação de mestrado com base na análise de um cerimonial ritual do povo Iatmul, a qual se transformou num famoso livro intitulado “Naven”.

Quando Hellinger era sacerdote, num determinado período da sua vida, foi enviado como missionário junto à tribo dos Zulus na África do Sul. Ali conviveu com a tribo durante

dezesseis anos e, muitas das compreensões sobre os relacionamentos humanos vieram das suas observações como filósofo, teólogo, professor de religião e de inglês (ensinava inglês aos nativos), diretor de escola, sacerdote responsável pela paróquia da região. Quando fez o curso de Terapia de Grupo, encontrou a chave que procurava para a correção do seu roteiro de vida, ao ter que responder uma pergunta que o professor lhe fizera: - “O que você sacrificaria – as pessoas por seus ideais, ou seus ideais pelas pessoas?” Deu-se conta de que durante seu trabalho como missionário, havia perdido de vista as pessoas. Esse foi o ponto de partida para uma nova vida – desligou-se da Ordem Eclesiástica e passou a ser psicoterapeuta.

Bateson orientou a sua pesquisa científica procurando encontrar a identificação dos princípios fundamentais da comunicação em geral.

Hellinger, apesar de não ser um acadêmico, dedicou 40 anos da sua vida procurando e encontrando aquilo que ele cunhou de Hellinger Sciencia® - a ciência universal das ordens da convivência humana.

Portanto, os *scripts* de vida de Bateson e de Hellinger, parecem convergir em muitos pontos e ambos foram tocados para dirigir seus olhares ao mesmo foco: a comunicação entre os seres humanos.

5 A COMUNICAÇÃO E AS CONSTELAÇÕES

A Escola de Palo Alto ficou também conhecida como “Colégio Invisível”, pelo fato de que seus integrantes, especialistas em diferentes áreas do conhecimento e espalhados por diversas regiões dos Estados Unidos, trocavam ideias e experiências à distância, através de cartas, porém, consideravam-se um grupo por partilharem das mesmas propostas para o desenvolvimento de um modelo de comunicação. Encontravam-se, de tempos em tempos, em eventos como conferências, seminários e congressos. Todos os integrantes desse grupo compartilhavam a concepção da comunicação como um processo plural permanente, a exemplo de uma orquestra onde os diferentes instrumentos se comunicam simultaneamente. Foi baseado nessa ideia de processo que Bateson e sua equipe desenvolveram a hipótese do duplo vínculo, como também Watzlawick e seus colegas consideraram a pragmática (aspectos comportamentais) da comunicação. Daí decorre o axioma metacomunicacional proposto por eles: *não se pode não se comunicar* (WATZLAWICK et al., 2013). Hall e Goffman também dirão, cada qual à sua maneira, que “não se pode não se comunicar”. Essa frase ficou famosa entre os integrantes do colégio invisível, mas é em Birdwhistell que encontramos os primeiros fundamentos empíricos dessa proposição e o desenvolvimento teórico mais articulado. Interessante notar que ele mesmo não usa a expressão “não se pode não se comunicar”. Segundo ele, devemos ver a comunicação como um processo em que os interlocutores se empenham, e dirá:

Um indivíduo não comunica, ele participa de uma comunicação ou se torna um elemento dela. Pode mover-se, fazer barulho..., mas não comunica. Em outras palavras, ele não é o autor da comunicação, ele participa dela. A comunicação como sistema não deve, portanto, ser entendida segundo o modelo elementar da ação e da reação, por mais complexo que seja o seu enunciado. Como sistema, devemos apreendê-la no nível de uma troca (BIRDWHISTELL, 1959, p. 104 apud WINKIN, 1998, p. 80).

Birdwhistell inverte a relação esperada entre o grupo e a comunicação e concebe esta última como um processo permanente tão amplo quanto a cultura. Nesse momento, o conceito ganha tal universalidade que se torna, no campo cultural, uma força análoga à gravitação no campo dos fenômenos físicos. Birdwhistell leva o conceito até seus limites extremos:

A comunicação poderia ser considerada, no sentido mais amplo, o aspecto ativo da estrutura cultural [...]. O que tento dizer é que a cultura e a comunicação são termos que representam dois pontos de vista ou dois métodos de representação da inter-relação humana, estruturada e regular. Em “cultura”, o acento é colocado sobre a estrutura; em “comunicação”, sobre o processo (1970, p. 251 apud WINKIN, 1998, p. 82).

Partindo da relação entre a comunicação e a cultura, proposta por Birdwhistell, e considerando o pensamento sistêmico de todo o grupo de Palo Alto, o qual concorria para os primórdios da cibernética, vamos dar um salto no tempo, levando em conta os grandes avanços tecnológicos nas últimas décadas, para podermos, então, basear-nos nas ideias propostas por Norval Baitello Junior, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim, e atualmente professor na Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aprendemos a apreender o mundo, a compreender as coisas, por meio da experiência direta, assim como com as mãos aprendemos a nos agarrar nas árvores e também a cair delas, sentindo o efeito da lei da gravidade. Para o nômade, o espaço circundante tridimensional, formado por três planos bidirecionais, ou seja, frente e trás, direita e esquerda, alto e baixo, possibilitava uma mobilidade quase ilimitada. Acresce, ainda, os movimentos centrípetos e centrífugos que os corpos faziam ao saltarem de galho em galho para chegarem às copas das árvores, de onde se avistava a linha do horizonte. “E a mobilidade do corpo todo [...] dentro de um espaço pouco denso, possibilitava uma visão esférica ampla da proximidade e uma audição do distante, protegendo contra todas as possíveis ameaças” (BAITELLO, 2010, p. 91).

Após a perda das garras e a fixação no solo, proporcionada pelo andar ereto, o campo de visão teve de se adequar à linha do horizonte que se entrecruzava perpendicularmente à linha formada pelo caminho percorrido em direção ao mais distante que se podia ir. Nessa época, a experiência tinha que ser buscada, percebida, encontrada, por meio do deslocamento do corpo num espaço que era totalmente disponível para o homem. Antes de usar as mãos para a escrita, o homem deixava seus rastros com os pés pelo caminho que percorria. “Escrevia” com os pés, fazendo as trilhas no meio da vegetação artilosa das savanas. Quando vinha outro para se embrenhar na vegetação, já encontrava a trilha feita. É como se houvesse uma demarcação que dissesse assim: — olha!!! É por aqui, é por aqui que você tem que ir. Isso seria um texto primordial e, tanto Flusser quanto Baitello Junior falam que a escrita é a extensão do gesto, e o caminhar também marca o espaço como extensão do gesto (BAITELLO, 2010).

Após a sedentarização nas aldeias e depois nas cidades, a linha do horizonte foi desaparecendo e sendo encoberta pelas habitações e pelos edifícios que, aos poucos, foram sendo chamados de arranha-céus. A horizontalidade foi se transformando em verticalidade.

[...] Sedentarização exige sedação das garras dos exímios saltadores e dos pés do incansável nômade que já fomos. Ambas as camadas profundas do humano requerem sedação para caberem em novos espaços. E a sedação se dá pelos olhos (BAITELLO, 2010, p.94).

O espaço foi diminuindo à medida que a comunicação foi se tornando mais e mais necessária e urgente, inclusive em termos de amplitude de receptores. Com o advento dos aparatos eletrônicos, o homem foi se tornando mais sedentário e, com isso, foi reduzindo o seu campo, seu próprio espaço. Baitello Junior menciona a expressão que Flusser usou: — “espaço: aqui estão as minhas dores”. É possível que Flusser quisesse dizer que, no âmbito comunicacional, à medida que a tecnologia se aprimorava, ia tirando mais e mais espaço do nosso entorno cotidiano, a ponto de nos mantermos acuados dentro de nossa casa, com a ilusão de que temos o mundo nas mãos. Com o advento das mídias, houve uma grande inversão no contato temporal e espacial entre os homens, pois hoje, nós estamos sentados, num único espaço, e a comunicação, que Baitello Junior chama de ventos da comunicação, que na verdade é a eletricidade, vem até nós, em tempo real, nesse único espaço em que o corpo fica inerte, mas a cabeça produzindo, trabalhando. Num outro livro, que é “O Pensamento Sentado”, Baitello Junior (2012) diz que o corpo está sedentário e os olhos extremamente ativos, então há um sedentarismo corporal e um ativismo visual, em função de todo esse conteúdo imenso de informações que nos chega e que vem de todos os lugares do mundo, portanto haveria, para ele, uma ilusão de amplitude, de ampliação dos espaços, que deixa de lado uma coisa fundamental que é o corpo físico.

Aqui, sentimos a necessidade de fazermos um recorte, muito breve, para situarmos o conceito de mídia primária, mídia secundária e terciária, assim denominadas por Harry Pross (1923–2010) e seus seguidores. Na comunicação primária, os participantes contam apenas e tão somente com recursos advindos do próprio corpo, tais como: os gestos, os sons e ruídos naturais, fisionomia e postura, aparência, odores naturais. É o contato direto entre corpos, portanto, é chamada de comunicação presencial. Na comunicação secundária, os corpos se utilizam de outros suportes que, no princípio são muito simples, porém, com o passar do tempo vão se tornando complexos com o uso da escrita, dos sinais e símbolos, pinturas e desenhos, etc. Os corpos não necessitam mais de estarem no mesmo espaço, nem de serem vistos. Exemplos: livro, revistas, jornais. A escrita torna-se uma extensão do corpo, e possibilita ao homem uma enorme expansão de sua memória. É distinta a presentificação desse corpo físico nas duas mídias. A comunicação terciária surge com a eletricidade, com a invenção de aparelhos que transmitem mensagens para outros aparelhos semelhantes, instantaneamente, ou enviam mensagens gravadas em mídias que somente poderão ser lidas

em aparatos apropriados. Exemplos: televisão, celular, computador, vídeos, CDs etc. A eletrificação, o cabeamento ou a construção de redes transmissoras, retransmissoras e captadoras tornam-se indispensáveis, atualmente, na vida em sociedade, em âmbito mundial. Apesar da diferenciação entre as mídias primária, secundária e terciária, Harry Pross diz que “A Comunicação começa e termina no corpo” (apud BAITELLO, 2010, p. 62), isto é, há um corpo no início e no final de todo processo de comunicação.

Considerando o exposto, entendemos que houve um movimento proporcional inverso: enquanto o espaço físico e o tempo diminuam, a tecnologia ia se aprimorando e, com isso, possibilitava a comunicação a atingir, cada vez mais, um maior número de interlocutores. Hoje, é espantosa a velocidade com que as notícias são veiculadas no mundo, porém, entramos num espaço virtual porque o espaço da experiência concreta do corpo reduziu-se, praticamente, a quatro paredes. Quer dizer, aumentou a possibilidade espacial virtual de se comunicar, enquanto que diminuiu o espaço físico real e o tempo.

5.1 Capilaridade e interconectividade

Queremos propor um diálogo com Baitello Junior, fazendo um paralelo com o que ele chama de capilaridade e o que chamamos de interconectividade segundo os conceitos da Física Quântica, da Ressonância Mórfica e das Constelações Sistêmicas.

Capilaridade, termo usado em física para designar o comportamento de líquidos num meio poroso ou em tubos capilares. Em medicina chamam-se capilares os tubos endoteliais muito finos que ligam a circulação arterial à venosa. O termo tem seu uso transposto aqui para os fenômenos da permeabilidade dos meios de comunicação nas porosidades do tecido sociocultural (BAITELLO, 2010, p.103).

Lendo o VII capítulo do livro “A serpente, a maçã e o holograma”, quando fala sobre a arqueologia das imagens na cidade, percebemos ou captamos a seguinte ideia aqui colocada como resultado da nossa interpretação: considerando o termo “capilaridade” como os fenômenos da permeabilidade dos meios de comunicação nas porosidades do tecido sociocultural, entendemos que toda a trajetória da história evolutiva do homem acabou confinando-o nos conglomerados de “cubos” que povoam as metrópoles, porém, mantendo toda a população interconectada através dos vasos comunicantes existentes em três níveis superpostos. O primeiro que surgiu é o nível da capilaridade na superfície do planeta, onde aquele espaço foi encolhendo à medida em que o homem, que deixou para trás o período arbóreo, que caminhou em direção ao desconhecido, que procurou um abrigo para se defender

dos perigos e das intempéries da natureza, foi se agrupando em determinados espaços que receberam o nome de “cidades”. Aí construíram suas moradias as quais, com o tempo, também foram se encolhendo e transformando-se em pequenos cubos, verticalizando-se e escondendo a linha do horizonte. Na superfície, os cubos e os arranha-céus foram se perfilando formando as vielas, as ruas, as avenidas. As ruas se limitam pelas casas e pelas calçadas para pedestres, interligam o que Baitello Junior denomina de corredores e rotas de fuga do cenário urbano. Aproveitando o uso do termo “rotas de fuga”, queremos acrescentar que, na nossa observação, a maior rota de fuga da cidade de São Paulo, são as estradas de rodagem que dão acesso ao litoral e ao interior do estado, principalmente em feriados prolongados. Quilômetros e quilômetros de fila, de espera, não desanimam as pessoas que querem se sentir livres do que as aprisiona (BAITELLO, 2010).

Se tivéssemos a visão panorâmica da região central de uma metrópole, na hora do *rush*, teríamos a impressão de um formigueiro em atividade – corpos que vão, corpos que vem, transeuntes que se chocam, veículos motorizados sobre duas ou quatro rodas num movimento quase contínuo, só parando ao sinal da luz vermelha estabelecida da ordem e reguladora do respeito que deve existir entre toda a população que por ali passa, para que a vida em sociedade seja possível. Todos estão interconectados na superfície, a partir do ar que respiramos, dos serviços que prestamos, nas compras e vendas de todo tipo de materiais desde os de primeira necessidade até os mais supérfluos. Todos que vivemos nas cidades somos dependentes da prestação de serviço dos lixeiros, dos motoristas, dos médicos, dentistas, profissionais da saúde em geral. Somos dependentes de todos os sistemas sociais, tais como: familiar, educacional, político, econômico, nutricional, jurídico, religioso, ético, estético etc.

Queremos aqui fazer uma citação que nos foi muito útil para entendermos isso com facilidade. No ano de 1970, na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais e Políticas, na cidade de São Paulo, tivemos uma matéria intitulada TOH – Teoria da Organização Humana. As aulas foram ministradas pelo Prof. Antonio Rubbo Müller, autor da tese de Bacharelado em Ciências, na faculdade de Antropologia e Geografia, da Universidade de Oxford, Inglaterra, em 1951. O título original da sua tese foi “*A Study of the Social Organization of Indian Tribes of South America*”.

A Organização Humana baseia-se na existência de catorze Sistemas Sociais Específicos para-autônomos. Esses sistemas sociais específicos são os seguintes: de Parentesco (1), Sanitário (2), de Manutenção (3), de Lealdade (4), de Lazer (5), Viário (6), Pedagógico (7), Patrimonial (8), de Produção (9), Religioso (10), Militar (11), Político (12), Jurídico (13) e, finalmente, de Precedência (14). Os sistemas sociais específicos, dada sua natureza para-autônoma, tendem a manter-se em equilíbrio, sendo que o colapso de um pode afetar os demais e até paralisar o

organismo social. Os catorze sistemas sociais específicos facultam a manifestação e desenvolvimento das disposições essenciais à vida individual e de relação, isto é, possibilitam a sua enteléquia e favorecem a continuidade do grupo. A presente seriação dos sistemas sociais específicos relaciona-se ao desenvolvimento biológico, psíquico e social do indivíduo, desde sua emergência no sistema de parentesco até sua emancipação gradativa nos sistemas militar, político, jurídico e de precedência (MÜLLER, 1957, p.11).

No pensamento de Müller já vemos plantada a semente da Teoria Geral dos Sistemas, que afirma que todos fazemos parte de uma grande engrenagem, sendo que um defeito ocorrido numa peça, com certeza, afetará o funcionamento da máquina social como um todo.

A capilaridade na superfície é marcada pela comunicação presencial, com o lidar mais diretamente com os corpos. Entretanto, para que o ser humano pudesse viver nas cidades, outros dois níveis de capilaridade foram surgindo, sendo um aéreo e o outro subterrâneo. Não há maior ou menor importância entre eles, são igualmente necessários e coexistentes. Falemos, então, sobre a capilaridade elétrica, a qual está situada no nível aéreo.

Um dos episódios notáveis nos escritos de Warburg, registrados em seu Ritual da Serpente, é a observação e a fotografia dos fios elétricos correndo sobre postes nas ruas da cidade de San Francisco já em 1896, após a observação das representações da serpente e sua associação com o raio na cultura dos índios. Inevitavelmente são comparados o raio representado pela serpente com o raio capturado pelos fios serpenteantes de cobre da eletrificação das cidades. O que Warburg notou não foi outra coisa senão os primórdios da onipresença dos meios elétricos e sua capilaridade. O que vislumbrou aí com seu olhar agudo foi o princípio da eletrificação do planeta, uma epopeia que transformou a vida humana e sua sociabilidade, encurtando distâncias, anulando espaços e acelerando os fluxos de temporalidades, impondo aos meios de comunicação o ritmo do raio (apud BAITELLO, 2010, p. 60).

Hoje observamos nas grandes metrópoles o espaço aéreo coalhado de fios e cabos telefônicos, grandes redes de antenas para TV, para celulares, para Internet, para uma comunicação de massa e em massa. A capilaridade aérea interconectando um a todos, todos a todos e ao mundo. A mensagem é enviada e recebida instantaneamente, não havendo espaço, nem tempo para que o real se torne virtual. Através desses vasos comunicantes, percorrem imagens e sons que povoam as cidades, mesmo enquanto a população está dormindo, e quem nos lembra disso é Menezes (2007) quando se refere aos “vínculos sonoros”.

Concorrendo com a não ocupação de espaço, a nanotecnologia vem ao encontro da necessidade crescente de encolhimento dos arquivos da memória do ser humano, através da oferta dos chips, dos pixels e de outras mini invenções, incluindo o raio laser que produz o holograma. E o que é o holograma senão a manifestação visual da não-coisa, da inexistência do objeto real ali onde ele é visto? No holograma não existe a materialidade, mas a imagem, a

ilusão, a virtualidade que não tem volume, portanto, que não ocupa espaço. “Tal escalada negativa vai descascando progressivamente as dimensões espaciais dos suportes midiáticos, em favor de sua natureza de não coisa (*Unding*) na palavra de Flusser, uma existência imaterial fugaz” (BAITELLO, 2010, p. 103).

Vamos citar um exemplo dessa escalada negativa que nos leva a uma existência imaterial fugaz, de acordo com Flusser. Por exemplo, diante de um acontecimento que alguém vivenciou fisicamente há uma característica de interação, de reação produzida pelo seu corpo. A notícia desse mesmo fato, quando lida no jornal, já não produz o mesmo impacto no corpo de quem a lê, pois ela já foi mediada, já teve uma série de alterações, de transformações. O corpo de quem lê está distante no espaço, distante do fato. Quando essa notícia repercute num blog, este já está fazendo a notícia da notícia, não é mais a notícia do acontecimento, então a experiência concreta vai ficando cada vez mais distante. É nesse sentido que fica só a virtualidade, o que Flusser denomina de não-coisa. Nas discussões de Baitello Junior, o espaço e o tempo são as questões fundamentais.

Tratemos agora da capilaridade subterrânea. O que encontramos dentro da terra, debaixo dos nossos pés, são vasos comunicantes que passam por debaixo das nossas casas, debaixo das ruas e das calçadas, por todo o solo ocupado pela cidade, interconectando-nos a todos. Esses vasos comunicantes são os dutos, tubos, canos que nos trazem água limpa de um manancial e canos de esgoto que levam os detritos para serem descartados em um lugar específico. A água da chuva tem o seu escoamento através dos dutos que, nas grandes cidades, quase sempre estão entupidos pelo lixo que há na superfície. Todos são prejudicados, ou todos são beneficiados por essa capilaridade subterrânea, dependendo do grau de consciência da população local. Ainda temos que citar os grandes túneis para a serpente móvel que se arrasta por debaixo da terra, transportando uma quantidade enorme de transeuntes, serpente essa que é o metrô, existente nas grandes cidades do mundo. Essa serpente também é movida pela eletricidade que, do espaço aéreo passa pela superfície e atua no subterrâneo (BAITELLO, 2010).

Nem sempre é detrito o que vai para o mundo do Hades; por vezes é busca, ainda que busca frustrada, é regressão ao parto, é retorno e tentativa de reparação e regeneração no seio da terra. Os tubos que levam e trazem águas puras e impurezas aquosas, [...], fluxos gasosos destinados a gerar fogo e calor, a transmutação alquímica que se processa do inframundo se contamina sempre de esquecimento e invisibilidade. [...] A natureza dos dutos subterrâneos se expande nas metrópoles para dar passagens a longos míticos dragões veiculares ou procissões infundáveis de pequenas caixas móveis, em um projeto de metabolização intestinal das dificuldades do ar e da superfície. [...] Nos dutos, tubos, túneis e canos, a vida é, por si só, metastática, prolifera-se descontroladamente (BAITELLO, 2010, p.100).

A reflexão sobre a capilaridade e interconectividade nos leva ainda para o que Baitello Junior aponta como a não-coisa, a nulodimensionalidade, o vazio, o zero. Queremos dialogar um pouco mais com Baitello Junior sobre o zero, sobre o vazio e sobre a nulodimensionalidade. Comumente se considera que os algarismos são símbolos de quantidades e que o zero significa “nada” ou “nenhuma quantidade”. Sim, os árabes nos trouxeram os algarismos arábicos, no entanto, o zero não fazia parte do conjunto dos números naturais. Na história da matemática, tem-se que a primeira quantidade é a unidade representada pelo algarismo 1. Logicamente, se queremos olhar para a noção de quantidade, o zero não indica quantidade, portanto, não foi o primeiro algarismo criado. Mas, curiosamente, o primeiro algarismo criado também não foi o 1, e sim o 2. Isto porque, não havendo necessidade de se ter a noção de quantidade, não havendo a necessidade de se repartir ou dividir algo, em partes iguais, tudo o que a consciência conhecia era uma só coisa, porém, sem a noção do 1. Quando, pela primeira vez foi necessário repartir a coisa, as partes foram conhecidas e trazidas para a consciência – criou-se o 2. Reconhecendo o 2, perceberam que antes dele, havia a unidade, o 1. Daí por diante, foram criados os outros algarismos até o 9. Só depois do 9 é que surgiu a necessidade de se criar o zero, não para indicar o nada, pelo contrário, para indicar os múltiplos de 10. Como os algarismos arábicos têm a base 10, cada vez que se coloca um zero à direita, o número ou, a noção de quantidade, fica multiplicada por 10 (IFRAH, 1989).

Ao criarem os números inteiros, ou seja, os positivos e os negativos, o zero passou a ser importantíssimo ocupando o lugar da linha divisória entre o +1 e o -1. Aqui também o zero não tinha o conceito do “nada”, mas sim a ideia de “nem positivo, nem negativo”. A ideia do + infinito e - infinito tem o zero como divisor ou separador. Mais tarde, com a descoberta dos números fracionários, o zero adquiriu uma função primordial, possibilitando a divisão de uma quantidade menor por uma maior. Exemplo: queremos dividir 2 coisas em 4 partes iguais. Antes dos números fracionários existirem, considerava-se que era impossível se fazer essa divisão. Entretanto, raciocinando que o resultado dessa operação poderia ter partes iguais, porém, menores do que a unidade, descobriu-se que seria possível utilizar-se do artifício de multiplicar o 2 por 10 (no dividendo) e que no resultado (quociente) surgiria uma quantidade fracionária chamada número decimal. Assim, $2 : 4 = 0,5$. Considere-se a importância deste zero colocado à esquerda do 5 e separado por uma vírgula. Queremos lembrar também que um conjunto representado por 2 chaves com o zero no meio, $\{0\}$, não é considerado um conjunto vazio e sim um conjunto unitário. O conjunto vazio é assim

representado: { }. Entre o zero e o vazio há uma grande diferença. E o vazio, perguntamos, será que ele existe no mundo real ou fica apenas na virtualidade, no mundo imagético?

A escalada da abstração ou a escada da abstração é assim um salto no vazio, ou uma descida para o vazio, para o nada, para o vento. Este salto não é uma imagem da ação de devorar, mas sem dúvida uma metáfora do deixar-se engolir. O teor metafórico deste salto para dentro do nada, juntamente com as aparições e imagens a partir do nada, constituem alguns dos elementos mais instigantes e menos desvendados em sua obra. Talvez por excesso de literalidade na leitura, perigo apontado por Flusser já mesmo em sua *Filosofia da Caixa Preta*, sob a rubrica de “textolatria”, os vínculos e laços com este conceito não puderam ser devidamente acentuados e situados. A metáfora do vazio igualmente percorre as diversas fases da obra de Flusser, assumindo cada vez um suporte distinto (BAITELLO, 2010, p. 23).

Consideramos que o vazio não existe por si só, mas que representa a “falta de”. A sensação de vazio no estômago, é a falta de alimento; uma sensação de vazio no peito, é a falta de um ente querido que partiu etc. Da mesma forma, permanecer com a mente vazia, significa sem pensamentos. Hellinger, no trabalho com as constelações nos ensina que, para sermos bons facilitadores, devemos permanecer no vazio, ou seja, sem expectativas, sem hipóteses, sem medo, sem necessidades, sem querer, principalmente sem o desejo de querer ajudar o cliente a encontrar respostas. Assim, também, o representante, durante o processo da constelação, deve permanecer no vazio. À primeira impressão é que esse vazio é o nada, mas é esvaziando-se que se consegue ficar disponível para o tudo. É desse vazio que as intuições vêm, é nesse vazio que se encontram as múltiplas possibilidades de conexão, é aí que estão todas as informações disponíveis sobre as inter-relações complexas dentro do sistema familiar do cliente. É desse lugar não visível que a alma do cliente pode se preencher quando ele reconhece existir dentro dele um imenso vazio que nada material consegue sedar. Quando o cliente também permanece no vazio, sem o ego, pode encontrar a paz.

Refletindo agora sobre a questão da nulodimensionalidade, propomos olhar para o ponto e não para o vazio ou para o zero. Na nossa interpretação, o ponto é adimensional e não nulo, isto porque com algo que seja nulo, não será possível se construir aquilo que é mais complexo, queremos dizer, com o ponto, pelo fato dele não ter dimensão, nós podemos construir o mundo, o mundo geométrico, o mundo das formas, o mundo material e o mundo virtual dos pixels que criam as imagens. São os pontos interligados que formam a linha, que é a primeira dimensão. As linhas dão origem ao plano (segunda dimensão) e os planos constituirão o espaço tridimensional no qual consciente e sensorialmente estamos inseridos. Porém, pelo fato de estarmos condicionados a aceitar que somos seres tridimensionais, porque temos altura, largura e espessura, deixamos de perceber e até mesmo de pensar que, depois de

Einstein, temos que nos considerar seres quadridimensionais, pois foi Einstein que descobriu que a quarta dimensão é o tempo. Estamos profundamente inseridos no tempo, desde a hora que acordamos, às vezes até com despertador, com os olhos sempre à procura de um relógio que nos faz calcular o tempo necessário para se percorrer a distância de casa ao trabalho, o horário de almoço, o horário da consulta médica ou do dentista, o horário de funcionamento dos bancos sempre com a preocupação do dia de vencimento dos boletos, dia de recebimento dos salários, dia de ida e dia de volta de uma viagem, horário dos filhos irem à escola, os compromissos todos marcados numa agenda. Tornamo-nos escravos do tempo, e nem temos consciência que até o nosso corpo já adquiriu um relógio biológico e cultural.

Como já vimos, para Baitello Junior (2010), o espaço e o tempo são primordiais quando falamos em “comunicação”. Justamente nesta época é que estamos sendo beneficiados com os conhecimentos das várias ciências que estão se amalgamando e contribuindo sobremaneira com o que se denominou de transdisciplinaridade. Assim, temos a contribuição da Física Quântica que nos diz que o passado, o presente e o futuro acontecem simultaneamente no aqui-agora.

A Física Quântica, de maneira surpreendente, vem colaborar com a ideia de que coabitamos num Universo autoconsciente no qual todas as coisas estão interconectadas através da imensa teia da vida, permeadas por relações de interdependência e autoconsistência, mediadas pelas conexões quânticas não-locais. [...] que tecnicamente correspondem a comunicação instantânea à distância. [...] O físico francês Alain Aspect utilizou fótons correlacionados que se deslocavam em sentidos opostos a partir de uma fonte de átomos de cálcio, para comprovar a conexão quântica não local. No seu experimento, Aspect pôde comprovar que qualquer alteração no estado de um dos fótons correspondia a uma alteração idêntica no estado de outro fóton correlacionado. A inclusão de um interruptor que alterava o estado do fóton a cada dez bilionésimos de segundos, que correspondia a um tempo menor que o gasto pela luz entre os dois fótons, permitiu comprovar a não-localidade quântica, pois a cada mudança do estado de um dos fótons, o parceiro correlacionado respondia instantaneamente. Segundo Amit Goswami, os resultados do experimento de Aspect assemelham-se a puxar cartas de um baralho em Nova York e cartas idênticas serem retiradas em Tóquio (LIIMAA, 2009, p. 114 -115).

Quem veio atestar que os sistemas quânticos são inseparáveis foi o físico Niels Bohr, o qual certa vez disse: “Os que não ficam chocados quando tomam conhecimento da teoria quântica não podem, possivelmente, tê-la compreendido” (apud GOSWAMI, A.; GOSWAMI, M.; REED, 1998, p.99).

Em 1972, viria a ser matematicamente comprovado pelo físico John Bell (apud LIIMAA, 2009) o teorema que ratifica a “não-localidade”, aquilo que para Einstein correspondia a uma ação fantasmagórica à distância. Einstein morreu não aceitando a Física Quântica. De acordo com o teorema de Bell, essas variáveis ocultas não-locais são capazes de

afetar instantaneamente objetos quânticos correlacionados, mesmo quando separados por distâncias intergalácticas. Isso acontece por conta do que Aspect (apud LIIMAA, 2009) denominou de “entrelaçamento quântico”. Lembramos que na relação espaço-tempo, as distâncias intergalácticas têm anos-luz que as separam.

A Física Quântica aporta uma interpretação distinta da realidade. Entende o universo de maneira global, e não a partir da análise de cada parte separada do todo. O novo paradigma parte da suposição segundo a qual “o todo, em sua totalidade, está contido em cada uma das partes que o constituem” (holograma de Bohm). A quântica fala de realidades indivisíveis, muito mais além do perceptível, da interconexão de todos os fatos e da interdependência de todos os seres, descobrindo, em última instância, um todo inseparável no qual os pontos do universo estão simultânea e intimamente relacionados (VALENCIA, 2008, p. 84).

Quando lemos que a Física Quântica fala de conexões “não locais”, de realidades indivisíveis e mais além do perceptível, isso nos reporta à reflexão, já apresentada anteriormente, sobre o processo comunicacional atual, proporcionado pela mídia terciária, no qual todas as informações veiculadas pelos aparatos sofisticados não estão nos aparelhos em si, mas estão guardadas na “nuvem”. A nuvem é um termo metafórico atribuído a um conjunto de informações imperceptível aos nossos sentidos sensoriais, é adimensional, assim como o ponto, mas também o vazio, que não pode ser pego, mas que contém o todo. No nosso raciocínio lógico, matemático, quando afirmamos que a nuvem é adimensional, queremos dizer que ela não está contida numa dimensão específica, mas que está em todas as dimensões simultaneamente, a exemplo do ponto. E, se está em todas as dimensões, entendemos que pode ser acessada de qualquer parte do mundo onde haja sinal da internet. Isso nos lembra o que Sheldrake diz sobre a mente estendida, cujos pseudópodos podem alcançar outras galáxias, porém com a vantagem de que não é necessário ter sinal de internet para que seja acessado.

Na década de 20, a teoria quântica forçou os físicos a aceitarem o fato de que os objetos materiais sólidos da física clássica se dissolvem, no nível subatômico, em padrões de probabilidades semelhantes a ondas. Além disso, esses padrões não representam probabilidades de coisas, mas sim, probabilidades de interconexões. [...] Na teoria quântica, nunca acabamos chegando a alguma “coisa”; sempre lidamos com interconexões (CAPRA, 2006, p. 41).

Falando em interconexões, é pertinente nos referirmos ao código genético encontrado no DNA (ácido desoxirribonucléico). A totalidade da carga genética de todo ser humano é conhecida como genoma, e é através das moléculas do DNA que se transmitem os aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Até há pouco tempo, considerava-se que a carga genética

herdada era apenas no que diz respeito ao físico, ou seja, a estrutura, a anatomia e a fisiologia do corpo físico. No entanto, a influência do meio ambiente físico, cultural e emocional afeta diretamente a atividade genética. Isto implica em que geneticamente recebemos, através da memória celular impressa no DNA, as informações do histórico familiar dos nossos ancestrais. Valencia (2010) cita a investigação do filósofo Ryan Drum e do microbiólogo Len Wisneski, apresentada em 1990, na Associação Holística Médica Americana, que mostra que o psiquismo influencia e traz consequências nas alterações moleculares do DNA. Cada vez que é concebido um novo ser humano, este recebe a carga genética/emocional/ambiental/cultural do sistema familiar do pai e da mãe, carrega pela vida adulta e ainda passa para as gerações futuras, num processo de capilaridade e interconexão totalmente inconsciente. Provavelmente, a transmissão dessa memória celular dos ancestrais para as gerações futuras não se efetua no estrito sentido da palavra, não é a forma em si mesma que se transmite, mas sim a possibilidade de sintonizar com a particular característica de cada espécie, gravada nos chamados “campos morfogenéticos” geradores das “ressonâncias mórficas”, as quais se atraem entre si.

[...] a abordagem das constelações familiares encontra uma base científica posto que sua dinâmica pressupõe uma percepção onde o passado está contido no presente como um todo, dentro de um conceito de atemporalidade. A causalidade opera de maneira diferente pois são muitas, e não uma só, as motivações que determinam uma consequência. Cada circunstância está multideterminada por vários fatores e não só por aquele que resulta aparente à primeira vista (VALENCIA, 2008, p. 85).

Marianela Vallejo Valencia, consteladora e seguidora de Hellinger há muito tempo, vive na Colômbia e é professora internacional de constelações familiares, a quem tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente e de trocarmos experiências, num encontro no México, em 2015.

Um outro aspecto que é primordial e deve ser considerado nas constelações, é a questão do tempo, ou seja, o presente, o passado e o futuro estão ocorrendo simultaneamente no aqui/agora, como descreve o médico Richard Gerber (2000). Sabemos que essa questão é muito difícil de ser interpretada pelo fato de que sempre consideramos o tempo linearmente, ou melhor, sempre pensamos que o tempo pode ser representado por uma linha reta horizontal onde o passado fica à esquerda, o presente é um ponto central e o futuro fica à direita.

Essa ideia está tão fortemente enraizada que dificulta a mudança de parâmetros quando lidamos com o passado, principalmente um passado distante, trazendo-o para o aqui e agora no presente, com o intuito de apaziguar a alma daqueles que: foram injustiçados, morreram com mágoas no coração, levaram culpa em suas almas, foram excluídos do seio

familiar, morreram nas guerras sangrentas, foram abandonados, traídos, não amados, abortados, acidentados cuja vida foi ceifada prematuramente, entre outras situações de exclusão.

A nosso ver, o que a constelação familiar faz de mais significativo quando comparada a outras técnicas terapêuticas, é a cura das almas dos antepassados, aliás, de muitas almas, além da cura das feridas emocionais do cliente que traz a questão a ser trabalhada e, ainda mais, considere-se também o efeito dominó que essa cura tem em todos os membros do sistema familiar atual. Esse efeito dominó atinge aqueles que vêm depois, ou seja, as futuras gerações.

Wallace Liimaa (2009), ao falar sobre a constelação familiar, afirma que quando a pessoa constelada acessa o processo de cura, equivale ao colapso da função de onda, escolhida entre as possibilidades quânticas da consciência; e simultaneamente, as outras pessoas entrelaçadas por fazerem parte daquele grupo familiar, através da não-localidade quântica, acessam o mesmo processo de cura, libertando-se de padrões emocionais e mentais causadores da desarmonia, levando a uma verdadeira “cura quântica”.

As constelações, quando feitas com amorosidade, não só mostram para o cliente onde aquele determinado nó teve início, como mostra que não podemos absolutamente julgar ninguém, muito menos aqueles que tiveram destinos pesados. E isso cura a alma do cliente quando ele entende que por um amor cego, inconsciente, por uma lealdade invisível, a alma dele resolveu assumir algumas dificuldades que eram de alguém que foi excluído do seu sistema familiar tendo causado um desequilíbrio e uma grande dor na alma da família; portanto, por uma causa maior, para que se restabeleça o equilíbrio rompido, a alma dele (cliente) se entregou em sacrifício.

A partir daí nós o esclarecemos que seu sacrifício inconsciente não foi suficiente para estabilizar ou repor a ordem dentro do sistema, mas que é possível conscientemente fazer isso agora, desde que o passado, o presente e o futuro estão acontecendo neste instante. Então, no devido momento, os excluídos são novamente incluídos no seio familiar, as reconciliações são feitas, os antepassados são honrados, e todo o sistema vai se acertando, novamente, com a participação do representante do cliente que, na verdade, representa a alma dele. Todas as dores vão desaparecendo, cada um vai encontrando o seu devido lugar, a consciência se modifica dando lugar a uma ordem do amor.

É nítida a transformação que ocorre em cada um, principalmente no cliente que, no final, entra no lugar onde estava o seu representante. E dali ele tem a visão de todo o sistema rearranjado. Sente-se leve e feliz.

5.2 Ambiência e vinculação

Queremos considerar a ambiência do ponto de vista comunicacional, segundo Baitello Junior. Em conferência proferida na Universidade de Sorocaba – UNISO - no dia 26 de outubro de 2015, falou em ambiente não do ponto de vista da natureza, do ambiente físico propriamente dito, mas falou de outros tipos de ambientes, assim como: ambiente comunicacional que implica também em ambiente familiar, ambiente de amigos, ambiente de ciência, ambiente dentro de um departamento e assim por diante.

A palavra “ambiente” vem do latim *ambi*, ou do grego *amphi* e as duas vêm de uma língua mais antiga chamada indoeuropeu, que não tinha escrita e foi reconstruída por lingüistas que chegaram à conclusão que os indo-europeus tinham uma palavra que significava “de um lado e de outro”. Este é o sentido do *ambi*, no latim, por isso ambiente é estar numa coisa que tem um lado e outro, o lado de lá e o lado de cá. Então, o que define o ambiente é esta plurilateralidade que gera uma coisa mais interessante que é a pluricausalidade. Quando estamos num anfiteatro, podemos estar olhando para uma pessoa, mas o que estamos vendo são duzentas outras que estão sendo capturadas pelo nosso cérebro também. Então, isso é um ambiente, é algo que, ao mesmo tempo em que entramos nele, ele entra dentro de nós. Assim, se desprezamos um lixo no meio ambiente, estaremos jogando esse lixo para dentro de nós (BAITELLO, 2015).

Segundo Baitello Junior, há cinco tipos de ambientes:

- O primeiro conceito de ambiente – ambiente natural.
– tudo aquilo que fazemos para fora, também fazemos para dentro.
- O segundo conceito de ambiente - vem da área médica.

Viktor Von Weizsäcker, filósofo e médico, lidando com pacientes e ensinando os seus alunos, descobriu uma circularidade à qual ele denominou de “círculo da forma”. Estudando a questão de sintoma e doença, chegou à conclusão de que é impossível descobrir onde está o início, se na doença ou no sintoma; normalmente, as duas coisas estão muito mescladas, então, o sintoma gera doença e a doença gera o sintoma. Ele fundou uma escola da qual nasceram os grandes médicos da medicina psicossomática, porque as imagens geram as doenças. Quando a pessoa precisa, mas não consegue se libertar de uma imagem endógena, nesse caso, ela gera uma doença. Só é possível tratar, tratando o ambiente comunicacional (BAITELLO, 2015).

- Terceiro conceito de ambiente – os três tipos de mídias.

Um aluno de Weizsäcker, estudante de sociologia e depois professor e teórico da comunicação, a partir da teoria do mestre, desenvolveu três conceitos fundamentais para entendermos o que é comunicação. Foi o primeiro grande proponente de uma completa teoria da mídia, e o nome dele é Harry Pross, que afirma o seguinte: há três tipos de mediação possível – a mediação que se dá presencialmente, com o corpo e com todas as suas linguagens. Essa mediação só é possível se nós estivermos no mesmo tempo e no mesmo espaço, num mesmo lugar, aqui e agora. Ocorre aí a mediação primária ou os meios primários – a voz, o gesto, a entonação, o movimento, a roupa; enfim, basicamente é o corpo, e ele não precisa de nenhum aparato para se comunicar. Esta mediação tem um alcance geográfico pequeno, pois, sem aparatos o alcance do som da nossa voz só se dá num entorno muito próximo do nosso corpo. Os nossos gestos, da mesma forma, só serão visíveis por quem está por perto. Mas, por causa dessa limitação, o homem começa a criar sinais e deixar sinais. Primeiro percebe que outros animais deixaram sinais, depois, por imitação, ele próprio começa a deixar sinais, estes rastros que vão se elaborando, complexificando-se, transformam-se em pictogramas e depois, em escrita. A escrita é possível de ser colocada sobre um suporte qualquer e depois deixada ali para os olhares que virão, como também pode ser transportada se os aparatos forem de pequeno porte. Estes são os meios secundários. Então, toda escrita é mídia secundária (BAITELLO, 2015).

Mas a mídia secundária tem o problema do transporte do suporte que pode gerar dificuldades financeiras; o livro, o jornal, por exemplo, para serem transportados, irão criar despesas que encarecerão o produto final. Então, o homem vai desenvolver uma maneira de não ter que transportar o suporte, mas sim, o sinal. E para transportar o sinal é preciso que o corpo de cá e o corpo de lá, possuam o mesmo aparato, um aparato que manda e um aparato que recebe; isto é a mídia terciária. O que diferencia uma mídia primária, da secundária e da terciária é o distanciamento dos corpos comunicantes e a utilização de aparatos que aumentam cada vez mais essa distância. Então, nós estamos criando comunicação de distância, estamos criando ambientes de distância e ambientes de proximidade. Quanto mais deixamos a vida se pautar pela comunicação de distância, “telecomunicação”, menos espaço sobra para a comunicação de proximidade (BAITELLO, 2015). Atualmente é comum vermos um grupinho de pessoas numa mesa de restaurante, sendo que todos estão mergulhados nos seus *whatsapps*, dando-nos a impressão de que a atenção está dividida em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Harry Pross desenvolve essa teoria da mídia que nos dá uma ferramenta interessante, muito importante para entendermos os ambientes comunicacionais.

Harry Pross anunciou no final da década de 1960 o que viria a se tornar uma reviravolta silenciosa mas decisiva: a inclusão do corpo e de seus meios nos estudos de comunicação. [...] Afirma o autor que é o corpo que detém os primordiais meios de comunicação, os meios primários que possibilitam alimentar elos com os outros. Entre os meios primários de comunicação, Pross enumera os sons, inarticulados (entre estes, a voz), os gestos, os odores, as fisionomias, as posturas, os movimentos. [...] Um corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação, tampouco se reduz à unidimensionalidade de processos lineares ou lógico-formais, muito menos à pura mediação. Não é, dessa maneira, mero “meio de comunicação ou mídia”. Muito antes, ele é um catalisador de ambiente comunicacional. Podemos nomear essa implicação de “princípio de ambiência” (apud BAITELLO, 2008, p. 95-96, 99).

Referindo-se aos mais simples sistemas de comunicação, Jurgen Ruesch, parceiro de Bateson na Escola de Palo Alto e co-autor do livro *Comunicacion – La matriz social de La psiquiatria*, dialoga com Pross ao afirmar que em um sistema de comunicação unipessoal, os sinais se apresentam ao longo de todo o corpo. Num sistema composto por duas ou mais pessoas, os sinais se apresentam através dos corpos e do meio que os separa. Quando há muitas pessoas, forma-se uma rede que inclui a totalidade do grupo, e se consideramos vários grupos, podemos falar em rede cultural.

Consideremos primeiro os instrumentos humanos de comunicação e as vias do corpo utilizadas para comunicar-se. O organismo de um homem, na sua totalidade, pode ser concebido como um instrumento de comunicação, equipado com órgãos sensoriais, os receptores; órgãos efetores, os emissores; transmissores internos, as vias nervosas e humorais, e um centro: o cérebro (BATESON; RUESCH, 1965, p.31).

Porém, quando consideramos a rede interna de comunicação, não devemos pensar em termos de anatomia; podemos comparar o indivíduo com uma organização social. Por exemplo, dentro dos departamentos de um Estado, as mensagens enviadas à capital e a todo o resto do país, são transmitidas por meio de uma intrincada rede. Como na década de 60, quando o livro foi escrito, ainda não existia a internet, o autor cita o fato de que as mensagens podiam ser enviadas por rádio, telefone, telégrafo ou oralmente; as mensagens escritas podiam ser transportadas pelo ar (avião), barco, trem, bicicleta, a pé e a cavalo. A pessoa que registrava primeiro um acontecimento, usualmente não se dedicava a percorrer amplas regiões para divulgá-lo. Em lugar disso, a mensagem era levada a outros lugares e outras pessoas através de um sistema de retransmissão. Cada estação de retransmissão pode alterar, amplificar, condensar ou abstrair a mensagem original para adaptar ao uso local e, após um

longo período pode suceder que toda semelhança entre o primeiro relato e o último se deva à pura coincidência. Esta analogia pode ser aplicada quando consideramos o organismo humano (BATESON; RUESCH, 1965).

Por exemplo, os órgãos sensoriais estão basicamente situados desde a cabeça até os pés, tanto nas regiões externas do corpo como nas regiões internas. Os órgãos terminais atuam como estações de transformação de impulsos em respostas aos estímulos originados tanto no ambiente externo como no próprio corpo. Independentemente de que o estímulo original consista em uma série de luzes ou ondas sonoras, ou em reações químicas, os órgãos sensoriais transformam aquilo que é percebido em impulsos que são apropriados para a transformação interna dentro do organismo. O essencial é que todo tecido vivo tenha possibilidade de responder ao impacto de estímulos específicos. A natureza da capacidade de resposta está determinada, em parte, pelo tipo de estímulo que é percebido e, em parte, pela natureza dos tecidos reativos, órgãos e sistemas de órgãos. Para uma maior economia e eficácia, o estímulo percebido na superfície do corpo ou dentro do organismo é transformado de tal forma que pode ser transmitido apropriadamente e, assim mesmo, os impulsos originados no cérebro e outros centros reguladores são transformados em várias etapas antes de alcançar o órgão efetor ou, ainda mais remotamente, os órgãos sensoriais de outra pessoa (BATESON; RUESCH, 1965).

Nossos órgãos efetores, os músculos lisos e estriados do corpo, reagem aos estímulos originados no próprio organismo. A irritabilidade dos músculos se contraem quando são estimulados, o que pode dar origem a atividades dos membros para mover o corpo no espaço, permitir a entrada de ar na traqueia e emitir sons ou realizar movimentos dos tratos intestinais ou do sistema circulatório. Quando as atividades de um órgão ou do organismo todo são percebidas, por si mesmo ou pelos outros, constituem atos comunicativos que esperam ser interpretados. Os centros mais elevados do sistema nervoso e talvez certas glândulas avaliem as mensagens originadas nos órgãos individuais, e a pessoa pode responder automaticamente, muitas vezes sem nem mesmo ter tomado consciência da transmissão. São conhecidas por reflexos as respostas automáticas, se o circuito, com exceção do estímulo, estiver totalmente localizado dentro de um organismo. Quando se transmitem mensagens de pessoa para pessoa, frequentemente se transmite, também, sem que os participantes tomem consciência delas. Por exemplo, em uma situação social as pessoas avaliam, automaticamente, se a atitude das outras pessoas é amigável ou hostil. Também, sem termos consciência de nossa resposta somos mais cuidadosos e prevenidos quando falamos com um indivíduo hostil que quando estamos diante de uma pessoa aparentemente inofensiva. As mensagens interpessoais mais complexas,

especialmente quando estão codificadas na forma verbal, requerem uma avaliação e interpretação mais consciente. Porém, independentemente da complexidade da mensagem ou da extensão da rede, os princípios básicos são os mesmos (BATESON; RUESCH, 1965).

Todas as ações dos seres humanos e dos animais têm aspectos comunicativos. Também as plantas e os objetos enviam mensagens àquelas pessoas que os percebem. Nosso organismo pode perceber uma grande quantidade de estímulos em apenas alguns segundos, porém, a descrição rigorosa dos fenômenos da percepção cai dentro de dificuldades insuperáveis quando tenta descrever os processos implicados (BATESON; RUESCH, 1965).

- Quarta definição de ambiente – Cenários.

Quando somos capazes de diagnosticar o cenário, percebemos o ambiente. Podemos, através dos mecanismos das imagens endógenas, criar cenários de como vai ser amanhã, como vai ser depois e assim por diante. O cenário é o desenvolvimento de um ambiente, a transformação desse ambiente num outro dia, num outro momento, numa outra época; ou seja, uma análise de impactos possíveis. Os cenários são ambientes hipotéticos. Acreditamos que seja fundamental esta atividade de criação de cenários para a área de comunicação; deveríamos ter, por obrigação, a preocupação de analisar o cenário desta comunicação, neste ambiente de telecomunicação no qual estamos vivendo, sobretudo pensando nas gerações vindouras (BAITELLO, 2015).

- Quinta definição de ambiente – Telecomunicação.

A imagem transmitida, transformada em sinal, transmitida para dispositivos, para aparatos, imagem que é recebida de imediato, ou que é recebida depois, é uma abstração. Uma abstração é uma subtração, é uma operação de retirada. Nós subtraímos o corpo, a presença, o rastro e ficamos com uma coisa abstrata. Nós somos absolutamente cercados de abstrações e o mundo é um mundo de abstrações (BAITELLO, 2015).

Tendo percorrido sobre os tipos de ambiência apresentados por Baitello Junior, queremos agora focar no processo comunicativo que constitui no vínculo. “Comunicar-se é criar ambientes de vínculos”, diz e acrescenta:

Não mais se pode compreender a comunicação como simples conexão ou troca de informações, mas necessariamente é preciso ver nela uma atividade vinculadora entre duas instâncias vivas. [...] Os corpos são exímios geradores de vínculos quando auscultam e deixam-se auscultar por outros, porque só eles preenchem os espaços de falta de outros corpos. [...] Se a informação busca a certeza como parâmetro, o vínculo aposta na probabilidade. Assim, a comunicação que brota dos corpos nunca será determinística, pois outros corpos estarão sempre entremeados em uma

ambiência gerada por corpos com histórias e sonhos, faltas e oferecimentos distintos (BAITELLO, 2008, p.100-101).

O próprio corpo é formado como resultado do vínculo que existiu entre um homem e uma mulher. Isso nos remete à fala de Hellinger:

[...] nenhum outro ato humano está mais sintonizado com a ordem e a plenitude da vida, nem nos toma mais amplamente a serviço do mundo em sua totalidade. Nenhum outro ato humano nos traz um prazer tão inebriante nem proporciona, em seu seguimento, um tal sofrimento amoroso. Nenhum outro ato humano é mais pesado de consequências, mais cheio de riscos, nem exige de nós tais extremos ou nos faz tão conhecedores, sábios, humanos e grandes do que aquele em que um homem e uma mulher reciprocamente se tomam e se reconhecem no amor (HELLINGER, 2009, p.43).

Vilém Flusser diz que temos necessidade de nos vincularmos para sairmos da solidão e do medo da finitude. Se somos corpo, somos finitude. E, porque somos finitude desejamos o infinito, a permanência. É isso que buscamos no outro, nos outros corpos, a união de durações finitas que construam histórias infinitas, que nos projetem para além de nossos limites e fronteiras. Comunicar-se é criar ambientes de vínculos. Nos ambientes de vínculos já não somos indivíduos, somos um nó apoiado por outros nós e entrecruzamentos, os quais, na linguagem das constelações, são chamados de emaranhamentos. E, para os emaranhamentos, somente corpos podem ser pontos de germinação de sensações, emoções, pensamentos positivos ou negativos, ações reativas ou proativas (BAITELLO, 2008).

Corpos narrativizam os entrelaçamentos que geram ambientes, e os ambientes são pressupostos para continuidade, para a sustentabilidade, para a sobrevivência do corpo nos outros corpos e nos corpos-outros, na materialidade dos meios que facilitam a nodação⁸ entre os corpos. Podemos dizer que o alimento dos vínculos pode ser genericamente denominado “afeto”, mas poeticamente deve ser chamado de “amor” (BAITELLO, 2008, p. 99-100).

Neste ponto, percebemos a congruência entre as constelações familiares e a comunicação sistêmica, pois uma das mais importantes determinações de Hellinger é que as leis sistêmicas que regulam as inter-relações sociais são as denominadas, por ele, de “Ordens do Amor”.

Para Bert Hellinger, todos os vínculos se encontram baseados no amor. [...] Os vínculos do amor são vivenciados em relações entre iguais (homem e mulher) e em relações de hierarquia (pais e filhos, chefes e funcionários, professor e alunos etc.). Para que o amor de um casal, o amor entre iguais, possa fluir é necessário que ambos se reconheçam como iguais, reconhecendo um ao outro como alguém de mesmo valor. É um amor humilde que toma e dá na mesma medida: nem dá mais do

⁸ Nodação quer dizer a formação de nós.

que toma, nem toma mais do que dá e com isso, não se coloca acima ou abaixo do outro, não é maior, melhor ou mais amoroso que o outro. O vínculo do casal se mantém forte na medida do equilíbrio entre o dar e o tomar⁹ (HELLINGER apud GONÇALVES, 2013, p. 27).

Maturana (apud GONÇALVES, 2013, p. 26) afirma que somos constituídos no amor, e diz que o amor “[...] é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, [...] na aceitação do outro como legítimo outro” e como o outro é, com suas qualidades e dificuldades, e ainda acrescenta que “[...] na vida humana a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: nós, seres humanos, somos filhos do amor”.

Essa afirmação de Maturana está em consonância com a filosofia de Hellinger para o qual todos os relacionamentos, para darem certo, têm que estar de acordo com as ordens do amor e, se há sofrimento, é porque alguma das leis do amor foi infringida. Relembrando, uma das leis que regem o relacionamento humano é o pertencimento, a vinculação.

Voltemos à conferência proferida na UNISO no dia 26 de outubro de 2015 por Baitello Junior, quando diz que “imagens são criadoras de vínculos sociais e nós precisamos produzir imagens para sobreviver, desde que nascemos, desde o primeiro minuto, desde o primeiro segundo”. Ele nos contou que certa vez, uma enfermeira chefe de berçário, a senhora Maria do Carmo de Oliveira, lhe pediu para ser o orientador de sua dissertação de mestrado e que tomou um susto quando a ouviu dizer “eu quero pesquisar a comunicação do recém-nascido de zero a cinco horas de vida”. Essa enfermeira contava com 20 anos de experiência no trabalho com recém-nascidos e, após ter feito o mestrado, lhe procurou novamente e lhe disse que se encontrava pronta para o doutorado e, desta vez, o que ela quis foi pesquisar a comunicação do recém-nascido de 0 a 5 minutos. A tese foi defendida e gerou uma enorme emoção em todos os presentes, levando – os às lágrimas, inclusive ele próprio (BAITELLO, 2015).

A presença do corpo do recém-nascido e sua fragilidade nos conduzem à recordação da necessidade primordial de vinculação que toda criança tem com sua mãe, a fonte de sua vida e de sua sobrevivência. Segundo a teoria do psicólogo e psicanalista Otto Rank (1884-1939), a dor da separação da mãe é o maior trauma na vida de um ser humano. Baseado nessa teoria, um grupo de psicólogos portugueses criou, em Lisboa, um curso de formação em Terapia para Bebês com o intuito de ajudarem os bebês a minimizar o trauma do nascimento. Karlton Terry é um dos profissionais de renome, no mundo, na área da assistência aos bebês e oferece curso através do *Institute for Preand Perinatal Education*.

⁹ “Tomar”, aqui, tem uma conotação diferente de “receber”. Receber é simplesmente aceitar o que alguém lhe dá. Tomar significa apoderar-se conscientemente daquilo que alguém lhe ofertou.

Esta formação ensina os alunos a compreender a linguagem corporal dos bebês. Quando compreendemos a linguagem corporal dos bebês, percebemos que estes falam constantemente sobre as suas experiências pré-natais e de nascimento, muitas vezes pedindo a nossa ajuda para resolver as dificuldades advindas de tempos precoces, de modo que as suas almas possam ser libertadas enquanto os seus pequenos corpos crescem (TERRY apud FORMAÇÃO..., 2015).

Em 1998, na cidade de São Paulo, assistimos a uma palestra do psiquiatra, psicoterapeuta e escritor, Dr. José Ângelo Gaiarsa (1920-2010), num congresso do SINTE – Sindicato dos Terapeutas – cujo tema da palestra foi O Trauma do Nascimento. Após termos sido tocadas pelo conteúdo da palestra, escrevemos um artigo (não científico) exatamente com esse título: “Trauma do Nascimento” (BASSOI, 2006). Queremos reproduzir aqui a ideia principal sobre esse trauma, pois nos parece que ninguém nunca parou para pensar como foi a sua própria experiência de passagem do útero materno para o meio exterior. Segundo Gaiarsa (1998, informação verbal)¹⁰, foi traumatizante para todos que nasceram de parto normal, sobretudo para aqueles que foram tirados a fórceps. O bebê, dentro da barriga da mãe, está num ambiente protegido, aquecido adequadamente para sentir-se confortável, e recebe absolutamente tudo o que precisa para crescer, desenvolver-se e poder adquirir vida própria. Não precisa respirar, pois o oxigênio vai para todas as células através do sangue que entra pelo cordão umbilical. Não precisa se alimentar porque os nutrientes também vêm através do cordão. A natureza se encarrega de tudo até o momento da expulsão do útero materno. De repente, tudo que estava tranquilo para o bebê, torna-se um suplício ocasionando a ele o medo da morte. O corpo da mãe, incontrolavelmente começa a empurrá-lo em direção a um túnel estreito em que mal cabe sua cabeça, imagina-se então como passar os ombros e os braços. Num turbilhão de cabeçadas e de empurrões, depois de um certo tempo de sofrimento, de repente a criança sente-se puxada pelas mãos do médico, ou parteira, num lugar estranho e frio, completamente inóspito, e então, esse desconhecido o separa do corpo de sua mãe. Como se isso não bastasse, ainda lhe corta o cordão umbilical. Nesse ato está consolidada a separação, não há mais como voltar atrás. Está definitivamente separado do corpo da mãe.

Isso tem que ser assim; é da natureza humana. No entanto, o sofrimento do bebê que é retirado com fórceps ou que está com o cordão umbilical enrolado no pescoço, é muitas vezes maior, e a sensação de morte o marca para o resto da vida. Dizem os especialistas que, mesmo os bebês retirados do útero através de cesariana, ainda que o trauma seja bem menor, o estranhamento da mudança do mundo interior da mãe para o mundo exterior, o afeta sobremaneira, principalmente nos casos em que o recém-nascido precisa ficar na incubadora

¹⁰ Palestra proferida pelo Dr. José Angelo Gaiarsa no Sindicato dos Terapeutas - SINTE, na cidade de São Paulo, em 1998.

por algum tempo. Para ele, fica a sensação de abandono que, também, o acompanha pela vida afora sem que se tenha a consciência de onde vem essa sensação. O vínculo com a mãe foi rompido, e é preciso se restabelecer. Por esse motivo é tão importante o aleitamento materno, além de outros benefícios que o colostro proporciona para o sistema imunológico.

Hellinger (1925-xxxx) enfatiza o que ele chama de “Movimento Interrompido” que também é gerador de trauma e se dá quando a criança é separada da mãe porque esta morreu, ou porque foi embora e a deixou, ou porque a deu em adoção, ou seja, o vínculo com a mãe foi rompido, não importando qual seja o motivo. O movimento interrompido também se dá na quebra do vínculo com o pai. Nas constelações familiares amiúde aparecem clientes com o trauma que estamos denominando de “Amor Interrompido”, pois nos dias de hoje são muitos os casais separados e os filhos ficam com as consequências.

Voltando novamente para a conferência de Baitello Junior, ele nos disse que vínculo é afeto. E se é afeto, é amor. Na ocasião, lhe perguntamos se a palavra afeto deriva do verbo afetar, e se é possível haver afeto que não seja amor, ou melhor, afeto no sentido negativo. Sim, foi a resposta, afeto vem do verbo afetar, e uma pessoa pode ser afetada positivamente ou negativamente. Assim, o ódio é uma emoção negativa resultante de um afeto desagradável, e por mais que queiramos esquecer determinada situação, não a esqueceremos nem um minuto sequer, pois estamos vinculados, aprisionados nesse sentimento. “O amor nos liberta, mas o ódio nos aprisiona”. Ouvindo essa fala de Baitello Junior, sinto-me em casa com a linguagem das Ordens do Amor.

Aqui se faz necessário citarmos o “duplo vínculo”, discutido entre os psiquiatras e psicólogos que eram adeptos ou simpatizantes da Escola de Palo Alto. Quando Bateson o teorizou em relação à comunicação esquizofrênica, este percebeu que quando há uma situação dúbia onde existe um vínculo amoroso e, ao mesmo tempo, um vínculo de desinteresse, a criança fica afetada de tal forma que não sabe distinguir o prazer da dor. Essa criança pode desenvolver uma esquizofrenia. Para ilustrar essa situação, colocamos abaixo uma série de fotos chamada “Estimulação e Frustração”, que mostram uma sequência de interação característica. Na comunidade *balinês*, com a qual Bateson conviveu por um tempo e realizou muitos estudos, ele teve a oportunidade de capturar essas imagens que mostram a frustração da criança que foi seduzida pela mãe e depois ignorada, pois a mesma volta seu interesse para outras pessoas que estão no seu entorno. Quando essas fotos foram sacadas, chamaram a atenção do casal Bateson e Mead que sempre estavam muito atentos ao comportamento humano e, principalmente, no que dizia respeito à comunicação. Somente treze anos depois foi que Bateson denominou essa situação de “duplo vínculo” (LIPSET, 1991).

Em Bali, as emoções da criança são controladas pela mãe. Na prática, isso significa que o estímulo e a reação ao “dando-dando” não assumem a curva ascendente que existe no caso do amor e do ódio em nossa cultura. A mãe balinesa estimula seu filho, mas quando ele responde emocionalmente, ela se torna insensível e nunca deixa que a troca se encerre de um modo afetivo (WINKIN, 1998, p. 40).

Tivemos acesso a essa série de fotos também por meio do biógrafo David Lipset, à quem Bateson fez questão de entregar seu baú cheio de cartas, anotações e fotos, sendo que essa página, no livro, encontra-se sem número, juntamente com tantas outras fotos de Bateson e suas famílias – 3 diferentes esposas e seus filhos com elas (LIPSET, 1991, p. 176-177).

A série de fotos apresentada na página 87, chamada de Estimulação e Frustração, está contida no livro de Gregory Bateson e Margaret Mead, *Balinese character: A photographic analysis*.

Observando as fotos, 1 e 2, na série apresentada na (Figura 3), vemos que o gesto da mãe responde ao choramingar da criança a qual ela tenta acalmar roçando seu rosto no dela e simulando beijinhos. Quando, porém, a criança manifesta interesse pelos seios da mãe, a atenção dela parece estar direcionada para outro lugar (foto 3). Enquanto o filho mama e brinca com o outro seio, a mãe ri de alguma outra coisa e parece nem prestar atenção na criança (foto 4, 5 e 6). Na foto 7 ela esboça um gesto de carícia que provavelmente é automático, pelo fato de que a atenção dela e o sorriso estão voltados para outro lugar. A criança continua mamando e brincando com o outro seio, mas já percebe a falta de interesse da mãe (foto 8). Em seguida, (foto 9), a criança para de mamar e se volta para olhar na mesma direção do olhar da mãe, porém, ambos parecem aborrecer-se (LIPSET, 1991)

Figura 3 - Estimulação e Frustração





Esta serie, llamada "Estimulación y frustración", muestra una secuencia de dos minutos de una interacción característica. Se pretende ilustrar cómo la capacidad de respuesta de un niño balinés se ve frustrada por su madre. Cuando él responde a sus atenciones, ella pierde el interés y nunca permite que el jugueteo llegue a su clímax en ningún tipo de emociones concentradas. Trece años después, Bateson llamó este patrón de conducta "doble vínculo". Crédito: The New York Academy of Sciences.

Fonte: BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character:** A photographic analysis. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.

Durante esses anos, diversos profissionais de setores que se dedicavam à saúde mental, assim como psiquiatras interessados em investigações sobre a esquizofrenia, terapeutas familiares, psicólogos humanistas, gestaltistas ou da área de desenvolvimento pessoal, estiveram bem próximos de Bateson e o convidaram repetidas vezes para falar sobre o assunto. Houve ocasião em que se juntaram aproximadamente 1.000 pessoas para ouvi-lo. É o que está acontecendo atualmente com os seminários de Bert Hellinger pelo mundo, inclusive aqui no Brasil tivemos 1.200 pessoas em São Paulo em abril de 2015 e, logo a seguir, em

agosto do mesmo ano, estiveram 1.600 pessoas presentes no evento realizado em Buenos Aires, Argentina. Como as compreensões de Hellinger são transgeracionais, ele observou que surgem esquizofrênicos em famílias onde houve assassinato entre parentes, não importando há quanto tempo ou em qual geração. Essa é uma nova visão. Assassinato é a quebra do vínculo de amor, é a exclusão de um ser, e sua consequência para o algoz é que ele fica vinculado negativamente, aprisionado, dentro do inconsciente coletivo da família e no consciente pessoal das pessoas mais chegadas à vítima. Aí foi causado um grande emaranhamento.

Baitello Junior (apud MENEZES, 2007) diz que a base primeira para a comunicação é ter ou criar laços simbólicos ou materiais no intuito de constituir um espaço comum – este é o sentido da palavra vincular. O ser humano não foi feito para viver só, e sim, em sociedade. Ora, a sociedade, pela própria capilaridade, constitui-se por um conjunto de vínculos de todas as espécies.

[...] os processos comunicativos são construções de vínculos que agregam ou segregam indivíduos. Agregar no sentido da interação entre indivíduos vinculados sob o termo “nós” e segregar no sentido de que a constituição do “nós” implica na observação de outros grupos denominados “outros”, os que “estão fora” (MENEZES, 2007, p. 23-24).

O etólogo Eibl-Eibesfeldt percebe que quando há “[...] um campo de tensões entre o amor e o ódio, isso apenas se dissolve na constituição dos chamados *rituais de vínculos*” (apud MENEZES, 2007).

Por isso, observamos, como Baitello, que “é deste campo de tensões que nasce a informação que, por sua vez, viabiliza a geração e a organização das sociedades, complexos compostos de indivíduos vinculados entre si pelos múltiplos laços da comunicação: é a troca de informação que cria aquilo que chamamos de comunicação” (apud MENEZES, 2007, p. 24).

O etólogo francês Boris Cyrulnik defende, em *Os alimentos do afeto*, um livro a respeito dos vínculos, que as mais recentes reflexões sobre a afetividade no desenvolvimento das crianças não permitem isolar as emoções das representações. O autor mostra que o recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar, a partir dos vínculos do bebê com os familiares. Para o autor, “[...] a cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança [...]” (CYRULNIK apud MENEZES, 2007, p. 25).

Sabendo que uma criança já nasce em uma teia de vínculos que denominamos sociedade, lembramos importantes observações do sociólogo Norbert Elias em *A Sociedade dos Indivíduos*:

Não existe um grau zero da vinculabilidade social do indivíduo, um ‘começo’ ou ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então comece a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, assim como os pais são necessários para trazer um filho ao mundo, assim como a mãe nutre o filho, primeiro com o seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade (ELIAS apud MENEZES, 2007, p. 25-26).

“A Teoria dos Media também dialoga com o estudo dos códigos hipolinguais (biológicos), linguais (sociais) e hiperlinguais (universo dos símbolos), desenvolvido pelo tcheco Ivan Bystrina” (MENEZES, 2007, p. 27). As mídias (primária, secundária e terciária), quando inseridas numa teia de vínculos, nos permite compreender que cada indivíduo participa do processo da comunicação, muito mais do que é a sua origem ou ponto de chegada. Albert Scheflen (apud WINKIN, 1998), para quem faz muito sentido a metáfora da orquestra para a comunicação, observou essa concepção das mídias numa cadeia vincular ao afirmar que a partitura da comunicação foi formulada inconscientemente. É nesse sentido que o belga Yves Winkin, estudioso dos trabalhos elaborados pela Escola de Palo Alto (ou Colégio Invisível) da qual Bateson faz parte, observa que poderíamos, em termos didáticos, falar de um modelo orquestral da comunicação, em oposição ao modelo telegráfico. “O modelo orquestral equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a comunhão” (WINKIN, 1998, p. 34).

Para Hellinger (1925), o vínculo é um laço que se forma, através da troca, em uma relação entre duas ou mais pessoas. Entre os membros da família, seja a família de origem, seja a atual, o vínculo é uma conexão indissolúvel porque é criado em nível de alma e perdura para sempre. O vínculo mais forte é com nossos pais que são a fonte da nossa vida. Nossos pais serão sempre nossos pais, aconteça o que acontecer. Observando um certo grau de importância, depois dos pais, em termos de vínculos vem nossos avós e irmãos. Sempre serão nossos avós e sempre serão nossos irmãos. Já no sistema atual, forma-se um vínculo muito forte entre esposo e esposa e também com os filhos. Entre esposo e esposa, a relação pode terminar, porém o vínculo não termina nunca. Todos estes são vínculos do destino, os quais nos fazem permanecer unidos a eles até o fim de nossa vida e ainda mais além. Podemos

fisicamente nos separar, viajar a outros países ou, até mesmo, morrer, porém os vínculos continuam existindo e mantendo seus efeitos. Estar vinculado não depende de nossa decisão. Também criamos vínculos com outras pessoas que não pertencem à família, assim como amigos, sócios, professores, colegas de trabalho etc. Tudo que temos vivido com outras pessoas se converte em uma experiência própria, que nos modifica dia a dia, sem que percebamos (BOLZMANN, 2011).

Nas palavras de Hellinger:

Somos nossos pais, assim como eles, por sua vez, são seus pais. Não podemos nos desfazer deles. Se os negamos, quem somos? Deles recebemos a vida. Se negamos a nossos pais, negamos a nós mesmos. Se tivermos vergonha de nossos pais, teremos vergonha de nós mesmos. Se os odiamos, odiamos a nós mesmos. Porém, se os amamos, nós podemos amar a nós mesmos (apud BOLZMANN, 2011).

6 A CONSTELAÇÃO COM BONECOS NA SESSÃO INDIVIDUAL: NARRATIVA DE UM CASO CLÍNICO

As constelações familiares são mais conhecidas em um contexto grupal. Porém, há situações que requerem uma constelação individual ou de casais, num ambiente mais privativo (consultório) onde o cliente não se expõe diante de pessoas desconhecidas e, assim, sente-se mais à vontade para tratar de assuntos constrangedores. Para atender a essa necessidade, o alemão Jakob Schneider e sua esposa Sieglinde Schneider propuseram a constelação individual com o uso de bonecos, a qual veio satisfazer a muitos consteladores que têm dificuldade em conseguir reunir um grupo de pessoas disponíveis para serem representantes, assim como também, muitos profissionais da área psicossocial nos seus atendimentos individuais. São muitos os psicólogos que hoje estão aderindo a esse novo formato de constelação. Essa possibilidade como ferramenta de trabalho também está atraindo profissionais da área médica, sobretudo aqueles que acreditam na psicossomática. Jakob Schneider nos conta como chegou aos bonecos:

Desde o início, após minha primeira experiência com as constelações familiares de Bert Hellinger, e minhas primeiras tentativas de trabalhar com essa técnica em grupos, eu tomei uma bolsa com figuras playmobil de meu filho que há muito tempo havia deixado de lado. Eu comecei a carregá-la comigo a todos os lugares onde não havia o apoio de um grupo para meu trabalho de aconselhamento e terapia. Esses lugares incluíam um centro de aconselhamento para casais e famílias, uma clínica psicossomática, pequenos grupos de supervisão, e minha própria prática privada. Alcançar isso pelo playmobil foi algo que aconteceu naturalmente, sem muita consideração prévia. Eles estavam simplesmente disponíveis; era prático e fácil de carregar, e havia apenas mínimas diferenças entre eles, simplesmente, homens e mulheres adultos e crianças, com algumas poucas combinações de cor (SCHNEIDER, 2015).

Schneider declara que não pediu ajuda a ninguém, naquela época, a não ser para a sua própria esposa, que o acompanhava nos trabalhos com as constelações. E, depois de algum tempo, tendo ele experimentado e chegado à conclusão que preferia trabalhar com grupo de pessoas, deixou os bonecos por conta da esposa. Sieglinde passou a assumir a técnica com os bonecos e até desenvolveu bastante a sua intuição para poder ensinar aos consteladores de diversos países, inclusive, esteve ensinando aqui no Brasil. Por esse motivo, todos que utilizam os bonecos nas constelações familiares dizem fazer uso da técnica de Sieglinde Schneider.

Diferentes materiais são hoje utilizados nas constelações individuais, tais como: almofadas, cadeiras, pedrinhas, copos descartáveis de diferentes tamanhos, lápis de cor,

papéis com os nomes escritos das pessoas representadas, bonecos de pano, de madeira, de acrílico e playmobil. Segundo Schneider (2015), há alguns critérios que ele considera importantes na escolha das figuras, pois o terapeuta deve trabalhar com aquele material com o qual ele sintase confortável. As figuras não são importantes por si mesmas, mas apenas como projeções espaciais dos membros do sistema. Quando há questões de vínculo e desenlace, normalmente o trabalho é concentrado plenamente na constelação com figuras. A base para um passo certo que ajuda a encontrar uma possível solução numa constelação é construída a partir de informações importantes trazidas pelo cliente: os eventos mais relevantes na história da família, a família de origem ou a família atual, os destinos difíceis daqueles da família ou do clã, que foram excluídos. Esta informação e o modo como os clientes compartilham-na, frequentemente levam a um profundo movimento a partir do amor que atua na família, ou dos emaranhamentos construídos através das dificuldades de relacionamentos. Pode-se sentir, por meio da narrativa materializada pelos corpos, quer em um olhar, uma lágrima, lábios ou mãos trêmulas, voz embargada, imediatamente, qual informação tem força e qual não tem. Se algo é importante e foi omitido, ou se o cliente não tem uma informação que seria relevante, o próprio campo morfogenético se encarrega de mostrar na constelação. Às vezes surge até um segredo que foi guardado em gerações passadas.

A troca de informação entre o cliente e o terapeuta é dialógica, e ambos precisam ter contato com a "alma do sistema familiar" do cliente. O processo reside no essencial e está a serviço da solução. O núcleo da orientação do trabalho sistêmico é a imagem da constelação em si mesma: encontrar – permitindo a si mesmo ser tocado por – as dinâmicas das relações do sistema, rearranjando as posições das figuras na "imagem de solução" e falando as sentenças apropriadas de vínculo e liberação que são chamadas "frases de poder" (SCHNEIDER, 2015).

Para apresentar a técnica do casal Schneider, encontramos no Youtube, 2 vídeos de consteladores que aprenderam com a Sieglinde e são bem conhecidos no campo das constelações individuais com bonecos, aqui no Brasil. Um deles é o psicólogo clínico Reginaldo Teixeira Coelho (2012), mais conhecido como Régis, que é o profissional que trouxe o casal Schneider pela primeira vez ao Brasil e montou o primeiro curso de formação em constelação familiar. O outro vídeo é com a Marusa Gonçalves (2012), psicóloga clínica, autora do livro *Constelações Familiares com Bonecos*. Sugerimos que esses 2 vídeos sejam assistidos para que possam compreender a diferença da técnica dos Schneider com a que nós criamos e apresentamos neste trabalho, ao narrarmos um caso prático, um pouco mais adiante. Observe-se pelos vídeos que nessa técnica, considerada tradicional, os bonecos são apoiados

sobre uma mesa, porém, não há delimitação de espaço para a colocação da constelação, a não ser as dimensões da própria mesa.

Tendo aprendido a trabalhar com os bonecos, segundo a técnica de Sieglinde Schneider, não nos sentíamos confortáveis com o fato da grande interferência do constelador durante o processo da constelação. Além da interferência no manuseio dos bonecos, ainda há a necessidade do constelador buscar muitas informações com o cliente e ficar usando o racional, praticamente o tempo todo, formulando hipóteses, e fazendo, da mesa de apoio dos bonecos, um verdadeiro “tabuleiro de xadrez”, tirando e pondo os bonecos de cá para lá. Nas nossas observações, parecia muito claro que essa maneira de trabalhar a constelação vai totalmente contra a proposta fenomenológica de Hellinger. Ao invés de deixar acontecer, o constelador faz deliberadamente acontecer. Ao invés de cabeça vazia, o tempo todo é preenchida por relações e hipóteses. Consideramos que a intuição é muito necessária, mas ali quem domina é a razão. Não contentes com o que víamos, procuramos fazer cursos com diferentes profissionais, todos muito bem conceituados, na esperança de encontrarmos algo diferente, que nos satisfizesse. Fizemos quatro cursos com quatro professores alemães: Peter Spelter em 2004, Mimansa Erika Farny em 2006, Cornélia Benesh em 2008 e, finalmente, Bernd Isert em 2010. Somente o último professor citado é que fazia algo diferente dos demais, ou seja, pedia para o cliente colocar um dedo na cabeça do boneco e prestar atenção no seu próprio corpo e em suas emoções, captando a energia que porventura pudesse sentir em si mesmo, considerando que o cliente estava entrando em conexão com a pessoa representada, seja vivo ou morto. Os bonecos não se movimentavam. O cliente informava se naquele boneco ele sentia uma energia muito pesada, se havia dor em alguma parte do seu corpo, se sentia tristeza, angústia, alegria, raiva, impotência, vontade de ir embora, entre outros sentimentos. Mas, insistimos em esclarecer que quem sentia as emoções ou sensações era o corpo do cliente. A partir daí, começamos a fazer testes para sentirmos a capacidade de captarmos sensações por meio dos bonecos, mas infelizmente não sentíamos absolutamente nada. Fizemos vários testes com outras pessoas, e também observamos muita dificuldade para captarem e perceberem as energias. Algumas vezes nos deparamos com situações que, de acordo com o histórico de vida do antepassado, o cliente se emocionava e misturava a sua emoção com a energia captada do representado pelo boneco. A emoção era sua ou era do antepassado? A essa pergunta, o cliente não sabia distinguir. Vez por outra encontramos pessoas com grande capacidade de percepção extra-sensorial que, visivelmente mudava sua expressão facial ou corporal, a cada boneco que encostava o dedo. Porém, assim era a minoria que se apresentava.

Após um bom tempo de prática com constelações com pessoas, constatando mais e mais a existência dos campos mórficos e da ressonância mórfica, pusemo-nos a pensar que haveria um jeito dos bonecos se ligarem energeticamente com as pessoas que eles representavam, sem precisar passar pela percepção do cliente. Se a ressonância acontece com pessoas, talvez pudesse também acontecer com bonecos. Essa foi a hipótese que nos levou a insistir nos testes, sempre propondo que o cliente permanecesse de olhos fechados e sem intenções (cabeça vazia), para que os bonecos não fossem manipulados.

Percebemos que os bonecos se movimentam pelo campo, com a energia do cliente. Basta colocar um dedo na cabeça do boneco para constatar que o movimento que ele faz é totalmente independente do nosso controle e da nossa intenção, isto é, as informações contidas nos campos mórficos irão ter ressonância nos bonecos, exatamente como acontece com as pessoas. Essa descoberta foi o primeiro passo que nos animou a ir fundo na pesquisa que durou 5 anos, porque os bonecos mostravam-nos que a fenomenologia ressurgia vibrante e forte. Como dissemos, esse foi apenas o primeiro passo. Os outros passos, muito mais difíceis e demorados, foram acontecendo vagarosamente: a decodificação da linguagem silenciosa dos bonecos. Havia a necessidade de observação dos movimentos, e conseqüentemente a significação deles através da repetição da experiência com diferentes clientes, diferentes questões, diferentes posturas dos clientes, diferentes maneiras de se usar o dedo que apenas encosta na cabeça no boneco sem, contudo, imprimir qualquer força na tentativa de fazer o boneco se locomover. São muitas as variáveis a serem observadas, cremos até que seria impossível quantificá-las. Na repetição, fomos procurando estabelecer padrões cujos significados foram nos dando condições de compreender a linguagem dos bonecos. Através das observações e inter-relações, hoje pensamos que podemos dizer, com propriedade, o que cada movimento quer nos dizer. Essa leitura da linguagem é o principal ponto que constitui a nossa técnica. Testamos vários tipos de bonecos feitos com diferentes materiais, mas os únicos que serviam ao nosso objetivo eram os bonecos playmobil, pelo fato de serem flexíveis, terem pernas e braços, moverem a cabeça, ficarem em pé ou em outras posições possíveis. Isso possibilitava o movimento deles no “campo”. Juntamente com essa descoberta de que os bonecos andam, viram-se e mudam de direção, escolhem outros representantes e atuam como se fossem pessoas ali colocadas como representantes, tivemos o *insight* de criar um espaço delimitado onde os movimentos pudessem acontecer. Esse espaço é representado por um círculo de madeira, pintado de verde, o qual passei a denominá-lo de “campo”. Em seguida, veio a ideia de colocar os bonecos ao redor do campo, todos na mesma posição, em pé, braços para baixo e cabeça para a frente, estando ali todos eles disponíveis

para serem escolhidos como representantes. São colocados os homens do lado direito da cliente, e as mulheres do lado esquerdo. São 5 homens adultos e 5 meninos, cada 1 de uma cor diferente (verde, azul, vermelho, amarelo e branco). Da mesma forma, são 5 mulheres adultas e 5 meninas, uma de cada cor. Tudo isso faz parte da nossa técnica.

Tendo percebido que isso era inédito no mundo das constelações, registramos nossos direitos autorais sob a denominação de “O Movimento do Espírito, através dos bonecos, nas Constelações Individuais”. Nos propusemos a ir até Sheldrake para fazermos uma consulta científica sobre a possibilidade de considerarmos viável a nossa hipótese de que, mesmo sendo bonecos, a ressonância mórfica possa estar atuando através deles.

No dia 11 de julho do ano de 2016 fomos recebidas por Sheldrake, em sua própria residência em Londres. Reafirmamos o motivo da consulta, pois já havíamos nos comunicado por e-mail, e propusemos a possibilidade dele sentir o campo trazendo uma questão sua, a ser vista com o auxílio dos bonecos playmobil. Posta a questão, sugerimos que ele próprio colocasse o dedo na cabeça de cada boneco que ele havia escolhido e fechasse os olhos para perceber que o movimento dos bonecos acontecia involuntariamente. Depois de algum tempo, ele preferiu observar, de olhos abertos, enquanto nós colocávamos o dedo nos bonecos. Como cientista, Sheldrake dedicou atenção plena no que ali ocorria diante de seus olhos. Fomos explicando o que cada movimento queria dizer, ou seja, traduzindo a “linguagem sem palavras” dos bonecos. Tendo chegado naquilo que ele considerou como resposta à sua questão, agradeceu e se pôs a falar sobre a sua percepção. Foi então que lhe fizemos a pergunta: na sua opinião, há a possibilidade da ressonância mórfica ser captada pelos bonecos, mesmo eles sendo seres inorgânicos, ou inanimados?

— Não, disse ele. Mas o campo orgânico está funcionando através da pessoa que está tocando o boneco, então acho que se pensarmos que o campo está operando... neste caso ele deve estar operando através da pessoa que está tocando o boneco, e não no próprio boneco. E o movimento dos dedos é inconsciente talvez, e captando o que está acontecendo no campo. Suponho que o paralelo mais próximo a isso seja a hidroestesia, sabe, quando você tenta encontrar água com bastões. Aqueles bastões são hastes. Bem, lá eles descobrem que a informação está no campo, mas é conduzida através de pequenos movimentos dos dedos. A haste não é o que é sensível. A haste está amplificando os movimentos inconscientes dos dedos. Bom, acho que o mesmo princípio – amplificar pequenos movimentos inconscientes que são captados do campo – parece, para mim, que isso é um tipo de campo mórfico, não? Bom, essa é minha impressão. E aprendemos sobre ele alguns minutos atrás [aqui Sheldrake se refere à experiência acabada de realizar]. Então acho que essa seria a explicação mais óbvia, pois não acho que esses bonecos inanimados conseguiriam, por si só, incorporar quaisquer desses personagens. Acho que todos os papéis vêm dos movimentos inconscientes dos dedos. Digo mais, em uma constelação quando há pessoas de verdade, elas frequentemente respondem ao campo inconscientemente. Elas começam a se mover de maneiras nas quais não estão conscientemente tentando atuar. Elas estão se movendo em resposta ao campo.

E da mesma maneira eu acho que os dedos em movimentos estão trabalhando inconscientemente. Mas nos dois casos a resposta é de um ser humano a um padrão no campo. O campo em si (CONSULTA..., 2016).

O que entendemos pelas considerações de Sheldrake, é que os bonecos são instrumentos midiáticos que servem para nos comunicar a ressonância mórfica que vem do inconsciente familiar do cliente.

A finalidade de tal técnica é mostrar que é possível trabalhar com os bonecos no “Movimento do Espírito” onde não haja a interferência do constelador. É possível pôr em prática, com os bonecos, o mesmo que Hellinger nos ensinou com as pessoas, ou seja, obedecendo aos postulados da fenomenologia não devemos ter expectativa, julgamento, preconceito, medo ou compaixão. Temos que permanecer com a cabeça vazia e nos deixar conduzir pelo campo de informações que se encontram no campo mórfico e/ou morfogenético. E, nesse caso, os bonecos funcionam como os representantes numa constelação grupal. Provavelmente o cliente ficará muito mais satisfeito porque será ele próprio que passará a energia do seu sistema para os bonecos e talvez isso possa fazer com que ele não saia com dúvidas de que foi o constelador que o manipulou através das informações fornecidas, o que muitas vezes acontece na técnica usada nos moldes tradicionais.

Faz-se necessário lembrar que, em determinadas constelações, algum boneco não para em pé, fica caindo todo o tempo, mesmo que o levantemos. Isso é muito importante de ser interpretado em relação à pessoa que esse boneco está representando. Ele está nos mostrando que aquela pessoa está passando por um período de depressão ou tem uma doença crônica, e que se deve olhar para isso com uma visão sistêmica. O que é que está afetando a vida dessa pessoa? Com essa pergunta, podemos tentar chegar ao âmago da questão. A maneira como o boneco cai é um indicador de depressão, de doença, de morte natural, de assassinato, suicídio ou alguma outra situação que se apresenta no contexto. Essa compreensão nos chegou com o grande número de experiências que fizemos.

Como o trabalho com as Constelações é um trabalho terapêutico, as pessoas que procuram um profissional da área vêm cheias de esperança de que possamos resolver as suas questões. No entanto, Hellinger nos ensina “As Ordens da Ajuda”, ou seja, precisamos ter claro que o nosso objetivo é ajudar o cliente a enxergar aquilo que está emaranhando o seu sistema familiar, a sua vida, ou o seu sistema empresarial sem, contudo, termos a intenção de forçar situações apenas para agradar o cliente. Não podemos, como facilitadores, prometer soluções miraculosas, pois isso tira a força do cliente, ao mesmo tempo em que enreda o

facilitador com a questão do outro. De acordo com a questão trazida pelo cliente, vamos proporcionar a ele a possibilidade de desvendar os nós existentes no inconsciente coletivo da família, ou da empresa e, principalmente, no seu próprio inconsciente.

Assim, tanto na constelação com bonecos, quanto na constelação com pessoas, estabelece-se um processo comunicacional que pode ser percebido em uma perspectiva sistêmica, já que todos os elementos que o constituem corroboram para que se chegue a uma transformação: dos corpos envolvidos, que como mídia primária catalisam todos os sentidos, ao perceber, conduzir, tocar, sentir e expressar, por meio de gestos, olhares, expressões, cheiros, toques, sons, incluindo-se a oralidade (SILVA, 2007). O corpo está em uma ambiência e cria uma ambiência; é composto por e compõe capilaridades.

Com os corpos em diálogo, acionam-se memórias (SILVA, 2007), por meio de outra mídia, neste caso, secundária, qual seja a dos bonecos, que no campo, fazem emergir outro elemento fundamental na construção destas ambiências, capilaridades e vinculações: a narrativa.

Em última instância, todos os elementos envolvidos no processo comunicacional que se desenha na constelação com bonecos, convergem para uma narrativa, já que servem para chegarmos a uma questão trazida pelo cliente por meio de sua história, que é apresentada por meio do corpo, da oralidade, da representação composta pelos bonecos. Essa história faz o entrelaçamento de elementos do passado e do presente, buscando solucionar conflitos dos quais muitas vezes o cliente nem se dá conta.

Narrativas são entendidas como formas de mediação (SILVA, 2015), e materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com seu meio e com o seu imaginário (SILVA; SANTOS, 2015).

Neste caso, o da constelação, a mediação se dá entre constelador e cliente, entre o cliente e sua questão, entre a questão e os emaranhamentos trazidos do passado. Como formas de organização do mundo, as narrativas servem para representar, entender, interpretar e até mesmo recriar o mundo que nos cerca quando materializadas em linguagem (SILVA, 2015).

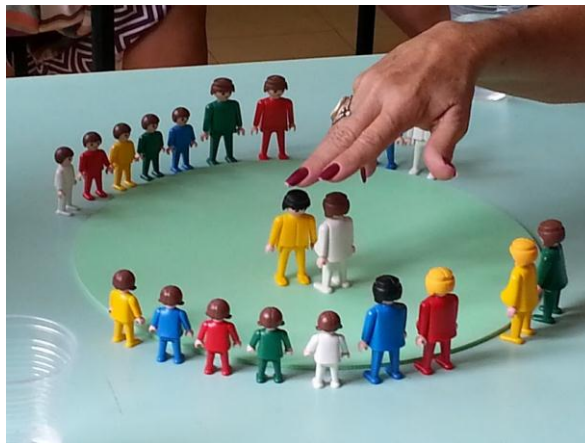
Talvez seja acertado dizer que toda constelação envolva elementos da narrativa: um tempo, ou tempos distintos que convivem, construindo a memória e atualizando o presente. Há ainda um espaço, já que as narrativas, embora possam nos falar de lugares outros e distantes (BENJAMIN, 1994), ocorrem sempre no presente, porque ao serem relatadas, mobilizam nossos medos, nosso pertencimento e todas as nossas emoções, angústias e sonhos, em tempo real.

Segundo Silva e Santos (2015), as narrativas são produtos da cultura, assim como produzem a cultura, e servem para dar sentido à existência humana. Contar uma história nos faz perceber os nós que envolvem a trama e que nos envolvem. Os enredos das narrativas são compostos de início, que se desenvolve com personagens, protagonistas e antagonistas, com obstáculos que devem ser superados, atingindo um clímax – ou nó – o ponto mais dramático da narrativa, para se chegar a um desfecho.

Na posição de constelador, não se pode querer resolver a questão para o cliente, pois lhe cabe apenas fazer o diagnóstico e mostrar a ele se é possível sair desse emaranhamento. Ele pode enxergar “uma luz no fundo do túnel”, ou seja, uma possibilidade de solução, um desfecho, e assim, o constelador, como terapeuta, terá cumprido sua missão junto ao cliente.

Queremos, a partir deste momento, narrar um caso clínico para exemplificar o encontro da constelação com o processo comunicativo:

Figura 4 – Cliente treinando o toque nos bonecos



Fonte: Elaboração própria.

Sugerimos ao cliente, de acordo com a questão trazida, que escolha os bonecos que serão usados para configurar a sua constelação e, em seguida, colocará o dedo na cabeça de um boneco por vez. Como exemplo, vamos fazer o relato de uma sessão: a questão é a dificuldade de relacionamento entre o casal, cujas núpcias foi apenas há 6 meses. Aparentemente a cliente não vê motivos para o desajuste, mesmo porque o namoro se estendeu por 8 anos, até que resolveram se casar. Solicitamos, então, para a cliente escolher uma bonequinha para representá-la e um bonequinho para representar o marido.

A posição que a cliente colocou os representantes do casal, logo nos mostrou que realmente havia algo. Os dois bonecos olhavam para uma mesma direção, a mulher estava mais a frente, e o homem atrás, há uma certa distância (figura nº 5).

Figura 5 – Configuração inicial

Fonte: Elaboração própria.

Vendo isto, perguntamos à cliente, se ela havia gostado de um outro homem, se havia tido um romance. Confirmou e imediatamente disse:

– Mas isso foi antes do nosso casamento, num período em que estávamos brigados e eu fui para a Bélgica a fim de fazer um mestrado. Lá eu o conheci e, mesmo que durou pouco tempo, o relacionamento foi muito intenso. Mas eu já não tenho mais nada a ver com ele. Nós dois tínhamos consciência que aquilo não seria definitivo, pois eu viria de volta para o Brasil e ele iria de volta para a terra dele. Ele também era de outro país, a Austrália.

A partir dessa informação, sugerimos que ela escolhesse um representante para aquele namorado e o posicionasse lá na frente, para onde ela e o marido estavam olhando (figura nº 6).

Figura 6 – Posicionamento do ex-namorado

Fonte: Elaboração própria.

Feito isso, sugerimos que ela colocasse o dedo na cabeça da sua representante, fechasse os olhos e deixasse o braço leve. Imediatamente a bonequinha começou a andar para frente e foi parar com a cabeça encostada na cabeça do boneco que representava o estrangeiro (figura nº 7). Dissemos a ela que abrisse os olhos e ficou surpresa com o que viu.

Figura 7 – A cliente foi ao encontro do ex-namorado



Fonte: Elaboração própria.

Imediatamente a seguir, sugerimos que colocasse o dedo na cabeça do marido, e fechasse os olhos. O boneco se virou de costas para aquela cena que estava à sua frente (figura nº 8).

Figura 8 – O marido vira-se de costas



Fonte: Elaboração própria.

Nesse momento, a cliente lembrou-se que aquele relacionamento terminou sem ter tido um fim, ou melhor, nem se despediram, e ela veio embora para o Brasil. Nunca mais soube dele e daí ela reforçou dizendo que “foi muito forte”.

Explicamos, então, sobre a necessidade de haver uma despedida, de haver um término na relação, para que ela pudesse estar inteiramente livre para o marido. Ela replicou explicando que isso aconteceu há três anos, que ela não pensa e nem sonha com aquele homem, e que realmente quer ficar com o marido. Informamos, para que ela entendesse que ainda estava, inconscientemente, vinculada àquele namorado, que poderíamos fazer um ritual de separação para que ela pudesse sentir-se livre energeticamente. Ela concordou com isso e dissemos para repetir algumas palavras que iríamos lhe ditar, porém, que só as dissesse se

realmente fizessem sentido para ela: — O pouco tempo que ficamos juntos foi maravilhoso, muito intenso e prazeroso. Só que nós dois sabíamos que não tínhamos condições de ficarmos definitivamente juntos, por uma série de motivos. Nós tínhamos consciência disso. Me desculpe, se não me despedi de você, pois eu iria chorar muito e sei que dificultaria a decisão da separação. Creio que você possa entender isso e não guardar nenhuma mágoa. Você foi tudo de bom na minha vida, naquele período, mas agora só resta a recordação. Foi uma decisão minha voltar para o meu país e para a minha família. Mais tarde também voltei para o meu namorado anterior. Ficamos mais algum tempo juntos e decidimos nos casar. Hoje sou uma mulher casada e amo muito o meu marido. Não sei o que se passou com você depois da nossa separação, mas desejo, de coração, que você seja muito feliz e que aceite o seu destino, assim como eu aceito o meu. Eu fico com o que é meu, e você fica com o que é seu. Muito obrigada por tudo de bom que você me proporcionou, pelos bons momentos que juntos passamos. Guardarei na memória, com gratidão. Agora posso te deixar e voltar para a vida que escolhi. Obrigada.

Enquanto ela falava tudo isso para o representante do relacionamento anterior, com o dedo na cabeça da sua representante, mas agora de olhos abertos, vimos a bonequinha se afastando vagarosamente, de marcha-a-ré até parar num lugar próximo e bem de frente para ele (figura nº 9).

Figura 9 – A cliente se afasta do ex-namorado



Fonte: Elaboração própria.

Ao término da fala, a cliente fechou os olhos novamente, e a bonequinha se virou para trás e começou a se locomover em direção ao marido, o qual permanecia de costas para aquela cena anterior. A bonequinha andou alguns passos e parou (figura nº 10).

Figura 10 – A cliente caminha em direção ao marido



Fonte: Elaboração própria.

A cliente abriu os olhos estranhando que o movimento havia cessado. Sugerimos, então, que ela colocasse o dedo na cabeça do marido para ver o que se passava com ele. Logo ele foi se virando até ficar de frente para ela (figura nº 11).

Figura 11 – O marido vira-se de frente para a cliente



Fonte: Elaboração própria.

Quis começar a andar com passinhos lentos em sua direção, mas quase não conseguiu sair do lugar, pois caiu de frente e ali ficou (figura nº 12).

Figura 12 – O marido cai aos pés da cliente



Fonte: Elaboração própria.

Impressionada com isso, a cliente nos perguntou: — Por que ele caiu?

Respondemos: — Não sabemos! Vamos investigar.

Perguntamos qual a profissão dela e do marido. Ela informou que ambos são advogados. Tivemos um *insight* e fizemos a pergunta se ela ganha mais do que ele.

— Sim, mais do que o dobro, pois eu passei num concurso público enquanto ele trabalha no escritório e dá algumas aulas.

— E isso o incomoda?

— Sim, e muito.

— Como você sabe?

— Porque ele demonstra nas atitudes. Faz questão que eu não misture o meu dinheiro com o dele, quer me mostrar que o que ganha é suficiente para nos manter, ainda que meio apertado, e não aceita que eu ofereça do meu dinheiro para comprarmos uma casa e podermos sair da casa da sogra (mãe dele). Além disso, ele se sente inferiorizado porque o pai dele sempre ganhou muito bem, foi o provedor, e a mãe nunca precisou trabalhar fora de casa.

— E na sua família, como é essa relação com dinheiro entre seus pais?

— Totalmente diferente! Meus pais são separados. Minha mãe é médica ginecologista, sempre ganhou muito bem e nunca dependeu do meu pai. Ela é autônoma. Já meu pai, é empresário, mas a empresa dele nunca progrediu e estava sempre endividado e precisando da ajuda financeira da minha mãe.

— E sua mãe se irritava de ter que ajudá-lo?

— Acho que não, ao contrário, creio que ela se sentia útil e fazia isso com amor e prazer. Lembro-me dela falar para ele, mais de uma vez, que não precisava se estressar porque

ela tinha condições de ajudá-lo. Dizia que o estresse poderia deixá-lo doente e prejudicá-lo mais do que a dívida.

— E se você tivesse que dar dinheiro para o seu marido, seja para comprar a casa ou para qualquer outro motivo, como você se sentiria?

— Muito bem! Eu não sou apegada e não me importo de juntar o meu dinheiro com o dele para as nossas coisas. Várias vezes já ofereci, mas ele não aceita e fica bravo. Não sei o que fazer e estou colocando na minha poupança. Mas, a hora que ele precisar, estará imediatamente disponível.

— Me desculpe perguntar, mas na separação dos seus pais, de quem foi a iniciativa?

— Do meu pai. Ele arrumou outra mulher e foi embora com ela.

— Ah! Então agora queremos que você veja como está repetindo a história dos seus pais, enquanto seu marido está frustrado por não conseguir repetir a história do pai dele. Percebe?

A cliente arregalou os olhos e disse:

— Não vejo semelhança nenhuma, porque meu marido não está endividado e nem tem outra mulher! Somos recém-casados!

— Pois é, vamos ter que te explicar um pouquinho das conclusões resultantes do estudo que Bert Hellinger fez sobre relacionamento conjugal.

Por que seu pai foi embora com outra? Porque ele se sentia inferiorizado em relação a sua mãe, dependente dela. Num casal, deve haver equilíbrio entre os dois, ou o homem ser/ter “mais” do que a mulher (na nossa cultura). Quando a mulher é “mais” do que o homem, este não aguenta e não se sente bem na relação. No entanto, ele mesmo nem tem consciência disso — apenas não se sente bem e tem vontade de ir embora.

Assim também, quando a esposa custeia os estudos do marido, depois de formado ele vai embora. Ele se sente sufocado e tem a sensação de que nunca vai poder compensar a esposa, que estará sempre endividado com ela.

— Então quer dizer que meu marido vai embora porque eu ganho mais do que ele? Que estranho! Jamais eu pensaria nisso!

— É estranho mesmo! Mas é uma percepção que surgiu após muitos anos de estudos e experiências, e isso vem ajudar a nossa compreensão da dificuldade que traz um sentimento de inferioridade. Mas não estamos dizendo que seu marido vai embora, a menos que você insista em que ele deva aceitar o seu dinheiro. Até agora ele não aceitou, então fique atenta e procure não o deixar sentir-se “menos”.

—Ah! Que bom que você me avisou, porque eu já estava pensando em convencê-lo a fazer um curso de mestrado que eu iria pagar para ele. Eu já sou mestre, e ele ainda não.

— Menina, então chegamos ao cerne da questão da dificuldade existente no relacionamento entre você e seu esposo.

— E o que eu faço agora?

— Bem, nós já fizemos aqui duas coisas importantes, ou seja: primeiramente, desemaranhamos os nós energéticos que ligavam você ao seu namorado estrangeiro. Isso lhe deixa livre para viver o amor com o seu marido.

E, em segundo lugar, descobrimos que seu marido se sente fraco ou inferiorizado diante de você, por questão de dinheiro e de poder.

— Eu me sinto poderosa mesmo, porque sempre conquistei o que quis, mas nunca o diminui comparando-o comigo. Eu apenas tive sorte de ter passado no concurso, e ele teve azar. Só isso! Normal!

Não podendo deixar o representante do marido caído aos seus pés, dissemos que o levantasse e o colocasse de frente para ela, para que pudessem conversar. Colocou o dedo na cabeça da sua representante que, desta vez, conseguiu ir rápido até perto dele (figura nº 13).

Figura 13 – A cliente vai se desculpar com o marido



Fonte: Elaboração própria.

— Então agora, como você é uma pessoa muito inteligente e quer manter seu casamento, procure valorizá-lo nas qualidades que ele tem, procure incentivá-lo a ir atrás dos próprios sonhos, porém, com o cuidado para não demonstrar que você quer que ele cresça para chegar à sua altura. Declare o seu amor e diga que ele é o homem certo para você.

Ela falou coisas lindas e declarou seu amor. Emocionou-se, chorou e pediu desculpas por não ter percebido que estava fazendo sombra para ele.

De repente nos olhou, como se tivesse tido um lampejo de ideia, e perguntou:

— E o que eu faço com o dinheiro? Ele sabe quanto eu ganho!

— Não sabemos. Isso não nos cabe. O que nos cabe, é fazer o diagnóstico para descobrir o que é que está minando a relação de vocês. Isso já lhe foi mostrado, certo? A partir de agora, use o seu bom senso e mude algumas atitudes. Desejamos tudo de bom pra você e pedimos a Deus que te ilumine para descobrir a melhor maneira de lidar com isso.

E assim terminou a sessão.

6.1 Análise do caso clínico à luz do processo comunicativo

A cliente sente necessidade de buscar ajuda profissional para tentar solucionar algo que está preso na ambiência interna, na imagem endógena, algo que lhe incomoda, preocupa e chega a lhe tirar o sono, não lhe permitindo sozinha enxergar uma saída para a situação.

Lembra-se que em conversa com uma amiga, no contato corpo a corpo (mídia primária), recebeu um cartãozinho (mídia secundária) com nosso nome e endereço da clínica onde trabalhamos com constelações. A seguir, enviou-nos um e-mail pelo computador (mídia terciária) pedindo um agendamento numa sessão individual. Respondemos ao e-mail e imediatamente a capilaridade aérea nos conectou. Mesmo a distância, já se formou um vínculo entre nós, pois, não foi só marcar o dia e a hora, mas nos informou quem foi que lhe deu nosso endereço e toda a recomendação em relação ao trabalho com as constelações individuais, inclusive quis saber qual o valor da sessão e o tempo de duração. Ela viria de outra cidade, Campinas, e necessitaria considerar o horário que deveria sair de casa para ir à rodoviária, o tempo que o ônibus levaria para chegar até Sorocaba, o tempo de deslocamento da rodoviária à clínica, mais a duração da sessão, a volta para a rodoviária, a estrada novamente e o retorno para casa. O espaço e o tempo sendo considerados adequadamente iriam facilitar o nosso primeiro encontro para que ocorresse sem nenhum estresse (importância do espaço/tempo na comunicação, e o quanto somos escravos do tempo). Tanto da parte da cliente como da nossa parte como terapeutas, esperava-se que houvesse uma empatia. Aqui, empatia é sinônimo de afeto, que alimenta vínculos. A capilaridade na superfície nos conectaria por meio de transportes motorizados (taxi e ônibus). Para chegar até a clínica teria, inevitavelmente, contato com a imagem exógena, e a mídia primária entraria em ação, na conversa com o taxista e com o vendedor de bilhete para o ônibus (Lembramos do axioma de Palo Alto – “não é possível não se comunicar”).

No dia marcado para a sessão, ao olhar a nossa agenda pela manhã, já nos conectamos com essa cliente em foco, assim que pensamos nela e no fato de que viria de Campinas. Não é um fato corriqueiro as pessoas virem de outras cidades para serem consteladas aqui, apesar de que acontece esporadicamente, ainda mais levando-se em conta que em Campinas há bons consteladores. A cliente também já havia se conectado conosco, certamente, pelo menos desde as 8 horas da manhã, posto que a sessão estava marcada para às 10 horas. Dirigimo-nos para a clínica com antecedência, no nosso carro. Outra vez a capilaridade na superfície fazendo com que uma fosse em direção à outra, confluindo para um ponto comum onde o encontro seria realizado. Já estávamos vinculadas em pensamento e em sentimento. Enquanto nós a esperávamos, fomos preparando o ambiente para recebê-la.

Levando em conta que a grande maioria da clientela que frequenta nossa clínica há anos são pessoas cristãs, porém de diferentes religiões e crenças, na sala onde normalmente fazemos as constelações, construímos intencionalmente o cenário visual, de forma a passar a sensação de acolhimento, de respeito, de espiritualidade, destacando numa das paredes, um quadro a óleo da figura de Cristo, sorrindo. Esse quadro é a própria comunicação visual pela ambiência, pois constantemente as pessoas nos dão o *feedback*, no final do atendimento terapêutico, que têm a impressão de que aquele Cristo está sorrindo para elas, e que parece estar dizendo que vai dar tudo certo.

Figura 14 – Jesus Cristo



Fonte: Acervo da autora.

Continuamos a preparar o ambiente em termos de luminosidade e temperatura, com o intuito de deixar a sala acolhedora. Para isso regulamos as cortinas, de modo a não deixar entrar diretamente os raios do sol que ferem nossa vista e, se preciso for, acendemos algumas lâmpadas mesmo que ainda seja dia. Regulamos também o ar condicionado, que pode ser quente ou frio, deixando a sala imersa numa temperatura agradável. Queremos comunicar,

através dos órgãos sensoriais do cliente, aquela sensação de segurança, como se estivesse num útero materno, e até a possibilidade, ainda que não chegue no nível consciente, de poder haver um renascimento em relação às suas dificuldades. Através da ambiência externa, intencionamos favorecer com que o cliente entre em contato com sua ecologia interior, com a segurança necessária para poder vencer as barreiras do medo, da vergonha, da resistência, da desconfiança, e se entregue verdadeiramente ao inusitado que poderá ser mostrado por meio da constelação.

Ao chegar à clínica, através da mídia primária (o corpo), a cliente é recepcionada pelo atendente que a acompanha até a nossa sala. Nós a esperamos perto da porta, na posição em pé, nos olhamos, nos damos as mãos e nos apresentamos. Costumamos olhar “olho no olho”, durante todo o tempo que permanecemos em contato, até o final da sessão. O vínculo pelo olhar é muito forte e mais importante do que a fala. Pormenorizamos os detalhes, lembrando que tudo é comunicação. Observamos o corpo, da cabeça aos pés. Não ficamos pensando, mas ficamos observando e gravando visualmente todos os dados importantes para depois juntarmos e decodificarmos – o trato com os cabelos, com a pele, maquiagem, as mãos, as unhas, a roupa, os sapatos, os adereços. Nossa cliente em questão possuía todas as características de uma executiva bem-sucedida. Apresentava cabelos muito bem tratados, em tons de mel, com efeito “luzes”, lisos e compridos, soltos, com ar de liberdade. Mesmo sendo 10 horas da manhã, já estava com uma maquiagem leve, brincos, pulseiras e anéis adornando, com muito bom gosto, o terninho (saia e blazer) que vestia. A roupa era verde enquanto os sapatos de saltos altos e finos, na cor azul marinho, faziam par com a bolsa que foi depositada em cima de uma cadeira, ao seu lado. Unhas longas e esmaltadas de forma tradicional, também compunham o quadro da mídia secundária que nos comunicava dados importantes do perfil da cliente: vaidosa, autoestima elevada, empreendedora, pessoa de ação.

Convidamo-la a sentar-se de frente para nós, tendo uma pequena mesa branca de plástico, a nos separar. Essa mesa, sem nenhum objeto em cima, é estrategicamente aí colocada a fim de servir de apoio para a montagem da constelação com bonecos. Para que não cause estranheza, imediatamente explicamos o porquê da mesinha que logo será usada. Trocamos algumas palavras com o intuito de descontraí-la, perguntando como foi a viagem, se foi fácil chegar, se só ouviu falar ou se já conheceu a constelação familiar, e assim por diante. Vamos estabelecendo um *rapport*¹¹ com a cliente, enquanto aproveitamos para explicar o que é a constelação familiar, como ela acontece numa sessão com pessoas e como

¹¹ Rapport significa um contato que aproxima as pessoas ao demonstrar interesse em ouvir o que o outro tem para dizer. Estabelece um ambiente comunicacional harmônico.

será a nossa sessão individual com bonecos. Nesse momento apresentamos os bonecos playmobil e o “campo”¹², colocando-os em cima da mesa. Ao mesmo tempo em que explicamos, vamos posicionando, ao redor do campo, os bonecos representantes do sexo masculino à direita, tendo como referência o lado direito do corpo da cliente, e do sexo feminino à esquerda. À cliente é oferecida a cadeira que fica de frente para o quadro de Cristo.

Figura 15 – Preparação para a constelação



Fonte: Elaboração própria.

Figura 16 – Posicionamento da cliente



Fonte: Elaboração própria

A partir desse ponto vamos nos preparar para o início da sessão propriamente dita. Antes de perguntarmos “qual é a sua questão”, propomos uns minutinhos de relaxamento, tempo marcado pela música apropriada para esse fim. Lembrando o que Baitello Junior diz, que “[...] um ambiente, é algo que, ao mesmo tempo que entramos nele, ele entra dentro de nós [...]”, a música acrescentada a todo o ambiente visual, reforça ainda mais essa afirmativa.

Durante os 5 minutos de duração da música, nós nos concentramos para ficarmos ali totalmente presentes e em contato com a alma familiar da cliente que traz a sua história com personagens do presente e do passado, e é capaz de, ao desfecho, perceber os nós que mereciam ser desatados. Ao constelador, cabe ouvir, pois não há história se não houver quem a escute, e ao fundo, e ao cabo, talvez ainda contemos histórias pela necessidade de sermos ouvidos, sobretudo por nós mesmos. Quando contamos nossos relatos, vem à tona um mundo de sujeitos de que somos compostos, e que muitas vezes estão negligenciados, abandonados, dormentes. Com o treino de tantos anos de trabalho, o que mais aprendemos a fazer é “ouvir”. Nós ouvimos a cliente com toda a atenção nas palavras por ela usadas e procuramos não as

¹² O que chamamos de “campo” é o círculo de madeira sobre o qual a constelação se desenrola.

distorcer; apenas as repetimos em momentos adequados e deixamos que a intuição fale por nós.

Ainda antes de perguntarmos “qual é a questão que a cliente gostaria de trabalhar”, nós a instruímos sobre a maneira de pegar os bonecos e colocá-los em pé, um em relação ao outro, da forma como ela sentir interiormente. Ao posicionar o boneco em pé, se ele se inclinar para frente, terá que deixá-lo inclinado. Isso é muito importante para percebermos se esse representante está vinculado a alguém que já morreu, ou se está carregando, nas costas, um peso muito grande, pelos seus antepassados. Instruímos, também, como colocar o dedo na cabeça do boneco, sem fazer pressão, de tal forma que o boneco fique livre para se movimentar. Em seguida, convidamos a cliente a fechar os olhos e, assim, tentar não forjar o movimento, isto porque, na fase da pesquisa, percebemos que algumas pessoas, com o dedo sobre a cabeça do boneco, tinham a intenção de querer conduzi-lo ao encontro de algum outro representante. Fechando os olhos, essa possibilidade desaparece, pois se perde a noção espacial.

A cliente treinou por alguns segundos e logo percebeu como deveria proceder. A partir desse instante teria início o processo dialógico com foco na constelação familiar, e os bonecos passariam a ser nossos instrumentos midiáticos. Tão logo a cliente expôs sua questão e posicionou um boneco para representar o marido e uma boneca para representá-la, fenomenologicamente o que vimos foi que ela se colocava mais à frente do que o marido, e ambos olhavam para a mesma direção. Com o conhecimento da teoria hellingeriana e com alguma intuição, fomos direto à percepção de que houve um relacionamento anterior que tinha sido significativo. Com a confirmação por parte da cliente, sabíamos que teríamos que trazer um representante para o parceiro anterior ao casamento e fazer um ritual de despedida e agradecimento aos bons momentos que juntos viveram, mesmo que tenha sido por pouco tempo. Aprendemos com Hellinger que quando se forma um vínculo, ninguém e nada pode escapar do campo mórfico sem que isso traga conseqüências de emaranhamentos nos quais os atores ficam entrelaçados quanticamente. Não se pode descartar alguém da nossa vida, como se simplesmente trocasse de vestimenta. Por isso, todas as tentativas de excluir uma pessoa, fazer de conta que nunca existiu, botar uma pedra no passado, são fadadas ao fracasso. Para que se desenlacen, apesar de Hellinger dizer que o vínculo não se desfaz, é necessário voltar o olhar para o excluído, reconhecê-lo, agradecê-lo e aceitar o destino que fez com que cada um caminhasse numa direção diferente. É preciso se dizer SIM, e esta palavra é mágica no contexto das constelações. A aceitação e o reconhecimento têm um poder transformador muito grande no campo energético do inconsciente familiar.

Enquanto a cliente se despedia do relacionamento anterior, o marido permaneceu de costas para o ritual, não querendo ver o que acontecia. Tendo se desemaranhado, a cliente estava livre para ir em direção ao marido. Porém, ali no campo existia uma força atuante que não permitiu que ela chegasse nele e, por outro lado, ele não conseguia caminhar em direção a ela, mesmo querendo ir. Aqui vemos a retroação do processo comunicativo, a metáfora da orquestra tocando uma melodia desafinada. Não era possível ir em frente surfando nas ondas sonoras dissonantes. Foi preciso cair, praticamente aos pés da esposa, para nos mostrar que era necessário olharmos para o não cumprimento da lei do equilíbrio entre “o dar e o tomar” percebida por Hellinger, para que o amor dê certo no relacionamento de casal.

Hellinger observou que o vínculo de um casal se mantém forte na medida do equilíbrio entre o dar e o tomar, que é uma das leis consideradas dentro das Ordens do Amor. Num casal, quando um dá mais do que o outro, ao relacionamento, há um desequilíbrio e a relação entre eles fica conturbada. Quando isto ocorre, surge uma necessidade de compensação, isto é, o parceiro que recebeu mais sente a necessidade de dar ao outro um pouco mais, em troca do que recebeu. Essa compensação fortalece o vínculo no amor. Se numa relação não existe o cumprimento da compensação, um parceiro dá, mas o outro não compensa retribuindo de alguma maneira, o vínculo se enfraquece e pode ocorrer o rompimento da relação. O parceiro que recebeu muito, sem compensar, sente-se indigno e tende a ir embora para manter a sua dignidade. Esse é um processo inconsciente, pois a pessoa sente-se sufocada, parece carregar um grande peso e é compelida a sair do relacionamento, às vezes, sem nem saber o porquê. Existem alguns casos em que um dos parceiros quer dar, mas o outro não quer receber, apesar da insistência daquele em querer dar. Invariavelmente, esse casal se separa porque o vínculo não consegue suportar tal desequilíbrio, e um dos parceiros vai se sentir inferior ao outro. O equilíbrio entre o dar e o tomar refere-se a quaisquer trocas que um casal estabeleça em sua relação e não necessariamente deva ser algo material.

Após termos esclarecido a cliente, de maneira bem sintética, que um peso grande que o marido está carregando é o fato de se sentir inferior à ela, também percebemos a lealdade invisível e inconsciente que existe entre ela e seus pais, mostrada através da repetição de padrão do pai se sentindo inferior à esposa, pois ele sempre estava falindo, enquanto a mesma cobria suas dívidas. E quem saiu do relacionamento foi o pai.

Levamos para o nosso relacionamento as dificuldades do casamento dos nossos pais. Buscamos a repetição com uma certa diferença. Passamos a repetir a história da relação dos nossos pais, buscando em nós e na repetição, a solução daquilo que pensamos, inconscientemente, ser a solução da história deles. Misturamo-nos com a história deles e

queremos solucioná-la magicamente, através de nós, por amor. Portanto, buscamos inconscientemente um (a) parceiro (a) que nos possibilite essa repetição. Na repetição passamos a tê-los e ser um pouquinho deles. Hellinger enfatiza que a relação que buscamos e estabelecemos com nosso parceiro, é a mesma relação que estabelecemos com nossos pais. Assim, quando dizemos o primeiro “sim” ao nosso parceiro, na verdade, estamos dizendo um “sim” transferido das nossas imagens internas da relação dos nossos pais, dizemos: “sim, faço como vocês”. O primeiro “sim” aos pais foi: “sim, eu faço por vocês”. Eu saio do meu lugar e faço aquilo que eu imagino que vocês gostariam que eu fizesse. Esse é o pensamento mágico da criança que pensa que irá resolver, através dos seus atos, as questões dos pais. Somente após muito tempo, ou às vezes, nunca, é que o parceiro diz o segundo “sim”, o sim ao outro, “sim,... eu escolho você como você é”! “Eu escolho você, não... as minhas coisas em você” (GONÇALVES, 2013).

Na técnica convencional com o uso dos bonecos, jamais descobriríamos que o marido se sente inferior. O fato de o boneco ter tido dificuldade em caminhar em direção a ela, e de ter caído durante essa tentativa, mostrou-se algo que era exatamente o movimento do espírito dele.

Essa é a vantagem da técnica por nós criada, pois nós não sabíamos nada a esse respeito, e ela também não teria revelado que ganha muito mais do que o marido, pois isso para ela não tinha nada a ver com a dificuldade que está existindo entre o casal.

Finalmente, pensamos que pudemos mostrar, para a cliente, quais eram os instrumentos que estavam desafinados na orquestra e, com isso, proporcionar-lhe a possibilidade de conscientemente olhar para as dificuldades do outro, para as suas próprias dificuldades, e perceber que todos têm uma justa razão para terem se emaranhado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega um momento em que temos que encerrar a dissertação, mas devemos dizer que a vontade é de continuar porque foi apaixonante essa aventura de buscar relações entre a Comunicação e as Constelações. Aprendemos muito sobre Comunicação e Cultura, e nos demos conta de que todo o tempo em que estávamos trabalhando com as constelações, as mesmas eram permeadas pela história de vida pessoal e familiar dos clientes que chegavam até nós. História de vida é comunicação, principalmente quando nas constelações realizadas em sessões grupais vemos os corpos dos representantes narrando fatos de gerações passadas, além da geração atual. Sim, os corpos narrativizam o que a mente desconhece, e puxam o fio da meada que se novelou num passado distante, não raro em outras paragens e outras culturas. Queremos dizer que a origem do povo brasileiro é multicultural, e isso se constata através das constelações que facilitamos. Atendemos a demanda de descendentes de italianos, espanhóis, alemães, japoneses, chineses, coreanos, franceses, poloneses, portugueses, africanos, índios, bugres etc. Demos de encontro com grandes diferenças culturais e raciais que ocasionaram sofrimentos por gerações e mais gerações. É o caso de descendentes de imigrantes que vieram dos países que passaram por guerras, bomba atômica, cataclismas, epidemias, escravidão, perseguição religiosa e outros desastres humanos. Pelourinhos e instrumentos de tortura ainda estão presentes nos campos mórficos dos africanos transformados em escravos. Quantos casos surgiram de amontoados humanos em porões de navios negreiros, de morte por pestes, de corpos atirados ao mar...

A epigenética terá muito o que contar, num futuro a curto e a médio prazo, através dos corpos dos futuros descendentes dos fugitivos das constantes guerras na região do Iraque e da Síria, como também do Estado Islâmico e da Faixa de Gaza, que fogem da violência e da morte. Mais uma vez, agora na atualidade, o mar está sendo a última morada para muitos deles, para muitos... que estão naufragando e sendo envoltos pelo manto ondulante em tons de verde e azul, que se mistura com a cor do céu. Famílias inteiras chegam desfalcadas em alguma fronteira, na esperança da sobrevivência. Imaginamos que nas grandes cercas de arame farpado, o que encontram é uma placa enorme, com letras garrafais, escrito: Você chegou ao mundo da incerteza. Livraram-se do naufrágio, mas não sabem se poderão suportar a fome, o frio, o escaldante sol, as doenças, os maus tratos, os medos, os traumas, o fantasma da morte.

Voltando nosso pensamento para o prazer que esta pesquisa teórica nos proporcionou, queremos pontuar a satisfação em podermos dialogar com as ideias de cientistas tão evidenciados no campo da comunicação e cultura. Apesar de estarmos nos inserindo há pouco

nessa área, sentimo-nos à vontade para transitar por ela quando percebemos a possibilidade do dialogismo. Queremos contribuir com as ideias sobre comunicação, incluindo os aspectos psicológico e espiritual quando se diz que “os corpos estão em constante interação com o meio ambiente, tanto físico, quanto social e cultural”. Trazemos essa contribuição da Psicologia Transpessoal que pondera a necessidade de irmos além do mundo físico, assim como também é proposto por Hellinger quando se refere ao movimento do espírito e a Grande Alma que nos dirige. Quando explicamos aos nossos clientes e alunos, que constelação nada tem a ver com religião, dizemos que com espiritualidade sim. A religiosidade é pautada na fé e nos dogmas inquestionáveis; ela separa, segrega, cria guetos, leva à violência e até mesmo à morte, em nome de Deus. Já na espiritualidade, que tudo conecta, não há dogmas de fé e toda “verdade” é questionável e questionada. Em nossa opinião, a religiosidade também pode nos aprisionar, enquanto que a espiritualidade nos liberta.

Devemos confessar que só entendemos verdadeiramente a proposta de que estamos conectados com todos, quando lemos sobre a capilaridade e tivemos o *insight* de estratificá-la em três níveis: nível da superfície, nível aéreo e nível subterrâneo.

Às cinco definições de ambiência que nos foram oferecidas por Baitello Junior, a nosso ver, acrescentaríamos mais uma, que seria a sexta definição: “ecologia interior”. Entendemos que deve haver um ambiente interior quando colocamos atenção nas nossas imagens endógenas. Na conferência realizada na UNISO em 2015, antes de falar sobre o ambiente, Baitello Junior discorreu sobre as imagens exógenas e endógenas. As imagens exógenas seriam todas as representações mentais de tudo que está fora de nós. As imagens endógenas são as representações mentais de tudo que está dentro de nós. Daí decorre a necessidade de olharmos para os nossos pensamentos, sensações, sentimentos, emoções e crenças que estão estreitamente relacionadas com os nossos sintomas. A saúde ou a doença decorre de uma série de fatores, inclusive de fatores totalmente inconscientes sobre os quais não temos controle. Porém, acreditamos que muitas variáveis existentes na nossa ecologia interior, dependem sim da nossa vontade e consciência do poder que temos sobre elas. Sabemos que os pensamentos negativos, a baixa-estima, a mágoa, os julgamentos, a inveja, a maldade, o desânimo, a desesperança, o desamor etc., fazem com que nosso ambiente interno seja contaminado pelo vírus da infelicidade, o qual poderá nos levar a desistir da vida. Por outro lado, os pensamentos positivos, a fé, a esperança, a compaixão, o amor, a alegria, a alta-estima adequada, a vontade de viver e de ser proativo, faz com que nosso ambiente interno, nossa casa, nossa ecologia interior seja pautada na felicidade e se coloca em prol da vida. Nessa ambiência interna, endógena, nessa ecologia interior, também se faz presente, com

muita força, nosso sistema de crenças. Podemos ter crenças limitantes ou crenças libertadoras que nos levam ao contato com a morte ou com a vida. Essa é a nossa contribuição ao que Baitello Junior denominou de “princípio de ambiência”.

Pesquisando sobre a Escola de Palo Alto que também era conhecida pelo nome de Colégio Invisível, buscamos compreender o porquê desse nome. O que descobrimos e inferimos por nossa própria conta, é que o Colégio Invisível foi um primeiro protótipo de comunicação em rede, porém, sem aparatos eletrônicos. Ainda não havia a internet, mas nem por isso os membros do colegiado sentiam que a distância entre eles os impediria de se comunicar, trocar ideias, observações e experiências. Espalhados por diversas partes dos Estados Unidos trocavam cartas riquíssimas porque ali constavam suas reflexões e propostas de opiniões acerca de hipóteses relativas aos seus estudos. Esse era um costume da época, tanto que quando Bateson autorizou Lipset a ser o seu biógrafo, entregou a ele um baú com muitas cartas e fotos. De vez em quando o colegiado se reunia em Esalem para se deleitar com o contato primário, onde passavam alguns dias juntos. Isso nos fez descobrir o elo perdido que faltava na grande cadeia que deveria ligar Bateson a Hellinger. No capítulo 3, p. 30, terceiro parágrafo, citamos alguns aportes científicos que Hellinger se baseou para sistematizar o trabalho com as constelações, e então dissemos que a abordagem multigeracional de orientação psicanalista, para chegar ao que podemos dizer “precursora direta” das constelações, foram as Esculturas Familiares de Virginia Satir (1916–1988). Satir foi precursora da Terapia Familiar Sistêmica e, como membro do Colégio Invisível, foi contemporânea de Bateson, o qual a influenciou sobre maneira com suas ideias sobre a comunicação humana. Bateson era 12 anos mais velho que Satir, e esta era 9 anos mais velha que Hellinger. Bateson e Satir estiveram juntos em Palo Alto. Não há nenhum indício sobre a participação de Hellinger no Colégio Invisível, porém faz sentido ele ter sido aluno de Satir porque esta viajou por vários lugares do mundo ensinando seu método, e conseqüentemente, ele a encontrou em algum outro lugar que não Palo Alto. Com Milton Erickson (1901–1980), psiquiatra estadunidense especialista em terapia familiar sistêmica e uma das autoridades mundiais nas técnicas de hipnose aplicadas à psicoterapia, aconteceu o mesmo. Erickson esteve com Bateson e, mais tarde, Hellinger aprendia com Erickson. Com esse elo encontrado, tudo fez sentido para nós. A conexão entre Bateson e Hellinger foi estabelecida de forma indireta.

Queremos ressaltar um ponto importantíssimo que liga as constelações familiares com a comunicação – os vínculos. Lembrando o que Menezes (2007, p. 23-24) disse: “[...] entendemos que os processos comunicativos são construções de vínculos que agregam ou

segregam indivíduos [...]”, apontamos o fato de que nas constelações, o que emaranha os indivíduos e não deixa a vida fluir como um rio são os vínculos desfeitos, intencionalmente ou inconscientemente. Consideramos aqui que os vínculos que segregam os indivíduos são as desavenças, as separações, as incompatibilidades, a nível consciente, e os abortos provocados ou não, os desastres, as doenças, a morte, inconscientemente também desagrega. O que a constelação faz? Olha para todos os excluídos vivos ou mortos, e os resgatam fazendo o reconhecimento dos vínculos desfeitos e, novamente, agregando esses seres à alma familiar. Aqui está o processo comunicativo agindo efetivamente nas constelações.

No capítulo 3, (p. 40-42), narramos uma constelação por nós facilitada, numa sessão grupal. Na narrativa dá para se fazer a leitura do “campo” através da observação da movimentação dos corpos, das sensações e emoções expressas pelos representantes. Como dissemos, os corpos dos representantes narram o que está oculto, e nós, facilitadores, somos treinados a entender essa linguagem corporal e emocional. Estamos em comunicação visual, auditiva, sensorial, intuitiva, mais além do tempo e do espaço físico tendo contato com dimensões transgeracionais. Tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, pautadas no método fenomenológico.

Queremos agora salientar que o efeito produzido pelas constelações com pessoas é exatamente o mesmo produzido pelo uso da técnica com bonecos criada por nós. Para trabalhar com essa nova técnica, é necessário anteriormente ter feito um curso de formação em constelação familiar, pois ela é embasada no conhecimento teórico, na intuição e, principalmente, na experiência de leitura do campo mórfico no qual os bonecos estão inseridos. Os bonecos não falam e não expressam sensações e emoções, contudo, com os movimentos pelo campo eles mostram, ou narram, de uma forma mais segura e confiável do que com pessoas, aquilo que é necessário ser visto. Na fala de Hellinger, “[...] o essencial é simples”. Na técnica do movimento do espírito através dos bonecos, não basta colocar o dedo na cabeça do boneco e ver que ele se movimenta independente da vontade da pessoa – é preciso saber ler o código dos movimentos que os bonecos fazem; essa é a parte que cabe ao especialista que trabalha com essa técnica. Então, através dos movimentos, os bonecos narram a história de vida do sistema familiar do cliente. Daí concluímos que, seja com pessoas ou com bonecos, as constelações familiares fazem um recorte na história de vida pessoal e familiar de uma pessoa, por meio da narrativa com fala ou sem fala, que irão nos fazer compreender o que o corpo comunica.

Na constelação com pessoas, a ressonância mórfica atua nos representantes e a comunicação se dá através do corpo humano. Na constelação com bonecos, a ressonância

mórfica atua através dos dedos da pessoa que está em contato com o boneco, o qual servirá de amplificador ou instrumento midiático para transmitir o que se quer comunicar. Essa explicação nos foi dada diretamente por Rupert Sheldrake, no dia 11 de julho próximo passado, quando tivemos a oportunidade de expor-lhe a nossa técnica e ele ter passado pela experiência de ser constelado, de experimentar o campo e sentir que, através dos seus dedos, a informação do campo mórfico era passada para os bonecos. Essa é uma contribuição nova que esperamos estar trazendo para a área da Comunicação e Cultura.

Figura 17 - Vera Bassoi ao lado do Prof. Phd Rupert Sheldrake em 11/07/2016



Fonte: Elaboração própria.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. De imagens, ecologias comunicacionais e paisagens. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E CULTURA NA UNISO, 9. 2015. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2015. (Palestra)
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BASSOI, Vera. **O trauma do nascimento**. 2006. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=3617>>. Acesso em: 16 abr. 2015.
- BASSOI, Vera. **Constelação familiar**: entrevista com Vera Bassoi na TV Nova Regional. Entrevistadora: Adriana Martins. 2010. 45min59s. Disponível em: <<http://www.consteladoressistemicos.com/video-2/634-constelacao-familiar-entrevista-com-vera-bassoi-na-tv-nova-regional>>. Acesso em: 14 maio 2015.
- BATESON, Gregory et al. **La nueva comunicación**. Barcelona: Kairós, 1994.
- BATESON, Gregory; RUESCH, Jurgen. **Comunicación**: la matriz social de la psiquiatria. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- BATESON, Nora. **An Ecology of Mind** - 7th CPH Open Dialogue Meeting. Publicado em 06 mar. 2015. 16min09s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y8lA8jsQkNw&list=PLTJ6nINMImuBpz169fKOXqHp mNSr6Y94d&index=8>>. Acesso em: 26 maio 2015.
- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **“Childhood Rivalry in Bali and New Guinea”**. Publicado em 21 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gITZEVAc8DY&index=7&list=PLTJ6nINMImuBpz169fKOXqHpmNSr6Y94d>>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- BETH, Hanno; PROSS, Henry. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1990.
- BOLZMANN, Tiiu. **Qué es constelaciones familiares**. Buenos Aires: Deva's, 2011.

CACHORA, Tata. **Bert Hellinger und Tata Cachora**. Tata Cachora é apresentado na Alemanha, por ocasião do convite de Bert Hellinger e Sophie quando Hellinger comemorou 85 anos em 2010. Publicado em 28 mar. 2013. 12min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NdEJPPgBhV4>>. Acesso em: 24 abril de 2015.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 2010.

COELHO, Reginaldo Teixeira. **Terapia em Constelação: parte 1**. Entrevista com Reginaldo Teixeira Coelho no programa de TV Movimento Contrário. Entrevistador: Silvestre Falcão. Publicado em 3 jun. 2012. 9m13s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IRICcg8i9wU>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

CONSULTA científica de Vera Bassoi com Rupert Sheldrake. Londres, Inglaterra, 2016. 4m49s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUIXLL96OLQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: ago. 2016.

DESCARTES, René. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FORMAÇÃO em terapia para bebês. Disponível em: <<https://convidanascer.wordpress.com/formacao/terapia-para-bebes/>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

GERBER, Richard. **Um guia prático de medicina vibracional**. São Paulo: Cultrix, 2000.

GONÇALVES, Marusa. **Constelações familiares: terapia individual com bonecos**. Publicado em 24 jul. 2012. 6m18s. Disponível em: <<http://www.consteladorestesticos.com/video-2/544-marusa-goncalves-terapia-individual-com-bonecos>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

GONÇALVES, Marusa Helena da Graça. **Constelações familiares com bonecos: e os elos de amor que vinculam aos ancestrais**. Curitiba: Juruá, 2013.

GOSWAMI, Amit. **O médico quântico: orientações de um físico para a saúde e a cura**. São Paulo: Cultrix, 2004.

GOSWAMI, Amit; GOSWAMI, Maggie; REED, Richard E. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

GUEDES, Olinda. **Pedagogia sistêmica: entrevista**. Realização Instituto Pingo D'Água. Publicado em 31 ago. 2012. 3min03s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xGn4RXZgCww>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

HELL, Martin. **Vers une théorie des constellations systémiques**. Belgique: Université Catholique de Louvain, 2006. Mémoire présenté en vue de l'obtention du grade de licencié en sciences de la famille et de la sexualité.

HELLINGER, Bert. A conexão entre representantes e representados numa constelação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “LOS ORDENES DE LA AYUDA, 1., 2004, México. I **Seminário Internacional “Los Ordenes de la Ayuda”**. México: Instituto Bert Hellinger. Publicado em 7 jun. 2014. 6min18s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MsD4HhZpZo>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

HELLINGER, Bert. **O amor do espírito na Hellinger Sciencia**. Patos de Minas: Atman, 2009.

HELLINGER, Bert. **Ordens do amor**. São Paulo: Cultrix, 2002.

HELLINGER, Bert; WEBER, Gunthard; BEAUMONT, Hunter. **A simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo**. São Paulo: Cultrix, 2003.

IFRAH, Georges. **Os números: a história de uma grande invenção**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

JUNG, Karl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Karl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1975.

LIIMAA, Wallace. **Princípios quânticos no cotidiano: a dimensão científica da consciência, espiritualidade, transdisciplinaridade e transpessoalidade**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.

LIPSET, David. **Gregory Bateson: el legado de un hombre de ciencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

MARITAIN, Jacques. **Introdução geral à filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

MARTINEZ, Monica. Os campos mórficos e a comunicação digital. **Ghrebh-: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, SP, v. 1, n. 13, maio/set. 2009. Disponível em:

<http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=335>>. Acesso em: 10 ago. 2015

MARTINEZ, Monica. Entrevista: Rupert Sheldrake: por uma ciência livre de dogmas. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 1, n. 2, p. 427–458, dez. 2013.

MARTINEZ, Monica; SILVA, Paulo Celso. Fenomenologia: o uso como método em comunicação. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 17, n. 2, maio/ago. 2014.

MENEZES, José Eugênio de. Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, SP, v. 6, n. 15, p. 165-182, mar. 2009.

MENEZES, José Eugênio de. **Radio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MÜLLER, Antonio Rubbo. **Elementos basilares da organização humana**. São Paulo: ESPSP, 1957.

RICCI, Trieste Freire; OSTERMANN, Fernanda; PRADO, Sandra Denise. O tratamento clássico do interferômetro de Mach-Zehnder: uma releitura mais moderna do experimento da fenda dupla na introdução da física quântica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, SP, v. 29, n. 1, p. 79-88, 2007.

ROCHA NETO, Ivan; ALONSO, Luiza Beth Nunes (Orgs.). **Complexus: tecendo juntos**. Brasília: Paralelo 15, 2011.

ROONEY, Anne. **A história da física**. São Paulo: M. Books, 2013.

ROSSEAU, Pierre. **História das técnicas e invenções**. Lisboa: Livros do Brasil, 1968.

SCHNEIDER, Jakob Robert. **Constelação com uso de bonecos Playmobil**. 2015. Disponível em: <<http://www.institutohellinger.com.br/index.php/informacoes/textos-sobre-constelacao-familiar/78-constelacoes-com-o-emprego-de-bonecos-playmobil>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

SCHNEIDER, Jakob Robert. **A prática das constelações familiares**. Patos de Minas, MG: Atman, 2007.

SHELDRAKE, Ruppert. **Entrevista com Ruppert Sheldrake**. Entrevistadora: Simone Arrojo. Publicado em 25 nov. 2014. 13m23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TuZUIh-riYQ>>. Acesso em: 05 dez. 2015

SHELDRAKE, Rupert. **A ressonância mórfica & A presença do passado: os hábitos da natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SHELDRAKE, Rupert. **A sensação de estar sendo observado: e outros aspectos da mente expandida**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SHELDRAKE, Rupert. **Uma nova ciência da vida: a hipótese da causação formativa e os problemas não resolvidos da biologia**. São Paulo: Cultrix, 2009.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. **Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. O infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galaxia**, São Paulo, SP, n. 30, p. 125-137, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532015000200125>. Acesso em: 15 maio 2016.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 125-137, maio/ago. 2015.

STAM, Jan Jacob. **Constelações organizacionais**. Entrevistador: Asier Gallastegi. Publicado em 17 jun. 2014. 3min08s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3CRiliPwT6Y>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

STORCH, Sami. **O acesso à justiça: conciliação de conflitos (Parte 1)**. Programa Sociedade Solidária. Entrevistador: Daniel Guimarães. Publicado em 13 out. 2014. 10min25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-g335HPvYZ0>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

TALBOT, Michael. **O universo holográfico**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

THOMPSON, Helen. Traumas afetam genes até de filhos das vítimas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2015. Seção Ciência. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/08/1673630-traumas-afetam-genes-ate-de-filhos-das-vitimas.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

VALENCIA, Marianela Vallejo. **Constelaciones familiares**. Colombia: Aguilar, 2008.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

EPÍLOGO

No livro “Cabeça Bem Feita”, MORIN (2003) apresenta este trecho:

Michel Cassé, em um banquete no Castelo de Beychevelle, quando um enólogo lhe perguntou o que um astrônomo via em seu copo de vinho *Bordeaux*, respondeu assim: “Vejo o nascimento do Universo, pois vejo as partículas que se formaram nele nos primeiros segundos. Vejo um Sol anterior ao nosso, pois nossos átomos de carbono foram gerados no seio desse grande astro que explodiu. Depois, esse carbono ligou-se a outros átomos nessa espécie de lixeira cósmica em que os detritos, ao se agregarem, vão formar a Terra. Vejo a composição das macromoléculas que se uniram para dar nascimento à vida. Vejo as primeiras células vivas, o desenvolvimento do mundo vegetal, a domesticação da vinha nos países mediterrâneos. Vejo as bacanais e os festins. Vejo a seleção das castas, um cuidado milenar em torno dos vinhedos. Vejo, enfim, o desenvolvimento da técnica moderna que hoje permite controlar eletronicamente a temperatura de fermentação nas tinas. Vejo toda a história cósmica e humana nesse copo de vinho, e também, é claro, toda a história específica do bordelês.” Trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, Cosmologia, ciências da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural (MORIN, 2003, p. 36-37).

Inspirados nessa fala de Morin nos remetemos ao que Bert Hellinger nos trouxe à consciência: o que devemos ver em cada ser humano. Ao olhar para um bebê acabado de nascer, um constelador internamente poderá dizer: “Eu vejo você. Vejo que em todas as células do seu corpo, metade é a sua mãe, a outra metade é o seu pai. Então, ao olhar para você, vejo seus pais, os irmãos de seus pais, seus primos, os avós maternos e paternos, os irmãos dos avós maternos e paternos, os oito bisavós, os dezesseis trisavós, os trinta e dois tataravós, os sessenta e quatro pentavós, e todas as gerações anteriores. Vejo a época em que todos eles viveram, a cultura e a história do povo que lhes deu origem. Vejo as lutas sangrentas, as guerras, as tribos, a vida nômade, o princípio da consciência de família. Vejo as dores pelas perdas de entes queridos, as brigas pelo poder e por heranças, as dissidências dentro das famílias, as imigrações, doenças, acidentes, exclusões, sofrimentos, fome, miséria, os vícios, os descontroles emocionais, assassinatos, traições e suicídios. Vejo muitas crianças que ficaram órfãs. Vejo a construção e a desconstrução de muitos núcleos familiares dentro da grande família, e vejo naturalmente este bebê chegando para, juntamente com todos os outros bebês que pertenceram ou pertencem à esse sistema familiar, colaborarem na sua autorregulação e auto-organização”. O objetivo da “alma familiar” é fazer o sistema voltar para o seu equilíbrio.